









**EPÓCHA LITTERARIA.**





A

# EPOCHA LITTERARIA

PERIODICO

SCIENTIFICO, LITTERARIO, HISTORICO, DE BELLAS ARTES

REDIGIDO PER UMA SOCIEDADE,

E DEBAIXO DOS AUSPICIOS

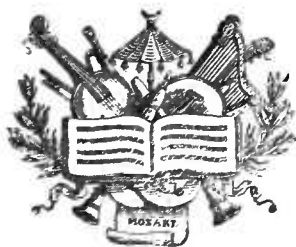
DO

*Ex. mo S. Visconde da Pedra Branca,*

DO CONSELHO DE S. M. O IMPERADOR,  
SENADOR DO IMPERIO, GRAN CRUZ DA IMPERIAL ORDEM  
DO CRUZEIRO, & c. & c.

..... Senhor, propicio attende:  
Nada por nós por nossa Patria tudo;  
Fados brilhantes ao Brasil concede.

**TOMO PRIMEIRO.**



**BAHIA,**

**TYP. DE CARLOS POGGETTI,**

Rua Nova do Commercio n.º 21.

**1850**



# INDECE DAS MATERIAS DESTE VOLUME.

	PAGINAS.
Lêde. . . . .	1
<b>Sciencia.</b>	
Os sonhos considerados sobre o ponto de vista physiologico, e pathologico . . .	18, 33, 46
Varias observações de chimica, e historia natural . . . . .	97
Hydrographia (longitudes e latitudes dos principaes pontos maritimos do Brasil)	100, 137
Resumo chorographico da provincia da Bahia . . . . .	139
Aurora Boreal. . . . .	190
<b>Historia.</b>	
Nascimento de D. Pedro, o cruel . . . . .	7, 42
As cruzadas . . . . .	63, 102, 147
Conquista da Bahia pel-a Hollanda, e sua Restauração. . . . .	169
<b>Litteratura.</b>	
Os dous rivaes (romance) . . . . .	24, 53, 73, 131, 138
Passeios de dous amigos . . . . .	48, 81
O preço da vida . . . . .	175
<b>Bellas Artes.</b>	
A flor do deserto. . . . .	30
O Foragido . . . . .	60, 90
Saudades d'ella . . . . .	95
Ode. . . . .	107
Soneto . . . . .	110
D. João d'Ario (drama). . . . .	111, 163, 185
Descripção de uma tempestade . . . . .	161
O vate e a lyra . . . . .	180
<b>Varietades.</b>	
Meio de restaurar-se a brancura do alvaia-de n'os quadros alterados . . . . .	146
Pensamentos . . . . .	168
Noticia biographica (D. Maria Ursula de Abreu Lencastre). . . . .	196
Novo instrumento para escrever . . . . .	198
Heroismo de Maria de Sousa . . . . .	190



## **AOS SENHORES ASSIGNANTES.**

---

A todos os Senhores, que se-dignárão subscrever para a publicação da—ÉPOCHA LITTERARIA—, tributamos nossos cordiaes agradecimentos; e quasi que convictos estamos que não deixarão de generosamente concorrer para a manutenção de nossa empreza: queirão, pois, aceitar nosso sincero reconhecimento.

OS REDACTORES.

# LISTA DOS SUBSCRIPTORES.

---

## AS ILL.<sup>mas</sup> E EX.<sup>mas</sup> SR.<sup>as</sup>

- D. Angelica Roza Cezar.
- D. Anna Joaquina da Silveira Barboza.
- D. Carolina Candida da Costa.
- D. Carolina Leonça Xavier de S. Tiago.
- D. Candida Izabel Gesteira.
- D. Candida Alvares dos Santos.
- D. Clarinda Alvares da Silva.
- D. Daria Roza da Silveira.
- D. Emilia Alvares da Silva.
- D. Elvira Ladisláo e Silva.
- D. Eufrozina Margarida da Fonceca Galvão.
- D. Febronia Edeltrudes Angelica da Victoria.
- D. Francisca Umbelina de Menezes.
- D. Guilhermina do Carmo Moreira.
- D. Joanna Garcez.
- D. Leonor Lopes Moitinho.
- D. Maria Joaquina Serra.
- D. Maria Constança de Carvalho e Silva.
- D. Maria Afra de Napoles Massa.
- D. Maria Carolina Serra.
- D. Maria Felicia do Couto.
- D. Maria Luiza Carneiro.
- D. Perpetua Roza de Mello.
- D. Rozenda Adriana dos Santos.

## OS ILL.<sup>mos</sup> SRS.

- Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Arcebispo da Bahia.
- Antonio Corrêa Seara (Marechal de campo).
- Antonio José de Souza e Aguiar (Tenente coronel).
- Antonio Maria de Moura e Mattos.
- Antonio Pereira de Mesquita (Dr.).
- Antonio Teixeira Machado.
- Antonio Augusto de Mendonça Junior.
- Antonio Garcia Pacheco Brandão.
- Antonio de Souza Daltro.
- Antonio da Virgem Maria Gomes (Fr.).

Antonio Marcellino da Silva Leal.  
Antonio Luiz Barros Paim.  
Antonio Franco da Costa Meirelles.  
Antonio Carlos Barretto.  
Antonio Ferreira da Rocha.  
Antonio Pereira de Carvalho.  
Antonio dos Santos Botelho.  
Antonio de Mello Moniz.  
Antonio Gomes Ferreira Brandão (Padre).  
Antonio Felix da Cunha Brito.  
Antonio Luiz de Souza Seixas.  
Antonio Gentil Ibirapitanga Pimentel.  
Antonio José de Jesus e Souza.  
Antonio Joaquim Chaves.  
Antonio Caetano d'Almeida Bahia (Dr.).  
Antonio Gomes Villaça (Dr.).  
Antonio José Saraiva.  
Antonio Joaquim de Magalhães Castro (Major).  
Augusto Victorino Alves do Sacramento (Dr.).  
Augusto Cezar de Oliveira.  
Augusto José Ferrari (Dr.).  
Arselino Martins Jambo.  
Alcebiades Agesilão de Magalhães.  
Affonso d'Almeida e Albuquerque (Capitão).  
Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima (Dr.).  
Alvaro Corrêa de Moraes (Tenente).  
Apolinario Gomes da Silva.  
Apolinario Coelho de Figueiredo (Dr.).  
Alexandre José de Barros Bittencourt.  
Aprigio José de Souza (Dr.).  
Adriano Alves de Lima Gordilho.  
Argemiro José Pereira de Carvalho.  
Agido Joaquim Porfirio de Magalhães.  
Archanjo José das Neves Brandão.  
Alcino Alvares Ribeiro.  
Antero Cicero de Assis.  
Aurelio Borges de Figueiredo.  
André Diogo Vaz Mutum.  
Ambrozio José de Carvalho.  
Ex.<sup>mo</sup> Barão de S. Francisco.  
Ex.<sup>mo</sup> Barão dos Fiaes.  
Belarmino Manoel da Silva.  
Belarmino Jacome Dorea.

Bento José Rofino Capinan.  
 Bento de N. S. das Neves (Fr.).  
 Caetano José de Moraes (Major).  
 Caetano Lopes Calmon (Dr.).  
 Caetano Vicente d'Almeida Galeão.  
 Constantino José Gomes de Souza.  
 Clemente da Rocha Galvão.  
 Casimiro Lucio de Souza Pitanga.  
 Cassiano Justino Peixoto (Padre).  
 Candido Ladisláo Japi-assú de Figueiredo e Mello (Dez.ºr.)  
 Carlos Adolpho de Avellar Alcorwene.  
 Capitão D. Carlos Balthazar da Silveira.  
 Clarindo Carneiro de Oliveira (Alferes).  
 Custodio Joaquim da Costa.  
 Clarimundo dos Santos Fortes (Padre).  
 Cyro Orozimbo Alvares.  
 Cornelio Affonso da Silva Menezes.  
 Domingos da Rocha Mussurunga.  
 Domingos Pereira Bayão.  
 Domingos José Alves.  
 Domingos de Souza Requião Filho.  
 Domingos Caetano da Silva.  
 Durval da Rocha Galvão (Alferes).  
 Demetrio Cyriaco Tourinho (Dr.).  
 Diogo Vaz Mutum (Dr.).  
 Eduardo Augusto de Souza Mello (Padre).  
 Eduardo Gantois.  
 Eduardo Barauna.  
 Eutychio Pereira da Rocha (Padre).  
 Estevão Caetano da Cunha (Alferes).  
 Egidio Jorge Franco (Alferes).  
 Elpidio Canuto da Cunha.  
 Epifanio Borges de Menezes Dorea.  
 Epifanio Pedroza.  
 Eliziarío José Barboza.  
 Ernesto José dos Santos Malhado.  
 Francisco Costa Branco (Coronel).  
 Francisco José da Silva (Coronel).  
 Franciseo de Paula Bahia (Major).  
 Francisco Antonio Ferreira (Capitão).  
 Francisco Raymundo de Macedo (Capitão).  
 Francisco Maria de Mattos Telles de Menezes.  
 Franciseo Muniz Barretto.

Francisco Carlos do Sacramento.  
 Francisco Bonifacio de Abreu (Dr.).  
 Francisco Antonio de Araujo (Dr.).  
 Francisco Tavares da Cunha Mello (Dr.).  
 Francisco Muniz Barretto de Aragão (Dr.).  
 Francisco José da Silva Junior.  
 Francisco Alvares dos Santos.  
 Francisco Leite Bittencourt Sampaio Junior.  
 Francisco Manoel de Figueiredo.  
 Francisco Nunes Corrêa.  
 Francisco Xavier Teixeira.  
 Francisco Marques de Figueiredo.  
 Francisco de Souza Galvão.  
 Francisco de Paula Amor.  
 Francisco José Cardozo.  
 Francisco Nunes Tupiniquim.  
 Francisco Rodrigues Mendes.  
 Francisco Manoel Gonçalves da Cunha (Commendador).  
 Francisco da Cunha Cardozo.  
 Francisco Lucas da Silva Nobrega.  
 Francisco Antonio Filgueiras.  
 Francisco Gomes de Amorim.  
 Francisco da Natividade Carneiro de Campos (Fr.).  
 Francisco da Cunha Baptista Madureira.  
 Francisco Justiniano de Castro Rebello (Capitão).  
 Francisco José de Araujo.  
 Felisberto Gomes de Argolo Ferrão (Capitão).  
 Fulgencio Orozimbo Alvares (Capitão).  
 Fabio da Rocha Galvão (Tenente).  
 Felismino Canuto de Faro.  
 Felix Antonio de Seixas.  
 Faria e Castro.  
 Filippe Alves de Sá.  
 Firmino Coelho do Amaral (Dr.).  
 Firmino Pacifico Duarte Gameleira.  
 Fortunato da Costa Dourmond.  
 Guilherme Balduino Embirossú Camacan.  
 Gavino Ribeiro do Nascimento.  
 Galdino José Bizerra.  
 Galdino Carvalho de Andrade.  
 Hygino Pires Gomes.  
 Herculano Antonio Pereira (Dr.).  
 Honorato do Nascimento de Maria (Fr.)

Henriques Coelho Borges.  
 Henriques José Brochado.  
 Henriques Cardozo da Costa.  
 Hostilio Tulio de Albuquerque Mello.  
 Hermogenes Barbosa Leal.  
 Hermenegildo Lins.  
 Innocencio Eustaquio Ferreira de Araujo (Alferes).  
 Izidro Alvares da Silva.  
 Ignacio Pereira da Fonceca.  
 Ignacio Vieira de Lemos.  
 Ignacio José da Cunha. -  
 Ignacio Firmo Xavier Junior.  
 Ignacio Zeferino da Fonceca Galvão.  
 Joaquim Antonio da Silva Carvalho (Tenente coronel).  
 Joaquim Olavo da Silva Rebello (Tenente coronel).  
 Joaquim Mauricio Ferreira (Major).  
 Joaquim Ignacio Ribeiro de Lima (Alferes).  
 Joaquim dos Santos Corrèa (Dr.).  
 Joaquim de Souza Velho (Dr.).  
 Joaquim Telesforo Ferreira Lopes Vianna (Dr.).  
 Joaquim Antonio de Oliveira Botelho (Dr.)  
 Joaquim Martins Jambo.  
 Joaquim Antonio Pereira do Lago.  
 Joaquim Bernardino Dorea.  
 Joaquim Borges Campos.  
 Joaquim José Florence.  
 Joaquim Alves da Cruz Rios.  
 Joaquim da Silva Torres.  
 Joaquim Pedro Garcial Leal (Padre).  
 Joaquim dos Santos.  
 Joaquim do Espirito Santo (Fr.).  
 Joaquim de Santa Florentina (Fr.)  
 Joaquim José Gaioso de Sá Barretto (Dr.).  
 Joaquim Francisco Nery.  
 Joaquim Pereira Pestana.  
 Joaquim Evaristo de Souza.  
 Joaquim Simões de Oliveira Sampaio.  
 Joaquim Gilceno de Mesquita.  
 Joaquim Maria Sève (Dr.).  
 Joaquim José Bizerra.  
 Joaquim de Aragão Bulcão Junior.  
 Joaquim Esteves da Silva.  
 Joaquim Gomes do Rego.

- José da Rocha Galvão (Major).  
 José Joaquim Gonçalves de Carvalho (Dr.).  
 José Antonio da Silva.  
 José Felix Pereira de Araujo (Vigario).  
 José de Barros Reis.  
 José Galdino Ribeiro Sanches Filho.  
 José de S. Bento Barauna (Padre).  
 José Joaquim da Costa Amado.  
 José Ferreira Santos Cajá.  
 José Telles de Menezes.  
 José Virissimo Moreira de Carvalho.  
 José Borges Campos.  
 José Candido da Silva.  
 José Joaquim de Souza Lobo.  
 José Gustavo de Mello e Mattos.  
 José Eduardo Freire de Carvalho (Dr.).  
 José Felix da Cunha Menezes (Tenente coronel).  
 José Joaquim d'Almeida e Arnizaut.  
 José Lucio da Fonseca Galvão.  
 José Pedro Xavier Pinheiro.  
 José Antonio de Lemos.  
 José Cupertino da Costa Pinheiro.  
 José Francisco de Carvalho Nobre.  
 José Joaquim dos Santos (Dr.).  
 José Ribeiro Guimarães.  
 José Monteiro de Carvalho.  
 José Candido da Costa (Dr.).  
 José de Azevedo e Almeida.  
 José Antonio Martins.  
 José Joaquim Cardozo.  
 José Antonio da Costa Guimarães.  
 José Vicente Ferreira.  
 José Joaquim da Fonseca Lima (Conego).  
 José Innocencio da Silva Bacellar.  
 José Ferreira Neto.  
 José Gonçalves da Silva (Conego).  
 José Francisco Ramos.  
 José Pereira de Souza.  
 José Rodrigues Nunes (Dr.).  
 José Eduardo Mendes.  
 José Maria de Lima (Conego).  
 José Francisco Lopes.  
 D. José Balthazar da Silveira (Major).

José Maria de Azevedo (Dr.).  
 José Rangel Turury.  
 José Francisco de Oliveira.  
 José Antonio de Sá Mattos (Dr.).  
 José Ferreira Souto (Dr.).  
 José Augusto Pereira de Mattos.  
 José Augusto Palmeira.  
 José de Araujo Matto-Grosso.  
 José Justiniano de Castro Rebello (Alferes).  
 José Maximo do Espirito Santo.  
 José Joaquim de Mello Pacheco.  
 José Duarte da Silva.  
 José Joaquim dos Reis Lessa.  
 José Jacinto Thomaz.  
 José Maria do Amaral.  
 José Vieira de Faria Aragão Ataliba (Dr.).  
 João Antonio de Carvalho.  
 João da Graça Gentil.  
 João Pedro da Cunha Valle.  
 João Thomaz (Padre).  
 João Gomes da Cunha.  
 João Ferreira dos Santos Costa.  
 João da Maia Braga.  
 João Jeronimo.  
 João Baptista Henriques de Paiva.  
 João Baptista Martin.  
 João de S. Zacarias (Fr.)  
 João Luiz Soares Martins (Padre).  
 João Rodrigues de Freitas.  
 João Adrião Chaves.  
 João Jacinto de Alencastre (Dr.).  
 João Simões Coimbra.  
 João José de Oliveira Junqueira (Dez.<sup>or</sup>).  
 João Palhares.  
 João da Costa Junior.  
 João Luiz dos Santos e C.  
 João Pereira de Carvalho.  
 João Odoyer.  
 João Izidro de Souza (Dr.).  
 João Jezuino Ladisláo.  
 João Joaquim da Silva (Dez.<sup>or</sup>).  
 João Baptista de Castro Rebello.  
 João de Araujo Matto Grosso (Padre).



João Mauricio Wanderley (Dr.).  
 João Alves Portella.  
 João Bloem (Tenente coronel).  
 João José Barboza de Oliveira (Dr.).  
 Jonathas Abbott (Dr.).  
 Julio Cezar da Silva Filho.  
 Julio Cezar de Vasconcellos Barata.  
 Jezuino Borges Pinto Meirelles.  
 Jacinto Villas-boas.  
 Jaime Silvestre Dourmond.  
 Luiz Manoel de Oliveira Mendes (Coronel).  
 Luiz da França Pinto Garcez (Brigadeiro).  
 Luiz Maria Alves Falcão Muniz Barretto (Dr.).  
 Luiz Alvares dos Santos (Dr.).  
 Luiz de Souza Gomes.  
 Luiz Bernardo de Bittencourt Freire.  
 Luiz Manoel da Rocha.  
 Luiz da França Rebouças.  
 Ludgero Rodrigues Ferreira (Dr.).  
 Lourenço de Souza Marques.  
 Lourenço da Silva Magalhães Cardozo (Vigario).  
 Lucio E. de Oliveira.  
 Liberato José Gomes.  
 Lupercio Epifanio Gahagen Champlone.  
 Libencio Manoel de Castro.  
 Leandro de Oliveira (Padre).  
 Manoel José d'Almeida Couto (Tenente coronel).  
 Manoel Messias de Leão (Dez.<sup>or</sup>).  
 Manoel Pereira Lesbio.  
 Manoel Jeronimo Ferreira.  
 Manoel Honorio da Fonseca Dorea.  
 Manoel Diodoro da Fonseca (Alferes).  
 Manoel José da Fonseca (Padre).  
 Manoel José Alves.  
 Manoel Joaquim Soledade.  
 Manoel Genezio de Oliveira (Dr.).  
 Manoel Agostinho da Cruz Mello.  
 Manoel Cyrillo Marinho (Padre).  
 Manoel Pedro da Pureza Santos (Padre).  
 Manoel Auxilio de Figueiredo.  
 Manoel Mendes da Costa Dorea.  
 Manoel Pereira da Silva Guimarães.  
 Manoel José de Freitas (Dr.).

Manoel Luiz Vergne.  
 Manoel Rodrigues Valença.  
 Manoel Francisco Ferreira Filho.  
 Manoel Bernardino Bolivar.  
 Manoel Francisco Pereira de Souza (Padre).  
 Manoel Faustino do Sacramento.  
 Manoel de Passos Cardozo.  
 Manoel de Oliveira Ramos.  
 Manoel Pinto de Oliveira.  
 Manoel Lino Moitinho.  
 Manoel Luiz Rozendo de Britto.  
 Manoel Simões de Mello (Dr.).  
 Manoel José da Costa (Dr.).  
 Manoel Joaquim Alexandrino (Dr.).  
 Marcolino Merito da Maia.  
 Manoel Joaquim de Santa Anna (Cirurgião-mór).  
 Manoel José Estrella.  
 Manoel Pessoa da Silva.  
 Manoel José de Araujo.  
 Marcolino Borges ds Castro.  
 Macario José da Rocha Capinan.  
 Mathias Moreira Sampaio.  
 Miguel Antonio Ferreira (Padre).  
 Miguel da Costa Doirado.  
 Norberto de Santo Olympio (Fr.).  
 Olympio Deodato Pitanga.  
 Olympio Manoel de Castro.  
 Pedro Carlos da Costa Cabral (Dr.).  
 Pedro Antonio de Campos (Conego).  
 Pedro da Cunha Barboza Vasconcellos.  
 Pedro Antonio Dantas.  
 Pedro do Menino Jesus (Fr.)  
 Pedro de S. João Baptista (Fr.)  
 Pedro da Fonseca Mello (Dr.).  
 Pedro José de Castro.  
 Pedro Gomes de Britto.  
 Pedro Autran da Matta e Albuquerque (Dr.).  
 Pedro Joaquim de Vasconcellos (Dr.).  
 Pedro José de Abreu (Dr.).  
 Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes (P.º M.º Fr.).  
 Raymundo Nunes Belfort (Dr.).  
 Ragozino dos Santos Martins Paiva.  
 Ricardo José de Bittencourt Leite.

Rozendo de Araujo Ferraz.  
 Rev.<sup>do</sup> Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.  
 Rev.<sup>do</sup> Prior de S. Francisco.  
 Severo Leonardo Soledade.  
 Synfronio Olympio Alvares Coelho.  
 Secundino Mendes Rabello.  
 Tude de Andrade Gomes.  
 Vicente Ferreira de Magalhães (Dr.).  
 Vicente Alvares dos Santos (Dr.).  
 Vicente Ferreira de Oliveira (Vigario).  
 Victor de Oliveira (Dr.).  
 Venancio José Monteiro.  
 Zeferino José Leal.

---

Apesar do summo euidado, que empregamos, para que este volume sahisse limpo de erros, não nos-foi possível evitar alguns, que a perspicacia do leitor prudente os-disfarçará; advertindo porém, que é assás difficil dar-se uma obra qualquer inteiramente expurgada de erros, *maxime* publicações periodicas; e por sermos inimigos de erratas, as quaes nunca se-lêem; deixamos de apresental-as.

OS REDACTORES.

---

---

# SCIENCIA.

---

## OS SONHOS CONSIDERADOS SOB O PONTO DE VISTA PHYSIOLOGICO E PATHOLOGICO.

PELO DR. M. MACARIO.

Traducção do francez por \* \* \* \*

(CONTINUAÇÃO.)

### SONHOS PHYSIOLOGICOS.

#### I.

##### Sonhos sensoriaes intra-cranianos.

(SONHOS—ALLUCINAÇÕES.)

Os sonhos, que formão esta classe, são analogos, identicos às allucinações sensoriaes. E de feito, n'um e n'outro caso, o phenomeno é o mesmo: n'um e n'outro caso, ha espontaneidade de acção do cerebro; n'um e n'outro, é o pensamento, que toma vulto, que se concreta, que se materialisa.

Nos sonhos, como nas allucinações, sobre si mesma se dobra e se reflecte a alma; tão exquisito sentimento, como em outra parte dissemos, tal sonoridade (permitta-se-nos a expressão) adquire ella; que torna-se o echo de novas sensações, que apesar da ausencia de toda impressão sensorial, vem tomar lugar no foco de sua intelligencia. E tão verdadeiro é isso, que algumas vezes as perceções do somno es-

tendem-se ao decurso da vigilia, e d'est'arte degenerão em verdadeiras allucinações.

Um medico, afflicto pel-a molestia de um de seus filhos, adormecc na sua poltrona, e vê em sonho a figura de um gigantesco bugio. Desperta todo aterrado, põe-se a passeiar pel-a sua camara, e, bem que perfeitamente acordado, continúa ainda, por cerca de meio minuto, á ver distinctamente o animal fazendo as mesmas carantonhas que no sonho.

Ouve uma viuva por tres noites consecutivas uma voz, que lhe diz: « Assassina tua filha. » A principio ella resiste e expelle estes pensamentos, ao despertar; mas a idéa, persistindo durante a vigilia, não tarda a se-tornar fixa. Retinem, sem cessar, em seus ouvidos essas palavras homicidas, e a infeliz sacrifica sua filha. (\*)

(\*) Austeros moralistas, não enxergueis n'esta desyenturada mãe um character de malvadeza, de atroz ferocidade; porém mais uma prova da contingencia, da fragilidade e miserissima condição do genero humano. Lêde, si ainda não lestes, as immortaes obras—sobre *molestias mentaes*—de Pinel, de Esquirol e de outros fulgentes luzeiros da sciencia, e não menos ineançaveis bemfeitores da humanidade, que ahí, semelhantes á este, muitos outros factos encontrareis, pel-os quaes de nenhum modo são responsaveis os miseros que os praticão, por não estarem no gozo de sua liberdade moral.

Bem sabeis que d'esta faculdade, intimamente ligada com a razão, é que ao homem resulta responsabilidade por seus actos; não ignoreis que, por isso que não as possuem, por isso que são sempre dirigidos pel-o lerdo instincto, a cujo imperio se não podem subtrahir, á cuja voz de ferro desobedecer não podem, não são os brutos responsaveis pel-os seus.

Um louco, é verdade, não é sempre igualavel á um bruto, fica-lhe muitas vezes superior em grãos diversos, porque infinitos são os grãos, e varias as especies de loucura; porém é-lhe ás vezes inferior. N'este caso talvez, sem exaggeração, se possa considerar esta mãe infeliz, em cujo coração, suffocando a voz da natureza, pôde essa infernal idéa fixa, imperiosa, irresistivel extinguir, perverter ou vencer esse *amor por excellencia*, na phrase do Sr. Menville, que *no coração das mãis imperar sóe como soberano e sem rivales*.

Severos moralistas, não são pernicioso propaganda essas idéas

É, pois, a theoria dos sonhos sensoriaes intra-cranianos a mesma, que a das allucinações sensoriaes. Produzem-se elles sob a influencia de uma modificação encephalica molecular, ou antes—de uma vibração das fibras cerebraes que

que-ahi vos apresentamos, são reflexos da verdade que submettemos á vossas meditações.

Um facto analogo vamos nós citar-vos, mencionado n'um excellento artigo sobre a *monomania* pel-o Sr. Baillarger, medico dos alienados em Salpêtrière, « como um dos mais curiosos exemplos de *monomania homicida* que possui a sciencia: » facto que bem vos pôde sobre a natureza d'este orientar. Lêde-o, meditai, e lastimai a sorte da infeliz victima de sua perversão mental. Lêde-o, meditai, e concordareis em que a unica punição, que taes infortunados merecem, é a reclusão em um asylo de alienados; porém asylo, onde, em vez da saude que vão procurar, não encontrem elles *condições de augmento de sua mal.*

« Eu abaixo assignado, Guilherme Calmeilles, etc.

« Achei Glenadel assentado em seu leito com uma corda ao redor do pescoço, fixa pel-a outra extremidade á cabeceira do mesmo leito; com outra corda tinha elle os pulsos atados. Para motivar meu relatorio, creio nada melhor poder fazer do que referir a conversação que entre mim e elle teve lugar, em presença de seu irmão e sua cunhada.

« P. Estais doente? R. Estou bom, tenho saude vigorosa.— Como vos chamais?—João Glenadel.—Que idade tendes?—Quarenta e tres annos; nasci em 96, vêde si não é certo o que digo.—É á força, ou por consenso vosso que estais assim amarrado?—É por consenso meu, e eu mesmo o hei pedido.—E para que?—Para impedir-me de commetter um crime a que tenho horror, e que, á meu pezar, sinto-me levado a commetter.—Qual é então esse crime?—Tenho uma idéa que me importuna, e de que não sou mais senhor; é preciso que eu assassine minha cunhada, e fal-o-hei si não fór impedido.—Desde quando tendes essa idéa?—Ha seis ou sete annos pouco mais ou menos.—Mas tendes alguma queixa de vossa cunhada?—Nenhuma, senhor; é uma idéa infeliz que tenho, e sinto que é mister que a ponha em execução.—Nunca tivestes idéa de matar outra qualquer pessoa, que não fosse vossa cunhada?—Tive em primeiro lugar o pensamento de matar minha mãe, e começou isto na idade de dezeseis á dezeseite annos, quando principiei a ser homem, em 1812; recordo-me bem; desde então uma hora não tenho tido de felicidade, e tenho sido o mais infeliz dos homens.—Vencestes este desgraçado pensamento?—Em 1822

correspondem aos nervos sensoriaes; porque os filetes nervosos, como o faz notar Malebranche, podem ser abalados, ou por suas extremidades extra-eraniaes, tendo assim lugar as sensações ordinarias; ou então por suas extremidades

eu não podia mais resistir; tinha eu então vinte e cinco ou vinte e seis annos; para expellir da cabeça esta infeliz idéa, parti para o exercito, assentei praça por outro; estive dous annos na Hespanha com o meu regimento, depois tornei á França; mas por toda parte me seguia minha idéa fixa: mais de uma vez fui tentado a desertar para ir matar minha mãe. Em 1826, derão-me baixa sem que eu a sollicitasse, e voltando á casa paterna, comigo n'ella entrou minha perniciosa idéa. Passei quatro annos com minha mãe, tendo sempre uma inclinação irresistivel a querer assassinal-a.—Que fizestes então?—Então, senhor, vendo eu que infallivelmente commetteria um crime que me causava espanto e horror, para não succumbir á essa tentação, alistei-me de novo por outro no exercito; já se havia escoado o anno de 1830: pela segunda vez deixei a casa paterna, porém minha idéa seguiu-me ainda; e por fim eu estava como decidido a desertar para ir matar minha mãe.—Tinheis, pois, alguma queixa de vossa mãe?—Não, senhor, eu amava-a muito; por isso antes de partir disse entre mim: « Queres matar tua » mãe, que tanto cuidado teve de tua infancia, que tanto te ama, » não obstante a funesta idéa, que contra ella nutres? Não, tal » não farei; mas entretanto é preciso que mates algum. » Foi então que me veio a idéa de matar minha cunhada; recordo-me bem, eu estava em Dax; foi em 1822. Annunciáram-me, por erro, que minha cunhada era morta: era outra parenta que tinha fallecido. Aceitei então a baixa que me derão, o que não teria feito si julgasse que minha cunhada estava ainda viva: quando cheguei em casa e soube que ella não tinha morrido, senti uma surpresa; um aperto no coração que muito mal me fez, e minha idéa recuperou seu curso.—Que instrumento preferis para dar a morte á vossa cunhada? Aqui se enternece Glénadel, seus olhos nadão em pranto, elle olha para sua cunhada e responde:—O instrumento mais brando que houver! Porém fosse qual fosse, uma vez começado o acto, conheço que seria necessario vel-a morta, tão certo como Deus é Deus.—Não te meis mergulhar na miseria e no desespero vosso irmão e sobrinhos?—Vem-me algumas vezes esta idéa, porém me darião a morte, e eu não os veria; livrar-se-ião de um monstro, qual eu sou; eu cessaria de viver; outra felicidade não posso eu esperar.

« Então recordo-me que o Sr. Grandsault de Salviat, meu

intra-cranianas, e é n'este ultimo caso que se dão estes sonhos e allucinações, em que, apesar da ausencia de toda impressão sensorial, ha percepção de sensações.

A unica differença que entre estes dous phenomenos exis-

collega e meu amigo, que actualmente se achia em Paris, me havia fallado, ha cerca de um anno, de um joven que, alguns annos antes, se havia dirigido á sua casa, acompanhado de sua mãe, á fim de consultal-o sobre um caso analogo á este em que se acha Glenadel; e, como estes casos são extremamente raros, penso que poderia bem ser o mesmo Glenadel. Pergunto-lhe, pois, si era elle quem tinha ido consultar meu collega, e elle me responde affirmativamente.—E que vos aconselhou o Sr. Grandsault?—Deu-me excellentes conselhos, e mais tarde sangrou-me.—Ficastes alliviado depois d'esta sangria?—Não senti o menor allivio; com a mesma força me perseguiu a minha perniciosa idéa.—Vou pois fazer meu relatorio sobre vosso estado mental, e seguir-se-ha que sereis posto em uma casa de saude, onde talvez vos curem de vossa loucura.—Curar-me não é possível; mas fazei vosso relatorio quanto antes, o caso é urgente, não posso mais ser senhor de mim.—É mister que vossos pais vos tenham instruido em bons principios de moral, que vos tenham dado bons exemplos; é mister que tenhais alma candida para terdes, por tempo tão longo, resistido á essa terrivel tentação. Aqui de novo se enternece Glenadel, verte lagrimas e responde:—Adevinhastes, senhor; porém mais penas me causa esta resistencia que a morte: sinto que não posso mais resistir, e matarei minha cunhada si não fôr impedido, tão certo como Deus é Deus.

«Glenadel, disse-lhe eu, antes de vos deixar peço-vos um favor: resisti ainda por alguns dias; vós não vereis por longo tempo vossa cunhada, nós vamos trabalhar por tirar-vos d'aqui, pois que tanto o desejais.—Senhor, eu vos agradeço, e farei por executar o que me recommendais.

«Já eu tinha sahido da casa, e quando ia montar a cavallo para partir, Glenadel manda chamar-me; chegando-me eu, diz-me elle: Dizei á esses senhores que eu lhes rogo que me ponhão n'um lugar d'onde não me possa evadir, porque farei tentativas para o conseguir; e, si eu puder escapar-me, então minha cunhada será morta; evadir-me-hei sómente para matal-a; dizei á esses senhores que fui eu mesmo que tal vos disse.—Eu asseverei-lhe que o cumpriria. Vendo-o, porém, em grande exaltação, perguntei-lhe si a corda que lhe-atava os braços era bastante forte, e si elle não sentia-se com força para se desprender.—Elle fez uma tentativa, e me disse: temo que sim.



te é—que os sonhos tem lugar no somno, isto é—n'um estado que suspende a acção de muitos órgãos exteriores, que em differentes grãos modera a de muitos interiores e as impressões que elles recebem, e augmenta ás vezes a sensibilidade e a força de acção de alguns; entretanto que nas allucinações, os órgãos externos e internos, percebendo sensações falsas, continuão no exercicio de suas funcções. Por outras palavras, elles não estão adormecidos como nos sonhos, mas em vigilia.

Outra particularidade approxima ainda os sonhos—das allucinações. Sabe-se que certos allucinados, apreciando o estado actual de sua intelligencia perfeitamente, ao desarranjo de suas faculdades intellectuaes, como nós o fariamos, attribuem suas allucinações. Assim tambem, quando sonhamos, nos acontece muitas vezes reflectir que somos o ludibrio de um sonho, principalmente si este é demasiado temido, ou excessivamente desejado.

Tem-se notado que os sonhos, que ao sentido da vista, do ouvido e do tacto, se referem, são muito mais frequentes que os do gosto e do olfacto. « É mui raro, diz Brillat-Sa-

—Porém si eu vos procurasse alguma cousa que vos pudesse conservar os braços mais fortemente ligados, accital-a-heis?— Com reconhecimento, senhor.—N'este caso pedirei ao commandante da policia que me empreste aquillo de que se servem para atar as mãos aos presos, e vol-o enviarei.—Ficar-vos-hei obrigado.

« Propunha-me eu a fazer muitas visitas á Glenadel para bem certificar-me de seu estado mental; porém segundo a longa e penosa conversação que com elle tive; segundo o que me havia dito meu collega, o Sr. Grandsault; segundo o que me tem referido o irmão e a cunhada de Glenadel, que bem afflictos estão pelo deploravel estado em que se acha seu desgraçado irmão; sem novas observações fico bem convencido de que João Glenadel está atacado de monomania delirante, caracterisada n'elle por uma tendencia irresistivel ao homicidio; monomania de que foi atacado Papavoine e outros, felizmente em pequeno numero.

Em fé do que, etc.—CALMEILLES, official de saude.»

(Nota do traductor.)

varin, que se refirão ao gosto e ao olfacto as sensações que se tem nos sonhos. Quando o individuo sonha com um jardim ou com uma campina, vê flores sem sentir-lhes o perfume; si julga assistir á um banquete, vê as iguarias sem saborear-lhes o gosto. Seria trabalho digno de mais illustradas intelligencias, accrescenta elle, indagar o porque não impressionão a alma, durante o somno, dous de nossos sentidos, entretanto que os outros quatro (o quarto sentido, de que quer fallar este autor, é o genesico) gozão de quasi toda sua potencia. Nenhum psychologo conheço eu, que de tal se tenha occupado.»

Pois bem, d'este phenomeno demos nós a razão, fallando das allucinações (1). Eil-a: é porque as sensações do gosto e do olfacto são muito menos determinadas, muito menos definidas, muito menos precisamente expressas, pelos signaes da linguagem, do que as sensações da vista, do ouvido e do tacto. Peremptoriamente ha o Sr. Cerise demonstrado a necessidade da intervenção dos signaes da linguagem na producção das sensações (2). Parece-nos, pois, da maior evidencia que, si são obscuros e mal determinados os signaes que servem para designar as sensações do gosto e do olfacto, necessariamente vagas e confusas devem de ser as idéas que estes signaes traduzem, e por consequente mais difficil, mais rara e mais obscura sua expressão ou sua traducção. É justamente o que tem lugar nos sonhos e nas allucinações do gosto e do olfacto.

De todos os signaes, os mais precisos são os que designão as sensações da vista; por isso são, d'entre todas, as mais bem desenhadas as percepções do somno, que á este sentido se referem. As do ouvido o são um pouco menos; porque já são mais obscuros os signaes que as traduzem. E de feito

(1) V. nossa *Memoria sobre a demonomania*, e nossa *Memoria sobre as allucinações*.

(2) Cerise, *Das funções e das molestias nervosas*, obra co-rouda pela academia de medicina.

os sons e as vozes, que nos sonhos ouve o individuo, são em geral puramente psychicos, e só por excepção é que se tornam realmente sensoriaes durante o somno. As sensações do tacto, enfim, são muito distinctas; o que sobretudo depende de se tornar a sensibilidade maravilhosamente exquisita durante o somno, como mais tarde teremos occasião de o demonstrar.

Notavel influencia tem a idade sobre a natureza d'estes sonhos. « Na infancia, sonha-se com folguedos, jardins, flores, paisagens e outros objectos risonhos; depois d'ella, com prazeres, amor, combates, casamento; mais tarde, com estabelecimentos, viagens, favores do soberano ou dos que os representam; mais tarde, finalmente, com embarços, negocios, thesouros prazeres preteritos e amigos desde muito tempo mortos. » (Brillat-Savarin.)

Tambem, do mesmo modo, devem o caracter e o temperamento individuaes influir sobre a natureza oppressiva ou expansiva dos sonhos. O homem alegre e jovial terá sonhos agradaveis e encantadores; sonhos tristes e lugubres o melancolico. Será por terriveis e pavorosos sonhos perturbado o somno do homem timido e pusillanime; sonhará o bravo com immortaes proezas e gloria.

Durante o somno, os sentidos não cahem todos ao mesmo tempo, nem no mesmo gráo de inercia. « No momento em que principia o somno, diz Br.-Sav., os órgãos dos sentidos cahem pouco a pouco na inacção. O gosto em primeiro lugar, depois a vista, mais o olfacto; vela ainda o ouvido, e sempre o tacto, porque elle ahi está para, pela dor, advertir-nos do perigo que pôde correr o corpo. »

Cullen havia já demonstrado que, no começo e por toda a duração do somno, podem os diversos órgãos não adormecer sinão successivamente ou de modo muito desigual, e que a exitação parcial dos pontos do cerebro que lhe correspondem, perturbando a harmonia de suas funcções, deve de produzir então imagens irregulares e confusas, que não tem fundamento algum na realidade dos objectos.

Não é esta, nos sonhos, a causa unica do caracter irregular das imagens, e da incoherencia das idéas. Já vimos que poderosamente influe o gráo mais ou menos profundo, mais ou menos leve do somno, sobre a clareza ou sobre o vago dos sonhos, e mesmo sobre seu completo esquecimento.

E de feito, supponhamos que de um somno leve passamos a um somno profundo, e *vice-versa*: é de evidencia que seguirão os sonhos estas alternativas, e serão— ora claros e lucidos,—ora obscuros e fugazes, ou mesmo nullos, ou antes insensíveis; e, como não são nos sonhos eonservadas as relações de tempo e de espaço, resulta que todas essas imagens, todas essas idéas vagas ou lucidas se associão, se misturão, se confundem, e formão complexos espantosos de extravagancia, de estranheza, de incoherencia e de chiméras; e assim deve de ser, pois que extincta se acha então a unidade de tempo e de lugar que nota e classifica—por ordem chronologica—os acontecimentos

Todos os homens indistinctamente, de qualquer classe da sociedade, são de igual modo sujeitos aos sonhos de que se compõe esta primeira classe. Facil é isto de conceber-se; porque são puramente sensoriaes as idéas a que elles se referem. Por isso, de todos os sonhos, são estes os mais frequentes, e os que mais profundamente se gravão na memoria.

(*Continúa*):



---

# HISTORIA.

---

## NASCIMENTO DE D. PEDRO, O CRUEL.

(CONTINUAÇÃO.)

### IV.

Após á morte da infeliz mulher do lavrador, dez dias haviam decorrido, e n'ò fim d'esse tempo uma consternação geral poizou n'ò gremio de Sevilha. . . todos os seus habitantes, em procissões, cobertos de lucto, e com o dó impresso profundamente n'os semblantes, affluirão para os templos, a deporem, gemendo aos pés do Crucificado, mil devotas preces, sahidas bem do fundo dos seus corações.

Porém essa numerosa e triste concurrencia de povo a carpir. . . essa tristeza. . . esse lucto. . . essa geral consternação. . . tudo isso que queria dizer? . . .

Denotava tudo isso—que a malfadada rainha—a virtuosa D. Maria prestes estava a descambar para o tumulo, e sobre o leito das agonias esperava, como o justo, resignada a morte! . . . De um dos camarins do seu palacio partião agudos e continuados gemidos, e o monarcha, ladeado de seus cavalleiros, triste, com a fronte crespada de profundas rugas, em que se-lia a desesperação de sua alma, aguardava a noticia da morte de sua querida esposa, e essa idcia assaltava a mente de todos, e todos gemião sem poderem remediar um mal tão grande, e á fóra—que interviesse a suprema vontade do

Omnipotente—tudo estaria perdido;—e o unico remedio seria a morte; n'ò entanto um pagem apparece gritando :—Um judeu . . . . um judeu—pretende fallar á el-rei meu senhor, e diz que salvará nossa augusta rainha. . . .

D. Affonso e os cavalleiros ficarão surprehendidos com as palavras do pagem. . . . não sabião em taes conjuncturas o que suppor; . . . porém n'ò meio dos perigos o homem torna-se nimiamente credulo, e deposita com facilidade em tudo—esperança de salvação—até n'aquillo—que lhe-pareceria inteiramente ridiculo—se-estivesse fóra d'elles; e é por isso que o naufrago soffrega se-vale muita vez da mais fragil taboa do navio, ou de outro qualquer objecto com que depára no caldeirão das ondas, e n'elle espera salvar-se; e foi por isso que o monarcha ordenou para logo, que levassem o judeu á sua presença.

O judeu havia sabido, não sei por que meios, da trama infernal de D. Leonor com a moura, e indo á presença de D. Affonso, este lhe-perguntou :

—Quereis salvar a rainha?

—Sim senhor. . . .

—E como? lhe tornou o monarcha. . . .

—Em breve o sabereis. . . . Mandai, que saião da camara da rainha minha senhora,—todas as pessoas, que lá estão,—ficando só tres damas, e ella estará salva de todo risco. . . . e em breve resplandecerá—um astro que fará a gloria de Castella. . . .

O ar de confiança, com que fallava o judeu, decidiu immediatamente o monarcha—á mandar que se-fizesse o que havia pedido o dito aventureiro; e as esperanças de todos já perdidas de novo renascêrão.

Pouco tempo depois que n'a camara da rainha teve ingresso o judeu, por ordem d'este—sahiu uma das damas, que lá se-achavão, á participar ao rei, que sua augusta esposa acabava de afastar-se das beiras do abysmo—sendo mãi de um gentil menino;—porém que ninguem entrasse n'ò camarim primeiro, que elle chamado houvesse.

Indizível foi o prazer que substituiu o pesado lucto. . . que opprimia o coração do rei, e dos cavalleiros. . . rapida voou per toda a cidade essa noticia, e de repente estrenecêrão os torriões das igrejas com o dobrar dos bronzes sagrados, que entornavão pel-os ares correntezas de sons festivos. . . . todo o povo—que, pouco tempo havia ainda—taciturno e triste—com os olhos roixos de pranto, e os corações mordidos e lacerados de pezares, caminhava para os templos,—agora alvo-rotado, alegre—sahe dos templos—e demanda o palacio de seu rei, com vivas de alegria e enthusiasmo—acclamando o feliz successo de sua augusta soberana, e mais o nascimento do futuro herdeiro do throno.

D. Leonor sem poder dar credito ao que estava ouvindo e vendo—despede um pagem ao palacio de D. Affonso á certificar-se da verdade; o pagem de volta—dice-lhe que com effeito era o que se-dizia, por que todo o povo de Sevilha apinhado na porta de palacio bendizia o feliz nascimento do principe, e que D. Affonso com seu brilhante cortejo de cavalleiros, em attenção—ao momento soberano, em que acabava de despontar a mimosa vergontea sua, que tinha de defender um dia o throno de Castella, prodigalisava ao povo mil graças e beneficios. . . .

Com tal noticia indignada a dita D. Leonor,—rapida como uma setta, voou ao gabinete, em que estava a moura de joelhos com os feitiços fortemente comprimidos n'as mãos, e tremula de raiva, e com o inferno todo n'o peito—lhe-bradou com uma voz cavernosa, e mais rouca e horrivel do que o estampido de uma tempestade:

—Trahiste-me, infame!.. desgraçada!.. mataste a mulher do lavrador, e acabas de salvar aquella, cuja morte eu ambiciono, como o condemnado ambiciona a salvação!.... Mandar-te-hei reduzir á cinzas. . . .

Ouvindo a moura essa terrivel sentença, deixou cahir das mãos os feitiços—balbuciou certas palavras inintelligiveis—alevantou-se como um espectro. . . e desapareceu sem que D. Leonor a-podesse impedir.

Foi justamente n'este momento, que a rainha deu á luz—o fructo de seu amor,—que depois veio á chamar-se—Pedro, o cruel, por causa das inauditas cruezas, que obrou. (1)

Dous annos depois de haver assumido o sceptro de Castella—foi a desalmada D. Leonor uma das innumeradas victimas suas! . . .

Monarcha mais tyranno, e mais sanguinario, nunca se viu, do que este. . . . porém tanto—houve um Nero—um Calligola! . . .

Todos os dias do seu reinado forão assignalados por mil barbaridades. . . . e cada momento elle tinha um projecto de sangue. . . . e para logo o-executava. . . . e assim gemeu Castella debaixo do peso desolador das barbarias d'esse monstro, até—que o-destronou,—acclamando por seu rei,—D. Henrique—filho de D. Leonor Nunes de Gusmão! . . . Taes são as coizas d'este mundo! . .

Bahia 25 de Agosto de 1849.

J. M. PEREIRA DE ALENCASTRE.



(1) Sobre a magia da feiticeira—se-explica por esta maneira o Chronista: « Por aqui se verá o poder que tem o diabo n'este mundo, á quem Christo Nosso Senhor Deos chama pryncipe d'este mundo, e se verá o poderio diabollico dos feitiços (\*), e tambem podemos diser que tão forte pryncipe e cruel, como foi D. Pedro, mylhor fora pera elle morrer no ventre, que viver pera tantos males, e avcr tanta má fim que ouve, e a muitos deu. »

(\*) Não nos-deve admirar, que o nosso povo—falta de instrucção—dá credito á bruxarias, e outras coizas semelhantes, quando essa crença, esses prejuizos partem de muito longe, e os mesmos historiadores, e monarchas—acreditavão em feitiços—como attesta o facto, que acabamos de narrar. Feliz tempo era esse, em que o espirito humano com pouco se-contentava, em que todos quasi que abraçavão a nuvem por Juno.



---

---

# LITTERATURA.

---

## PASSEIOS DE DOUS AMIGOS.

### I.

Havião por costume dous mancebos, que desde a sua primeira idade protestarão-se mutuamente verdadeira amisade, — e com quem a Natureza fôra prodiga de seus dons, — todos os dias pel-a manhã, sahir á passeiar pel-o campo, e então ou sentados á branda sombra de uma arvore frondosa; ou reclinados sobre a relva n'as fraldas de uma montanha, de cujo pincaro se-despenhavão cristallinas aguas, que se-quebrando com força por sobre a lagem, produzião sons tão suaves e amenos, que se-harmonisavão com os doces innocentes gorgeios dos passarinhos; — e algumas vezes mesmo divagando incertos pel-o sitio destinado ao seu passeio, — ambos os mancebos alli contemplando as soberanas maravilhas de Deus, admiravão e bemdizião a Dextra Omnipotente, que as-produzira.

Um dia pois — sahirão elles ao seu costumado passeio, quando começava a manhã serena e bella á diffundir seu clarão duvidoso, e pallido por sobre as altas cumiadas dos sêrros, aonde a agreste florinha levemente se-baloicava, banhada pel-a suave correnteza da briza do levante, abrindo o seu delicado seio ao rocío matutino, trocando um sorrizo de

innocencia com a estrella d'alva, que reclinava-se radiante e garboza em seu azulado celeste encosto;—parecia que n'essa hora—algum Anjo—per alli vagueando invisivel—derramava com turibulos de flores perfumes do céo—pel-o sagrado—silencioso, e augusto sanctuario da Natureza, que assim tão bella, tão sublime, tão revestida de gallas, e louçanias, entoando hymnos (1) de gratidão ao seu Soberano Architecto, parecia estar celebrando o seu grandioso anniversario.

Os dous mancebos—ao entrarem aquelle dia—o seio mag-nifico da Natureza, e maravilhados de a-verem tão magestosa d'est'arte a-saudarão:

—« *Salve augusto orgão dos immensos prodigios de Jehovah! Magestosa e sublime Natureza salve! . . .*

—« *Digna-te de receber-nos em teu soberano sanctuario, pacifica morada de innocentes prazeres, sacrosanto asylo da paz e da innocencia;—assim dizendo—ambos se-assen-tarão sobre um lagêdo, que guarneçia a fresca margem de um ribeiro, que permeyava aquelle sitio delicioso—docemen-te murmurando,—como um orgão que acompanhava as notas dos hymnos religiosos, que a Natureza entoava ao seu Creador; e ambos alli sentados,—agora um, e logo o outro—alternadamente começarão de fazer taes reflexões:*

—« *Como é de encantar—o profundo silencio, e a celeste harmonia, que impera por todo este vasto religioso, e respeitavel sanctuario! . . . Como tudo isto faz, que a alma do homem se embriague de puras inefaveis delicias, e se-ensope inteira n'õ balsamo suave e sancto das celestes esperanças, ao contemplar tanta grandeza, e ao lembrar-lhe que é Deus o Supremo Author de tudo isto! . . .*

—« *Que homem existirá sem coração, e sem alma, que deixe de vir por esta hora—esquecer-se ao menos por breves*

(1) *La Nature publie sans cesse les louanges du Createur, et il n'y a rien de plus religieux que les cantiques, que chantent avec les vents, les chênes, et les roseaux du desert. (Chateaubriand—Genie du Christianisme.)*

passageiros momentos—as dores da terra, (2) folheando pagina á pagina—esse eloquentissimo livro da Natureza, aonde—não a mão do homem imprimiu esses mesquinhos e rudes caracteres somente proprios á exprimirem seus por de mais acanhados pensamentos;—mas aonde a Omnipotente Dextra de Adonai escreveu verdades incontestaveis, e sublimes, verdades lá do céo, com outros caracteres incomparavelmente mais variados, mais magnificos, e mais expressivos, do que os dos homens! . . . »

E com effeito—cada um astro,—cada flor é uma letra exarada n'a infinita e sagrada Epopeia, que immenso narra os prodigios, as maravilhas, e a Omnipotencia de Deus, e é n'este sagrado sanctuario folheando este livro immenso, que o poeta, e o philosopho se-arroubão, se-elevão além da alçada commum dos outros homens; e se-divinisão;—e então aquelle sentindo arder-lhe n'o peito a pura chamma de um estro divino, solta dos seios d'alma um hymno, que tem de subir ao soberano solio do Todo Poderoso—á par com os hymnos, que a Natureza continuamente eleva ao seu Creator;—e este sem descanso investigando as verdades—n'o immenso Evangelho—escriptas por Adonai reconhece a mesquizez de seu nada, e então sobre o pó—abate humilde a sua frente, ao passo que sua alma paira n'o infinito.

Comparativamente ao fatigante e confuso borborinho da cõrte que immenso contraste nos-apresenta o brando socego d'essa maravilhosa paisagem! . . . Aqui se-abraça a angelica innocencia com a paz celeste, e alli anda a discordia atrabiliaria de mãos dadas com o crime infernal; mas é por que o homem, logo que se-afasta demasiadamente dos costumes simples da Natureza, e os-degenera, e aborrece o agradável desalinho dos campos (3) para viver somente n'o meio d'isso,

(2) Partout, où il y a variété, il y a distraction, e partout où il y a distraction, il n'y a plus de tristesse. (*Chateaubriand—Genie du Christianisme.*)

(3) « Que doce não é fugir dos homens para viver com as

que actualmente se-chama *civilisação*, palavra, que quanto á mim, sentido nenhum exprime, ou quando alguma significação tenha, outra certamente não pôde ser, senão *immoralidade*; (4) o homem, digo, se-perde correndo ás sôltas pel-a feia

plantas!..... Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pel-o prumo da sua pequenez, e vir n'ò desalinho dos campos folgar em liberdade com a natureza!..... (*Garrett—Flores sem fructo—pag. 103.*)» Não se-entenda, que queremos provar com isso, que o homem deva viver n'os seios das florestas em um estado selvagem, desconhecendo seus deveres para com seu semelhante, vivendo sem lei, sem patria, sem costumes, e sem religião; o que dizemos é, que é um homem civilisado, aquelle, que tem esclarecido a sua intelligencia, que segue—apóz haver aperfeiçoado, mas nunca degenerando, os costumes simples aprendidos n'ò compendio immenso da Natureza,—que se-submette á leis justas e sabias, e que respeita, adora e teme a um Deus Omnipotente; ora o que se-diz de um homem, diz-se de um povo inteiro, e é esse estado de um povo que chamamos verdadeira civilisação; porém se elle em lugar de aperfeiçoar os costumes simples da Natureza, aberra d'elles inteiramente, e os degenera, então passa de um extremo, á outro muito peor;—passa do estado de barbara innocencia ao de perniciosa malicia, que arrasta o homem a commetter todas as maldades, e é á esse segundo extremo, á essa mal entendida civilisação de hoje que nos-referimos.

(4) Os homens tem inventado—como elemento d'isso, que hoje erradamente chamão civilisação—mil etiquetas repugnantes e absurdas, de sorte que aquella moça, por exemplo, que é bem educada, espirituosa, modesta, e recatada,—mas que, ao encontrar-se n'a sala com algum moço, que foi visitar, p. ex., seu pae, seu marido, ou seu irmão, não foge, nem se-esconde, como a ovelha ao deparar com o lobo,—e antes muito polida e cortezmente o-saúda, porém que não procura entrar n'a sua conversação para mostrar que é uma litterata, uma poetisa, que tem composto esta ou aquella obra, lido este ou aquelle romance, etc.—aquella moça, dizemos, com todas essas boas qualidades, mas que não frequenta bailes, e se os-frequenta, recusa-se á contradançar, e á passeiar de braço dado—com algum moço—dos que se chamão do *grande tom*,—pel-os salões, e pel-o jardim etc., dizem logo, que é mal-creada, tabarôa, e matuta;—esquecendo-se, de que algumas das que se-chamão cortezãs, e civilisadas, soffrendo ordinariamente de flatulencias, e outros achaques de semelhante natureza, com as afadigas das contradanças, e dos passeios pel-o jardim e salões, podem molestar-se

estrada dos crimes,—nada respeita, nem a sociedade, nem os templos do Senhor,—vive sem religião, por que diz que qualquer rito religioso é uma invenção dos homens, e que nenhum é verdadeiro,—desrespeita as leis, de todos se diz verdadeiro amigo, não tomando por base da sua amizade as boas qualidades, que adornão e caracterisão a pessoa d'aquelle á quem tal se-confessa,—mas unicamente o seu interesse, —e este—se por ventura falta-lhe algum dia, adeus amizade,—e para logo,—dada occasião opportuna,—se-apressa á embeber o punhal n'ò peito d'aquelle, de quem pouco antes se-dizia seu verdadeiro, e intimo amigo, e de quem não pequenos beneficios recebido havia. (5)

Oh meu Deus! . . . quanto em si proprios desfigurão os homens—Vossa Imagem e Semelhança, em quanto que os irracionaes, que n'a fórma não só, mas em tudo são diversos dos homens, á risca executão vossos preceitos soberanos!

Como se-afaga mutuamente—aquelle innocente, e mimoso par de avcsinhas, tão satisfeitas de si mesmas, e de seu amor, sem ambicionarem os consortes alheios! . . . E exemplo assás poderoso é aquelle—de fidelidade, amor, e candura, para os homens, que, desregrados n'as suas paixões, cerrando os ouvidos aos brados ingentes, e despertadores de sua consciencia, commettem toda a casta de perversidades.

muito, e depois para não dar algum desgosto, ou assim á modo de um espectáculo pouco agradável, *deixão o baile, e desaparecem. . . .*

Bem se-vê que isto é mau, e por isso não gostamos d'essas civilisações, que incommodão a gente, e fazem, que *alguem em vez de ir por diante, ande como caranguejo, de diante para traz.*

Assim pois—a moça, que hoje se-chama tabaròa, matuta, malcreada, quanto á nós—é um thesoiro inapreciavel;—c a cortezã, a civilisada é um flagello para um irmão, um marido, ou um pae.

(5) Deus nos-livre sempre de amigos de tal jaez. Amigos de nova especie,—amigos civilisados á moderna, amigos, que recompensão os favores recebidos, com o veneno, ou com o punhal—fóra com elles, não queremos por fórma alguma graças com essa gente, que muito conhecemos.

Se um homem prostrado ante ás sacro-santas aras de Deus, profere o voto de perpetuo amor, fidelidade e candura á aquella mulher, que escolheu por sua companheira n'as dores e prazeres d'esta vida, ao erguerem-se d'alli—ou um d'elles, ou ambos vão infringir impiamente esse voto solcmne, poisa a discordia entre elles, (6) o demonio os-afasta, e elle ou ella então se-desenfreia, e dá larga despejadamente ao seu genio de dissoluções, e para logo—o homem, que abandonou sua mulher n'a miseria, e n'a indigencia, para depois vel-a deshonorada, procura seduzir a esposa d'aquelle, que só para ella vivia, e em seu seio depunha todas suas agônias; e aquella mulher, que para revolver-se n'ò immundo lacamaçal de suas paixões ha votado ao desprezo o seu marido, vai tambem tentar o consorte d'aquelle, que n'elle somente depositava todas suas esperanças, que somente á elle votava seu candido, puro e ardente amor, e que á elle somente— havia confiado o seu porvir, os seus destinos, e entretanto vão longe d'esses pacificos lugares, todas essas infamias, que habitão as côrtes, d'onde a innocencia, a amisade, a beneficencia, e todas as virtudes alfim,—ou de envergonhadas remontarão para o céo, d'onde emanarão, ou vierão refugiar-se n'este respeitavel sanctuario.

Aquelle monarcha da vegetação (7) como—ostentando uma nobre e regia magestade, estende suas verdes e viçosas ramas, e sob ellas abriga generoso e benigno o fragil pequeno arbusto! . . . .

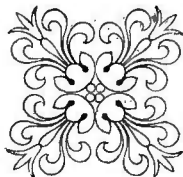
(6) Todos os outros animaes, que occupão a terra, ou vivem pacificos, ou se brigão, nunca é contra a femea. A urso erra tranquillamente com o urso pel-o meio dos bosques, a leão deita-se socegada ao pé do leão, a loba vive sem temor com o lobo, e nem a novilha reccia as agudas pontas do toiro.

Só o homem;—não sei que peste infernal, que execranda furia, que detestavel megera o perturba, que a mulher, e o marido andão sempre dize tu, dirci eu, fervem as descòmposturas, zunem as bofetadas, e muitas vezes chegão até á manchar de sangue o leito, em que hymeneu os-sociou (*Ariosto.*) Fazemos as devidas e honrosas excepções.

(7) O cedro, que abunda em alguns lugares do Brasil.

Bem podera com elle viver, tomar lições de justiça, — vir aprender a defender o mais fraco das perseguições do mais forte, — aquelle homem que governasse homens; — oh! . . . que então — os povos incessantemente bemdirião seus monarchas; porque estes saberião repellir para longe de si — tantos homens degenerados (8) — que desgraçadamente rodeião os solios regios e buscão somente o seu bem estar, as suas conveniencias, e o povo que gema, e gema até cançar, que debalde são os seus dolorosos gemidos, os seus justos reclamos, que não pungem os impossiveis corações d'esses orgulhosos magnates, que zombão do povo, como o rochedo zomba das ondas, e se-recreião com suas dores, como um Nero outr'ora folgava com o horroroso espectaculo de uma cidade entregue por seu mandato ás chammas.

(*Continúa.*)



(8) Bem se sabe, que se muitos d'esses homens, que rodeião os thronos dos monarchas, procurão satisfazer os seus desejos de honras e riquezas, e poderes, cavando d'est'arte a ruina dos seus soberanos, (*ás vezes bem maus que são,*) e a ruina do povo, outros, porém raros, existem, que sacrificão seus interesses, sua fazenda, e até seu proprio sangue ao bem de seus soberanos, de sua nação inteira, por isso vá a carapuça á quem toca, ou então se-corrija que será o mais prudente.

## OS DOUS RIVAES.

ROMANCE

POR L. O. TELLES DE MENEZES.

CONTINUAÇÃO.)

## II.

N'abobada celeste um astro ao menos  
 Não resplandece;—negro manto esconde  
 O brilhante painel, que os céos adorna:  
 E ás sós com seus pesares vela o triste (\*)  
 A\* tristes reflexões abandonado.

(C. J. GOMES DE SOISA—*Preludios Poeticos.*)

## A FUGA.

**M**EDONHA continuava a noite; — tempestuosas lufadas de vento, rouco estampido de trovões, enorme pezo de chuva, como que attestavão, que Deos conspirado contra os homens pel-os seus feios crimes—queria demolir e aniquilar a machina do mundo; e n'essa lueta horrivel dos elementos ouvia-se á deshoras languida voz de virgem de quando em quando rezoar n'ò espaço, de envolta com o rouqueijar, atraz da tempestade.

(\*) Parodia do seguinte verso do mesmo aútor. — *Eu só e a minha musa véto triste &c.*



Erão as timidas e candidas donzellas—consagradas á vida silenciosa e pura e sancta dos claustros—que oravão á Deos pidade e compaixão para si, e para o resto dos homens, e as suas vozes convertendo-se n'um som único, harmonico, suave subião para o céo atravez do medonho sonido d'essa tormenta, que se era capaz de inspirar horror n'alma do homem, que tivesse a consciencia pura de crimes, muito mais n'o coração d'aquelle que não ha muito acabava de perpetrar um attentado! ..

Assim pois Alfredo,—em quanto o seu rival sobre o leito das dores agonisava á braços com a morte, se-achava n'um estado ainda peor e mais doloroso,—e mais digno de compaixão era elle, do que o primo de Mathildes, por que este sentia somente as dores physicas, ao passo que aquelle suportava até não mais todos os tormentos, todos os tratos, que lhe davão n'alma bem crueis os seus remorsos; de sorte que em cada rajada de vento, e em cada estourar de um trovão o infeliz mancebo ouvia a voz do Omnipotente bradar-lhe: —« *Reprobo, esconde á face dos homens essa fronte estigmatizada por mim!* » —Em cada abrir de um relampago elle via ante si o inferno aberto e preste á absorvel-o, e a chuva se-lhe-afigurava da côr do sangue, que escorria do peito do seu rival.

Em seu gabinete o desgraçado amante sentado em uma cadeira proxima de uma mesa, aonde recostava o braço direito, sobre o qual tinha reclinada a fronte,—se-abandonava inteiramente á immensa dôr dos seus remorsos, e se alguma vez deixava de imaginar em seu crime, era para pensar dolorosamente n'a supposta traição de Mathilde, da qual não se-podia elle convencer (bem que todas as apparencias estivessem revestidas de um character de realidade para attestarem a aleivosia de sua amisade) pois que muito perfeitamente conhecia a indole má, o infame character de Leopoldo, e por isso esperava provas inconcusas; porque seu amor—tão são, tão puro, tão ardente era, que não lhe-dava lugar á decedir-se contra o lindo objecto d'elle.

Neste estado se-achava o mancebo, havia pouco mais ou menos um quarto de hora, quando um individuo alto, de uma constituição atletica, porém ja um tanto calvo, e cuja idade parecia orçar assim pelos seus 65 annos á 70, pouco mais ou menos, entrou no gabinete de Alfredo:—era elle um velho creado da casa do mancebo, e que o-havia acompanhado desde a sua infancia, e a quem amava tanto, quanto um pai ama seu filho.

—Que tendes, senhor?—perguntou o velho creado, vendo o estado de prostração, em que se-achava seu amo; d'onde provém semelhante abatimento?! Por Deos dizei-me, soffrestes algum?!...

—Hoje mais que nunca, interrompeu Alfredo, erguendo a cabeça, e passando a mão pel-a testa como querendo arredar os pensamentos maus e sinistros, que lhe-esvoaçavão n'a mente,—hoje mais que nunca, meu charo Jacintho, necessito dos teus conselhos. . .

—E eu promptissimo á dar-vol-os; bem sabeis, que para dar conselhos sou um Mentor, como chamava-me vosso pai, que Deos tenha em sua sancta gloria. Eu vos-conto: Elle um passo não movia sem que me-consultasse o caminho, que devia de tomar, quero dizer: Eu era o seu Mentor, dava-lhe conselhos. Oh! . . . bom tempo que foi aquelle! . . . por elle daria eu um braço. . . . Meu amo o Sr. marcechal Carlos Ferreira! . . . n'os-verdes annos de sua mocidade foi um heroe p'ra essas coisas de amores. . . quando contava assim seus 18 a 20 annos, oh! . . . duvido que nenhum outro moço fosse capaz de levar-lhe as lampas na arma dos namorados! . . . ora aquelle é que era um mocetão muito gentil, muito bem feito. . . não havia moça aqui n'esta Bahia ou em qualquer outra parte por onde andasse, que não quizesse ter amores com meu amo. . . e um dia! . . . isso é que foi galante. . . .

O mancebo, em quanto Jacintho dava largas ao seu genio, ou satisfazia seu gosto, que gosto é sempre dos velhos narrarem aos moços as façanhas, que obrarão n'os bellos teni-

pos de sua mocidade,— havia de novo tomado a primeira posição, em que estava, quando o bom do velho fallador eterno entrou n'ò seu gabinete, ou porque talvez estivesse gostando de ouvir o velho Jacintho fallar, o que não era provavel, visto o estado de desesperação, em que elle se achava, ou porque descahindo novamente sua alma n'ò pe-lago profundo e tormentoso de suas dores, o que é muito presumivel, não se-lembrasse de que o velho fallava pel-os cotovellos, senão quando despertando das suas tristes meditações, ergue-se, e entrrrompeu-lhe dizendo :

—Basta com tuas longas historias, Jacintho, debes deixal-as para occasiões mais opportunas, que hoje não estou para ouvil-as.

—Muito bem, muito bem, meu bom Sr. ; mas então que quereis do vosso Mentor?—alguns conselhos talvez, bem, vamos á isso . . .

—Escusado é pedir-te segredo, torna Alfredo, por quanto sempre me-tens dado evidentes provas da tua fidelidade para comigo, assim pois ouve-me: Sabes, quê, como se-póde amar uma mulher n'ò mundo, eu amo a filha do suberbò Henriques Dorval,—sabes tambem, que seu primo Leopoldo a-pretendia em casamento; não obstante ella protestar-lhe um odio de morte. . .

—Mas que fim levou o Sr. Leopoldo, que pretendia, e não pretende mais?—perguntou Jacintho com um ar assim á modo de espantado, alevantando muito as sobrancelhas, cujos cabellos brancos de longos que erão se-debruçavão sobre as palpebras.

A' tão exquisita pergunta um sorriso doloroso, mas breve, não póde deixar de contrahir levemente uma das comessuras dos labios do mancebo, que travando da dextra do creado, e apertando-a com força :

—Nunca me-veio ao pensamento, disse elle, dès que pela primeira vez vi aquella seductora donzella, tão cheia de encantos magicos e virtudes, que n'este coração,—até alli—virgem de paixões, soube acender o impetuoso volcão de a-

mor, que me-queima, e me-devora, que um dia esse amor me-constituisse. . . .

Não pôde concluir o infeliz amante o que dizia, e deixando descahir a fronte sobre o peito, continuava á apertar a mão de Jacintho com mais força ainda,—e soluçava, e os seus remorsos n'este momento de suprema agonia,—profundos, intimos, atrozes lhe-farião tragar um inferno inteiro de dores...

—Oh! . . . eu o-compreendo, disse o velho creado, alevantando novamente as suas longas sobranceiras,—eu o-compreendo,—matou-o talvez. . . talvez um crime! . . . Senhor, por Deus, explicai-vos. . . .

Alfredo erguendo o rosto,—não ouves, diz, o rugir medonho, ameaçador, o furor d'essa tempestade, que por ali vai? . . . não ouves um Deus justamente indignado contra mim bradar:—« *Reprobo, esconde á face dos homens—essa fronte estigmatizada por mim!* » Não ouves tudo estar clamando,—vingança, e justiça contra o matador de Leopoldo?

—Que é da vossa coragem, Senhor?—como assim vos-mostraes tão fraco? Por ventura quereis entregar-vos n'as garras dos vossos irreconciliaveis inimigos? Quereis ser vítima da estrondosa vingança dos suberbos parentes do vosso rival? Deponde esses vãos terrores, que não devem caber n'um coração valoroso, que sabe desprezar os perigos;—fugir é o unico recurso que vos-resta,—fugi por tanto, a vossa vida está em perigo, salvai a vossa vida! . . .

—E de que me-serve mais esta existencia, outr'ora tão bella, tão viçosa, tão serena, e que hoje se-tornou um martirio, um peso enorme, que mal posso arrastar! . . agora o que somente me convém é a morte. . . a morte. . . só ella poderá pôr termo aos meus incalculaveis tormentos. . .

—E a vossa Mathilde para quem vivirá, senão viverdes? . . Não sabeis que a sua vida emana da vossa como a luz emana do sol, e que assim como n'a ausencia d'este a terra torna-se um ermo triste somente occupado pel-as trevas, ella vos-perdendo viria a mimosa flor da sua juventude pender languida e resequida pel-o tufão ardente do infortunio, quan-

do começava a desabrochar viçosa, bafejada pel-os macios zefiros da felecidade, os seus dias doirados tornarem-se um negrume atroz e perpetuo? . . . Ah! . . . Senhor, lembrai-vos do idolo querido das vossas adorações,—lembai-vos d'ella... da vossa Mathilde, e poupae sua vida poupando a vossa . . .

Era assim mesmo que devia o calculado velho de fallar para encorajar o seu amor, porque de outra maneira, mais o-desanimaria;—e com effeito Jacintho com suas palavras conseguiu fazer calar n'ò abysmo, sobre profundo, melancolico da alma do môço um raio de luz vivifica e animadora de esperanza, que para logo Alfredo, como se não fôra aquelle, que um momento antes se-achava n'uma especie de delirio, apertando contra seu peito entre seus braços o creado, disse-lhe :

Salvaste-me, Jacintho! . . . Devo conservar a minha vida por amor d'ella... fugir é o unico recurso, que nos-resta... fujamos . . . mas . . .

Fez Alfredo uma pequena pausa como quem reflectia, e depois continuou :

—Mas para onde fugir? . . . Aonde irei me-esconder, que lá não me-vão buscar meus inimigos?!

—Em casa de vosso tio, senhor, disse Jacintho.

—Meu tio! . . . um homem, que fez a ruina de meu pai, usurpando as suas fazendas?!

—Bem sei a guerra, que existio sempre entre vosso pai, e seu irmão, mas tambem sei, que vosso tio não obstante ter sido inimigo de vosso pai, comtudo muito vos-ama, além de que é um homem que constantemente obra rasgos de cavalherismo, e se é irreconciliavel, vingativo, terrivel contra um inimigo poderoso, que lhe não quer ceder; como o Sr. Marechal—Carlos Ferreira, que fallando com alguma franqueza, não tinha lá muitas razões n'ò que pretendia contra vosso tio,—mostra-se tambem muito generoso com um inimigo fraco . . . assim pois elle não terá duvida, se immenso praser não tiver de vos-receber em sua casa, em ter occasião de ser-vos util, como agora o-deve de ser,—e então que

lá vos-vão buscar vossos inimigos! . . . á tanto não se-atreverão elles! . . . .

Alfredo depois de um momento de reflexão.

—Estou decidido. . . . devo fugir. . . . Jacintho sem demora vai sellar meus cavallos. . . não te esqueças de metter n'os coldres um par das minhas melhores pistollas inglezas, assim dizendo o mancebo consulta o seu relógio, e vio, que erão tres quartos depois de tres horas da madrugada, e em quanto o creado executava as suas ordens, escreveu uma carta ao seu amigo Hypolito José de Alencastre, cuja substancia era esta:—« Um caso imprevisto me força á ausentarme d'esta cidade, —para Sergipe, aonde não sei que tempo me-poderei demorar, —e como não equivoças provas de verdadeira amisade me-haveis dado, incumbo-vos todos os meus negocios mediante a minha ausencia, esperando da vossa parte todo o zelo sobre elles, etc. »

Escrevia o subscripto da carta, quando o velho creado entrando de volta n'o gabinete disse-lhe que tudo estava desposto, segundo elle havia lhe-ordenado.

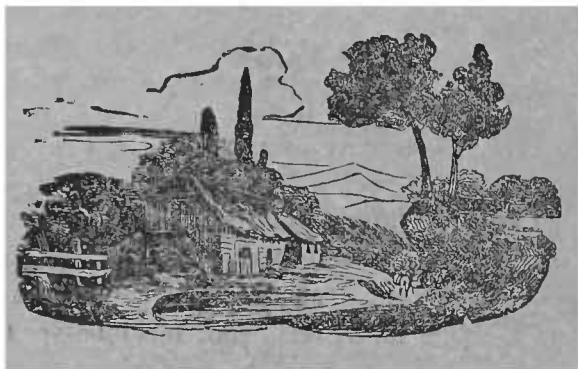
—Bem, leva esta carta, tornou Alfredo, entregando a carta á Jacintho, entrega ao guarda portão, e dize-lhe, que amanhã as sete horas da manhã o Sr. Hypolito deve de ter recebido impreterivelmente; e tu, Jacintho espera lá por mim, que não poderei tardar.

Sahio o creado, e Alfredo abrindo uma secretaria, tirou todo o dinheiro que lá tinha em bilhetes do banco, mettu-o em sua carteira, escondeu n'o seio um rico punhal de cabo de oiro, que tinha sido de seu pai, cingio sua espada, embuçou-se em seu capote e desceu para o patco aonde o-esperava Jacintho.

D'ahi á poucos instantes per entre o zunir do vento, e o estalar dos trovões ouvia-se um compassado trotar de cavallos.

Erão quatro horas da madrugada, ermas, escuras estavam as ruas, e nem uma só pessoa transitava por ellas,—senão Alfredo e Jacintho, que deixavão a cidade;—que fugião buscando á direcção de Sergipe. (Continúa.)

## BELLAS ARTES.



### O FORAGIDO. (\*)

■

Hélas! pour compagnon je n'ai plus que mon ombre  
 Por écho que mon cœur.

(JEAN POLONIER.—*L'exil d'Apollon.*)

1.

**N**OI n'uma tarde de Maio,  
 Tarde bella de encantar,  
 Que n'a *estalagem do Mouro*  
 Viu-se um forasteiro entrar;  
 Via-se barrete á banda  
 Sua cabeça adornar,  
 Sua anellada madeixa  
 Sobre os hombros fluctuar.

(\*) Encontra-se na Europa Portuguesa—de Manoel de Faria e Soiza a seguinte noticia á respeito de D. Pedro, filho do prior do Crato—D. Antonio. Este hijo se lhamó del Dicierto en la Religion de S. Francisco senalado en virtud, y en letras.

## 2.

Com pellote e ferragoulo—  
 —Que lindo era o seu trajar!—  
 Com calças de guardalête  
 Alvo de fazer cegar,  
 Levava espada n'a cinta,  
 E a mão esquerda á firmar  
 N'os copos de sua espada,  
 Para mais folgado andar.

## 3.

Deus vos salve—Gil Esteves,  
 Deus queira comvosco estar.....  
 Deus vos salve, Cavalleiro,  
 Deus queira comvosco andar.....  
 —Poder-me-heis,—Gil Esteves,  
 Noticias de Cintra dar?  
 Só sei que o Mestre Rodrigo (\*)  
 N'esta caza vem estar.

## 4.

Que vem o Mestre Rodrigo  
 Aqui em Cintra buscar?  
 —Foi o Duque de Bragança  
 Qu'em Lisboa o-foi chamar;  
 Que a sua Filha mais velha  
 Dizem star quasi á findar;  
 D. Maria se-chama  
 Donzella guapa sem par.

## 5.

Que tendes, meu Cavalleiro,  
 Que estaes á pallidejar?  
 Vosso peito acaso opprime  
 Algum duro, atroz pezar?  
 E corre o bom Gil Esteves  
 Para soccorro buscar;  
 Mas quando volta—o mancebo  
 Tem-se posto á caminhar.

(\*) Medico.





Morrer aqui, além, agora, ou logo . . .  
 Que importa?! É sempre um sonho esta existência,  
 Um sonho horrível, que se-esvâe na morte.  
 (CASTILHO—*Ciúmes do Bardo.*)

## 1.

**O** SOL por sobre o horizonte  
 Já começava á assomar,  
 Dos montes as cumiádas  
 Principiava á doirar:  
 Via-se perto de Cintra  
 Uma Ermida á branquejar,  
 E para a Ermida um mancebo  
 Tristonho se-encaminhar.

## 2.

Tinha a pallidez n'ó rosto,  
 N'ó peito acerbo pezar,  
 Trazia os olhos pisados,  
 Mas pisados de chorar.  
 Diante á Imagem de Christo  
 Viu-se elle se-ajoelhar,  
 E alli pensativo e triste  
 Assim poz-se á murmurar.

## 3.

—Oh! meu Deus,—salvai-lhe a vida,  
 Vida de preço sem par;  
 Que eu sem ella . . . não . . . não posso  
 A existência supportar:  
 E apóz se-ergueu;—para a porta  
 Poz-se triste á caminhar,  
 Velho Monge pensativo  
 Alli o-estava á esperar.

## 4.

Que fazeis aqui, mancebo?  
 E porque estaes á seismar?  
 Podem da Serra os Capuchos  
 Penas de amor consolar?  
 Com a minha vida por certo  
 Não vos-deveis importar;  
 Se fosseis da minha idade,  
 Não podéreis tanto ousar.

## 5.

Se mancebo ainda eu fosse,  
 Não podera aconselhar:  
 Precipicios, que vos-cercão,  
 É preciso vos-mostrar.  
 —Não pedi vossos conselhos;  
 Por tanto os-podeis guardar;  
 Precipicios, que me-cereão,  
 Sei corajoso arrostrar.

## 6.

Mas vossa Patria, mancebo,  
 Vós deveis de libertar;  
 Vossa vida corre p'riço  
 Vos-deveis de acautellar.  
 Reparae:—não vades entre  
 As garras do algoz pairar;  
 Que elle tem n'as mãos o alfange,  
 Que vos-hade degollar.

## 7.

Crimes não tenho,—por tanto  
 Não me-devo arrecciar  
 De que entre as garras do algoz  
 Um dia eu chegue á pairar....  
 —Tendes sangue de monarchas,  
 Direitos á reclamar,  
 Por isso os vossos imigos  
 Vos-querem decapitar.

## 8.

Monge, quem tanto vos-disse?!  
 Monge, que estaes á fallar?!  
 Oh!... por S. João de Malta,  
 Vós mentis ;—deveis pagar  
 Vosso arrojo ;—e assim dizendo—  
 Vae sua espada arrancar :  
 —Que quereis fazer, D. Pedro?  
 —Quereis-me a vida roubar?

## 9.

Recordae-vos, Cavalleiro,  
 Qu'eu muito soube estimar  
 Vosso Pae,—e os seus direitos  
 Tambem soube sustentar :  
 Cavalleiro—foi de Malta  
 Vosso Pae,—e é bom lembrar,  
 Que nunca invocou a Ordem  
 Para a verdade negar.

## 10.

Dizei-me quem sois, bom velho,  
 Que vos-quero tanto amar,  
 Quanto amastes D. Antonio,  
 Que Deos tenha em bom lugar :  
 Dizei-me quem sois—vos-peço—  
 Quero e devo respeitar,  
 Essas cans, que vos-coroão,  
 Que eu ousei desrespeitar.

## 11.

Diogo Botelho é meu nome....  
 Dice o Eremita á chorar ;  
 E entre os braços do Eremita  
 Foi-se D. Pedro lançar:  
 Confundirão-se os suspiros,  
 Confundiu-se o prantear ;  
 E depois ambos tão tristes  
 Pozerão-se á caminhar.

(*Continúa.*)

---



---

# HISTORIA.

---

## AS CRUZADAS.

### I.

O estandarte do profeta de Mekka ja fluctuava n'os campos. . . . , e a sua passagem era assignalada com ruínas, sangue, incendios. Por onde quer que os mosselemanos tihão atravessado, ficavam assentados o silencio do sepulchro, e a assolação do aniquilamento. . . .

(A. HERCULANO:—*Eurico, o Presbytero.*)

**N**M 1095 empunhava o sceptro do imperio grego Aleixo Comneno, e Urbano 2.º reinava sobre a cadeira de S. Pedro.

Foi este anno—o decretado pel-a Providencia para começo da regeneração dos povos; pois uma lucta solemne, e magestosa—pricipiou entre o occidente, e o oriente, que n'º impeto de sua carreira varreu da superficie do continente europêo os horrores das guerras civis, que mantinhão, quasi todos os monarchas, contra os senhores feudatarios. .

Per este anno, digo, o imperador dos gregos, vendo a maneira cruel, deshumana, e terrivel, porque erão tractados os christãos do oriente pel-os filhos de Mahomet—enviou uma embaixada á Roma, com o fim de empenhar o vigario de Christo a bem da causa, que ardia em proteger.

Ao regressar dos plenipotenciarios, tornou-se Aleixo summamente alegre, ouvindo d'elles a parte, que tomava o summo Pontifice n'a defeza dos christãos.

De ha muito, que caminhavão para a Palestina (1) innumeradas pessoas, ou arrastadas pel-a sêde das aventuras, ou mesmo pel-o espirito de devoção; e, quando voltavão d'esse tão longo peregrinar, narravão as barbaridades dos mosselemanos, e o soffrimento dos christãos n'as saudosas terras da Palestina,—e erão elles tão grandes e tão patheticos que as lagrymas escorregavão pel-as faces de todos quantos ouvião estas narrações.

Um homem, que não professava as armas, que nunca tinha quebrado uma lança, nem abollado um escudo—veio destruir todas aquellas guerras civis—e cubrir os campos do occidente de milhares de guerreiros, não para batalharem uns contra os outros, porém sim, para pelejarem com os inimigos da christande. Este homem foi Pedro, o Eremita, natural da Picardia, (2) varão de pensamentos elevados, de uma eloquencia de fogo, o qual tendo ouvido as pasmosas narrativas dos que peregrinando vinhão do nascente para o poente—julgou que tudo era uma falsidade!

Em 1093 viu-se um homem marchar de Amiens (3) para as bandas do Jordão:—era o Eremita, que ia de romaria para Jerusalem, afim de convencer-se de uma terrivel verdade! . . . Espantoso foi o quadro, que se lhe-antolhou! Pesaroso com tantas barbaridades, estragos, e dessolação, foi ter com o patriarcha, afim de

(1) *Palestina*: é a mesma terra de *Canaan*, ou terra da *promissão*, ou vulgarmente—*terra sancta*, ou *Judéa*.

(2) *Picardia*: uma das 32 provincias, em que se-dividia a França antes de 1789;—hoje é um dos seus 86 departamentos, e que tem o nome de *Somme*.

(3) *Amiens*: capital da antiga provincia da *Picardia*, e hoje do departamento do *Somme*.

o-consolar, e este recebendo-o com as lagrymas n'os olhos, e a dor n'ó coração—rogou-lhe que se-dirigisse á Roma, e pedisse ao Papa soccorro para seus filhos! .

Marchou o Eremita. . . e com as mais claras, e expressivas tintas desenhou tudo aquillo de que tinha sido testemunha.

Ide, lhe-disse o Pontifice,—inflammai com a vossa eloquencia n'essas populosas capitaes—á todos. . . d'esde o mais humilde vassallo, té o mais poderoso monarcha.

Não vulgar devia de ser o homem, para dar complemento a uma empreza tão heroica, quanto difficultosa!

Semelhante ao furacão, que impetuoso arrebatá côm-sigo tudo quanto encontra—tal o Eremita Pedro, transmittindo de peito á peito as chammas de seu coração, attrahiu á si principes e prelados.

Todos se-enternecião e choravão, ouvindo os seus patheticos discursos; todos se-inflamavão com as suas exhortações.

Em pouco tempo a França, a Italia, e a Allemanha desejavão com elle transpor todas as barreiras, e defender a terra sanctificada com o sangue do Homem-Deus.

Em Clermont (4) tinha Urbano feito reunir um concilio, onde reproduzindo as mesmas palavras do Eremita, fez com que todos bradassem n'ó fervor do enthusiasmo:—« guerra aos infieis! . Deus quer ver livre o berço de sua religião! . »

Todos correrão ás armas, e quizerão trazer sobre o hombro esquerdo uma cruz encarnada, ou por desejarem sómente os louros das victorias, ou a palma do martyrio! . .

Em pouco tempo contava-se n'as fileiras dos Cruzados um milhão e quinhentos mil homens! . .

(4) Clermont: capital do departamento do Puy-de-Dôme, que fica n'a parte oriental da França.

Em 1096 oitenta mil pessoas marcharão para Jerusalem; e as phalanges de Gualter, de Guadescalco, e as do Eremita Pedro forão quasi todas destruidas pelos Hungaros e Bulgaros! . . . Pedro era um homem, para pregar a um povo as palavras do Evangelho, e não para dirigir um exercito sem disciplina!! . . . .

Inda restavão muitos mil homens. Marcharão todos para Constantinopla; e por sobre a cidade de Lycia; (5) que pertencia ao sceptro do sultão da Irconia (6) lançarão os christãos suas armas, e foi ella a sua primeira conquista. Em breve as portas de Pisidia e Lycaonia (7) forão abertas:—ahi gemião os fieis debaixo do dominio do turco. Era forçoso sitiar Antiochia, (8) para com sua conquista abrirem-se as portas da Palestina: . . . marcharão os guerreiros, e, alcançando o mais importante ponto da cidade, arremessarão-se a praça, e em breve tornárão-se d'ella possuidores. Ja por este tempo erão as margens do Euphrates (9) conquista de Balduino; e uma grande parte de seu exercito se-entranhava pel-a Mesopotamia: (10)—por onde passavão

(5) *Lycia*: foi uma das provincias da *Azia-menor*: confinava ao norte com a *Pamfilia*, ao poente com a *Caria*, e ao sul com o *mar Mediterraneo*.

(6) *Irconia*, ou *Hircania*: é hoje o *Irac-Agemi* ou *Curasan*, e que tem por capital a cidade de *Syringes-Corcan*. Este paiz é mui pouco conhecido.

(7) *Lycaonia*: foi uma provincia da *Azia-menor*, que confinava ao norte com a *Galacia*, ao sul com a *Pisidia*, ao poente com a *Phrygia*, e ao nascente com a *Capadocia*.

(8) *Antiochia*: foi capital da *Syria*; tomou este nome de Antiocho, que em grande parte a-reparou. Strabão da-lhe o nome de *Tetrapoli*, por conter em seu ambito 4 cidades: teve tambem o nome de *Anath*, e tambem se-chamou *Epifania*. N'o tempo do imperio romano foi uma das tres principaes cidades, e n'ella tomárão os fieis o nome de—*Christãos*. S. Pedro estabeleceu n'ella sua cadeira por espaço de 7 annos, té que se-passou á Roma.

(9) *Euphrates*: foi um dos 4 rios do paraizo terrestre.

(10) *Mesopotamia*: foi uma provincia da *Azia*, e patria dos

suas bandeiras, fugia atterrado o agareno, e tudo se-curvava ao seu poder!

Tinha chegado á tal ponto a fama dos Cruzados que quasi todos os Emires (11) do oriente pagavão tributo aos cavalleiros da cruz!

Marcharão sobre Jerusalem, que se-achava em poder do Gram-Visir (12) do Califa (13) do Egypto—e sitiarão-na.

Vinte mil cavalleiros se-apresentarão ante os muros de Izedec (14) que se-achava defendida per um numero duplicado de guerreiros! . . .

Grande era o poder dos sitiados; porém inda maior o valor dos sitiantes.

Cinco semanas que durou o assedio, mostrarão os Cruzados tão constante perseverança, á ponto dos infieis acreditál-os invencíveis.

—«*Ou entraremos triumphantes por estas portas, ou morreremos debaixo d'estas muralhas:*» —bradão os christãos enristando as lanças, e arremecendo-se

primeiros *patriarchas*: comprehende hoje o que se-chama *Diarbeck*, e *Curdestan*.

(11) *Emir*: nome que tomárão os successores de Mahomet.

(12) *Gram-Visir*: é o mesmo que *lugar-tenente*, ou primeiro ministro do gram-turco. *Visir* vem da palavra arabe *ouzir*, que significa *conselheiro*. Ali foi o primeiro que deu este nome ao primeiro ministro da corôa.

(13) *Califa*: vem da palavra *kalef*, que significa *successor*. Foi este o nome, que tomárão os successores de Mahomet, além do de *Emir*.

(14) *Izedec*: significa n'a lingua hebraica *justiça*; foi o primeiro nome que teve a cidade de Jerusalem; ao depois tomou o nome de *Salene*, que significa *paz*; algumas vezes era tambem chamada *Jebus*, por terem n'ella dominado os *Jabuzeos*. O nome de *Jerusalem*, que tomou pel-o tempo de David, ou antes, teve origem per esta maneira: — Quando o patriarcha Abrão foi sacrificar seu filho, deu-lhe o nome de *Adonai-jire*, que quer dizer, o *Senhor verá*: unindo-se depois esta palavra *jire* (elle verá) ao nome antigo *Salene* formou o vocabulo *Jire-salene*, e com pouca mudança ficou *Jerusalem*, que quer dizer — *vizão de paz*.—( *Vid. a not. do cap. 10 do livr. de Josué.* )



contra as portas da cidade: era uma sexta feira de julho de 1099.

N'a mesma hora em que Christo—o Salvador das gentes—tinha exhalado affrontosamente a vida n'ò madeiro da cruz, entrárão os christãos triumphantes pelas portas de Jerusalem!—Per estas mesmas, que outr'ora tinhão visto passar os Israelitas manietados, quando captivos se-dirigião para Babylonia! . . . (15)—Per estas mesmas, que tantas vezes tinhão sido victimas dos resvalados golpes dos alfanges dos conquistadores!.... que tantas vezes virão passar os Levitas entoando canticos ao Senhor dos exercitos, e ao Deus das victorias! .—Per estas portas, emfim, per onde os Judeus, cumprindo-se as palavras dos Prophetas, (16)—sahirão destruidos pel-o filho de Vespasiano, para se-espaa

(15) Nabucodonosor entrando em Jerusalem com um poderoso exercito, a-destruiu, e carregando de ferros a Joaelim, seu rei, o-mandou preso para a capital do seu imperio, assim como depois a seu successor Jachonias. Para punir a rebelião de Sedecias, a quem elle havia posto sobre o throno, fez matar seus dous filhos em sua presença, e ao depois arrancando-lhe os olhos—o-levou captivo para Babylonia, com a maior parte dos habitantes, lançando per terra as muralhas e torres da cidade, e queimando a caza do Senhor. Passados 70 annos, Cyro, imperador dos Persas, deu permissão aos Judeos para voltarem á sua patria: e dez annos depois Dario, não só deu inteira liberdade aos Israelitas, como lhes-forneceu meios para continuarem n'a reedificação do templo, que o suberbo Nabuco tinha reduzido á cinzas.

(16) N'ò tempo da Republica romana Pompeu conquistou Jerusalem, e a-fez tributaria. Quando n'ò reinado de Tito, quizerão os Judeos se-sublevar e sacudir o jugo romano, este monarcha entrou em Jerusalem, destruiu seus habitantes, demoliu suas muralhas, e a-reduziu á cinzas. Bem se-cumpriu as palavras do propheta Micheas:— *« Jerusalem será reduzida a um montão de pedras, e o monte, em que está edificado o templo virá a ficar um bosque: etc. etc. »*—Cumprirão-se as palavras de quasi todos os prophetas, e aquellas, que Dcos proferiu pela boea de Amos: *« Não revogarei a sentença contra Israel, porque vendeu o justo por dinheiro..... »*

lharem per todo o globo, como um rebanho maldicto!!

A infurecida soldadesca não se-saciava de sangue;— embebia as espadas n'os corações dos infieis té os punhos, e sobre suas armaduras, tinctas de sangue, descarregavão tamanhos golpes, e tantas vezes repetidos, que seus braços fraqueavão, e seus peitos arfavão cançados.

Reinou um momento de descanso.... e este—terível, como o que ha apoz da lucta do leão com o tigre....

As ruas estavam amontoadas de cadaveres agarenos; e aquelles, que se-achavão n'as vascas da morte, parecião erguer-se, e quererem lançar por sobre os fieis um ultimo golpe, ou proferindo pel-os labios espumosos e sanguentos uma blasfemia, ou uma frase de maldição!...

Do meio d'este theatro de sangue levantou-se uma scena alegre e pathetica. Os cavalleiros, acompanhados dos monges latinos—se-dirigirão aos sagrados lugares, entoando aquellas palavras do psalmo:—*Tu exurgens misereberis Sion; quia tempus miserendi ejus, quia venit tempus.*—*Et timebunt gentes nomen tuum Domine, et omnes reges terræ gloriam tuam* (17).

Tinha-se conquistado um reino; e os principes do occidente escolherão então para monarcha o mais heroico, o mais virtuoso christão, que entre elles existia—Godofredo.

N'a basilica do sancto sepulcro fez-se o acto solemne de sua inauguração, e n'ó momento em que por sobre sua frente ia descer uma corôa de ouro, disse o monarcha como inspirado, e possuido da maior humildade:—*não: não permitta Deus que eu traga sobre a minha*

(17) Vós, lembrando-vos, tereis misericordia com Siam; porque é chegado o tempo; aquelle tempo de vos-compadecerdes d'ella.

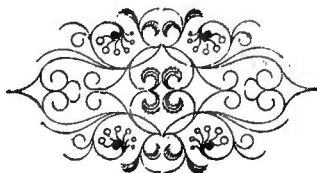
E então, senhor, temerão as gentes o vosso nome; e todos os reis da terra admirarão a vossa gloria.—(Psal. c. 1. vers. 14 à 16.)

*cabeça, uma tal corôa, quando o Rei dos Reis n'este mesmo lugar foi coroado de espinhos!* . (18)

Sublime, e eloquentissimo pensamento!!

Depois que de Jerusalem desaparecerão os ultimos vestigios do Koran (19), os Cruzados que já suspiravão pel-os lugares que os-virão nascer, voltárão á elles, deixando em Jerusalem um monarcha, que n'as campinas de Oscalam soube abater o orgulho de Mostali; que soube conquistar cidades, e estender as rayas de seu reino, morrer gloriosamente entre as lagrymas de seus soldados, e as benções dos céos, tão coberto de louros e glorias, que pouco foi uma Epopeia, para decantar seus feitos!!

(*Continúa.*)



(18) Não posso deixar de admirar tanta humildade em um homem qual Godefredo, quando hoje vejo homens, que nada são, homens da mais baixa estofa, homens de alma bem pequenina, quererem sustentar per toda a lei um orgulho desabalado e estupendo, um nascimento aristocratico, uma scieneia profunda, quando não são mais do que uns miseraveis arlequins de farças, uns desertores da plebe, uns ignorantes da primeira edicção; — bem os-conheço, e muito gosto de os-conhecer, para rir-me a custa d'elles! . . .

(19) *Koran*: é o código dos preceitos e das leis, que Mahomet deu aos arabes, como o chefe supremo da religião, e soberano. *Abu-Becr*, depois da morte do profeta, reuniu em um volume as folhas em que se-achavão escriptas as *revelações* e preceitos de Mafoma. D'este trabalho a que se-deu o Califa, se-originou o livro sagrado dos Mosselemanos. *Al-koran*, é uma palavra composta do artigo *al* (o), e *koran* (leitura ou escriptura.)

---



---

# LITTERATURA.

---

## OS DOUS RIVAES.

ROMANCE

POA L. O. TELLES DE MENEZES.

(CONTINUAÇÃO.)

### III.

... que cousa haver pôde que se-esconda  
 De Deos aos olhos, que penetrão tudo,  
 Ou seu Esp'rito engane omnisciente?  
 (MILTON—*Paraiso perdido*, Liv. X.)

### LEOPOLDO E HYPOLITO.

**P**ER entre os horrores da tempestade proseguia Alfredo acompanhado de seu fiel criado, buscando com a fuga evitar as pesquisas dos seus cobardes inimigos, enquanto o traidor Leopoldo, depois de ter sido cuidadosamente examinada a sua ferida pel-o medico da caza do visconde, — que julgou-a ser pouco perigosa, permanecia sobre o leito das dores sem sentidos pel-a grande copia de sangue que perdido tinha: finalmente as oito horas da manhã tornou a si; mas tão pallido, tão abatido, que não ousarão perguntar-lhe por que incidente se-achava elle n'aquelle miserando estado: alguns instantes depois um subto movimento fez

saltar o aparelho da ferida, de que resultou perder ainda grande quantidade de sangue, sendo por isso acommettido de um quasi mortal deliquio. N'este interim chegou o medico, e achando-o em um tal estado de abatimento applicou-lhe todos os soccorros d'arte; e após tres horas de completo lethargo recobrou o livre, e pleno uso de suas faculdades, pousando n'ò gremio da familia a esperança, que por um momento pareceo ter vacilado.

Achando Henriques Dorval opportuna a occasião para saber de seu sobrinho quem o-acomettera n'ò jardim, e o que fôra alli fazer a taes deshoras, approximou-se do leito, em que elle jazia, com passos lentos e eguaes, e com certo ar de altivez, que lhe-era propria, perguntou-lhe.

—Qual foi o miseravel, o infame que ousou attentar contra os vossos dias?!.... Dizei, nomeai o seu nome, se souberdes, que prestes o-farei perseguir pel-a justiça.

Não é só o golpe desfeixado inesperadamente que nos-faz recuar de terror, embora o-tenhamos previsto, e juremos aguardal-o com o coração tranquillo,—sempre noss'alma estremece, quando nos-vem elle de chofre.

Leopoldo, assaltado n'este momento por terriveis recordações, estremeceu.... vacilou por um instante.... e como se-quizesse occultar o sobresalto de seu coração, annunciado pel-a lividez de seo rosto, pousou a mão sobre elle, e fazendo um esforço, disse:

—Foi o major Alfredo, meo tio . . .

—O major Alfredo!! . . .—exclamou o visconde surprehendido, e recuando como se os labios de Leopoldo tivessem despedido um raio, e o-fulminado — Oh! . . . essa familia parece ter sido vomitada pel-o inferno para perseguir a nossa! e o que fazieis a essa hora n'ò jardim?!—por certo que o esperaveis; talvez algum duello não é assim?

Aqui Leopoldo, para occultar ao visconde o seu repro-

vado proceder, precisou de toda a energia de seu fraudulento character para desculpar-se, e lançar todo o veneno da odiosidade e da infamia por sobre Alfredo, victima innocente de sua atroz perversidade, e para logo maquinando um embuste, respondeu com voz fraca, e entrecortada

—Acabava de soar meia noite. . . quando retirava-me do theatro. vi diante de mim passar o major Alfredo, que como consta-me, tem a loucura de pretender a mão de Mathilde, . . . e como talvez soubesse . . . (ignoro por que meios) que destinaes unil-a á minha sorte, aproveitando a occasião de vingar-se. veio esperar-me n'õ jardim de vossa casa: ah! . . . eu o-vi sair d'entre o arvoredõ. . . dirigir-se para mim. . . alçar uma pistolla. . . descarregal-a!! . . . — Não me pude defender, e instantaneamente cahi per terra! . . . — Eis, meu tio o que vos-posso referir: á vós cumpre agora vingar-me quanto antes d'esse infame, que cren-do-me morto, e suppondo ficar o seu segredo, de en-volta comigo, debaixo da loiza do tumulto. . . . tranquillo não cure talvez de evitar a nossa mais que justa vingança; e . . . .

—Pois bem, Leopoldo;—lhe-tornou o visconde n'õ auge do pasmo, da inquietação, e da raiva—, em breve elle terá de arrepender-se de suas desvairadas pretenções, e saberá que não se-pode impunemente roubar a vida do sobrinho do visconde Henriques Dorval: sim, o braço da inexoravel justiça pesará sobre a cabeça do assassino! . . . .

Tendo apenas dito estas palavras, arrebatadamente dirigiu-se para seu gabinete, levando esculpido n'õ rosto todos os signaes de raiva e impaciencia: ahi sentou-se junto de uma meza, e, depois de alguns instantes de profundo meditar, escreveu uma petição de queixa contra Alfredo, e enviou-a a authoridade, competentemente constituida.

Dos campanarios do mosteiro de S. Bento acabavão

de soar duas horas; quando os emissarios da policia, revestidos das ordens de seo chefe, demandavão a caza do major Alfredo: logo que ahi chegarão, os seus domesticos responderão—« que seu amo tinha saido de manhã com o mais velho creado da casa, e que não sabião para onde se-tinha dirigido; mas que havia ficado o Sr. Hypolito José de Alencastre, para em sua ausencia reger todos os seus negocios.»

Apenas souberão que Hypolito era responsavel pela casa n'a ausencia de Alfredo para lá se-encaminharão n'a expectativa de obterem d'elle algumas informações ácerca do lugar, para onde se-teria elle retirado.

Muito pouco acostumado Hypolito a receber em sua casa visitas da policia não deixou de surprehender-se com a dos emissarios; assim que participarão-lhe que taes homens o-procuravão, para logo um rapido,—porém sinistro e doloroso pensamento, que lhe-esvoaçou n'a mente, fez-lhe comprehender—pouco mais ou menos—a causa d'ella, e disposto a não dizer cousa alguma que podesse prejudicar ao seu amigo Alfredo, mandou-os entrar:—tendo pois sabido do que alli os-conduzia, obstinadamente affirmou ignorar para onde se-tinha elle retirado,—por quanto somente lhe-incumbira da direcção de seus negocios em sua ausencia, não lhe-tendo declarado qual o sítio para onde se-retirára, e que nada receiando do procedimento de seu amigo, não tivera a curiosidade de perguntar-lhe cousa alguma, que não fosse relativa á commissão, que lhe-encarregára.

A' vista d'esta resposta o official enviado para a captura de Alfredo voltou á scientificar de todo o occorrido á seu chefe—com quem então se-achava o tio de Leopoldo—e disse-lhe:

—De balde, Senhor, tem sido todas as nossas indagações, o major Alfredo desde manhã, acompanhado de um creado, ausentou-se da cidade; ficando, porém, responsavel por todos os seus negocios o negociante Hypolito, que diz não saber para onde se-retirára, e que

não receiando cousa alguma de seu procedimento pou-para-se á curiosidade de perguntar-lhe.

Tendo o chefe ouvido a resposta do official, cheio de um *santo* zelo pel-a causa do visconde, prorompeu n'as seguintes palavras.

—Que dizeis?!..... Julga por ventura o assassino escapar das garras da justiça?!..... Não;..... Visconde, deixai-me o cuidado de vingar-vos..... embora o assassino de vosso sobrinho se-vá occultar n'õ inferno —lá mesmo o-irei buscar , para descarregar-lhe o golpe.....

O visconde em cujo semblante palido com os olhos injectados de sangue se-devisava um senho espantoso—tomando o magistrado pel-o braço o-conduzio para uma das janellas, dizendo-lhe....

—Muito temo que o attentado perpetrado n'a pessoa de meu sobrinho fique sem a punição merecida:—oh!... sim.... mandai chamar o negociante Hypolito, que necessariamente deve de saber, onde se-acha o criminoso. . .

—Não me é difficultoso: mas, se elle persistir em negal-o, como lhe-arrancarei o segredo?

—Como!... ameçai-o... prendei-o.... que de certo a justiça terá as mais verdadeiras informações.—Encontraes por ventura difficuldades n'isto?!

O magistrado depois de alguns instantes de silencio, e reflexão. . .

—Não: tendes muita razão, visconde; talvez a presença de uma authoridade o-atemorise.

Como não quizesse o magistrado perder uma occasião tão opportuna de dar ao seu amigo uma não equivoca prova de sua dedicação, voltando para um dos emissarios disse-lhe:

—Ide, quanto antes, intimar ao negociante Hypolito para comparecer em minha presença.

Mal o emissario foi encarregado de citar a Hypolito, para comparecer perante o tribunal da policia, rapida-



mente dirigiu-se á porta, onde, depois de um profundo cortejo, desapareceu.

Encaminhou-se o magistrado para o visconde, que ainda se-achava em uma das janellas do edificio, e travá-rão uma renhida pratica: algum tempo depois ambos dirigirão-se para uma grande meza collocada n'ò centro da salla, e em derredor da qual se-achavão varias cadeiras;—sentarão-se n'a parte superior d'ella, ficando o visconde á direita do seu amigo,—e continuarão calorosamente em sua encetada conversação.

Meia hora depois achava-se Hypolito em presença da authoridade policial,—que começou de enterrogal-o á cerca do objecto em questão com todo o rigor n'as feições, e toda a aspereza n'as palavras.

Hypolito, porém, respondeo com a mesma franqueza, e presença de espirito, como ja o-houvera ha pouco feito aos seus emissarios.

Attonito elle pel-a estranhá maneira per que respondia-lhe o negociante, e não podendo de modo algum obter d'elle o que pretendia saber, postergando todas as suas attribuições, só para satisfazer o *valioso pedido* do visconde, passou a querer exigir per meio da força: (1)

(1) Estamos todos os dias vendo praticarem-se casos d'este jaez com a maior sem cerimonia: homens ha, que apenas a fortuna os-eleva a uma posição, que envolva alguma dependeneia, longe de empregal-a religiosamente em favor do desvalido, só buseão, desconhecendo os santos dogmas da religião do Homem-Deos, promover com ella o augmento dos males que pesão sobre elle, quer para satisfazerem seu genio de orgulho, e egoismo, ou algumas antigas e insignificantes desavenças que elles, ou alguém dos seus, tiverão com o pobre individuo, que teve a infelicidade de cahir n'as garras d'esses homens-tigres, quer para eseandalosamente servirem á alguns de seus amigos tão máos, como elles: e é por isso que o grande homem da sabedoria disse:— « *Cum obsecrationibus loquetur pauper; et dives effabitur rigidè* »—(\*) e n'a fraze do mesmo coneluiremos dizendo:— « O mal que se-acha radicado n'ò coração dos máos só se-curarà pel-as pisadu-

(\*) Não falla o pobre senão com supplicas; o rico, porém, lhe-responde com palavras duras: ! . . . .

mas Hypolito, que era dotado de um caracter altivo, e com a consciencia pura de crimes; prorompeu dizendo:

—Ja vos-disse, Senhor, que ignoro para onde se-dirigirão os passos do major Alfredo, e quando mesmo m'ò-tivesse elle dito, inuteis serião todas as vossas ameaças; porque ja mais ellas me-arrancarião um segredo; confiado n'ò sanctuario da amisade:—se mais nada de mim exigis, peço-vos que me-concedaes licença para retirar-me.

Esta resposta, dada com uma voz firme e desabrida, não deixou de calar algum receio n'ò espirito do magistrado, ja um pouco arrependido de ter sido demasiado condescendente para com o pedido do visconde; todavia com um rapido olhar procurou consultal-o, e elle de prompto retribuiu-lhe com um outro; mas tão significativo que o-fez recuperar de novo a sua energia, que quasi o-ia desamparando: voltou-se então para Hypolito, e carregando o sobrôlho, disse:

—A vossa insolente resposta prova exuberantemente que o-sabeis, e como, talvez de proposito, não queiraes confessal-o, e nem desistir de vossa louca teima, sereis conservado em custodia até declarardes onde se-acha refugiado o assassino do Senhor Leopoldo.

Ao que lhe-tornou desdenhosamente Hypolito.

—Se mais ao facto de vossas attribuições estivesseis, por certo saberieis—que a lei não vos-authoriza para conservar em prizão um homem, só por não poder elle satisfazer indagações, que se-dizem policiaes, mas que só tem por fim alimentar certas pequeninas vinganças; salvo se-quereis agora assumir a respeitavel dignidade de inquisidor . . . e muito menos para insultar um cidadão pel-o simples facto de não se-arreocar de fallar a verdade sem rebuço ante vós.

ras lividas da penitencia, e pel-as chagas, que penetrarem até o intimo das suas entranhas. ” —

E revestindo-se, depois, de um certo ar cheio de energia, e precisão, continuou. .

—Satisfazei muito embora os vossos caprixos, porque saberei pedir á primeira authoridade uma solemne, e completa satisfação do vosso illegal e reprehensivel proceder.

—E bem de pressa tambem,—lhe-tornou o magistrado contrahindo as feições, e abafando a raiva, que lhe-fez assomar n'os labios um ligeiro, porém acintoso sorriso—vos-tereis de arrepender d'essa vossa insolencia e pertinacia.

Assim dizendo o-mandou conduzir sem mais algum preambulo, e bruscamente para a prizão.

Immediatamente escreveo Hypolito ao negociante Jeronimo da Silva,—seu socio e amigo, communicando-lhe achar-se prezo, e que desejava sem demora alguma fallar-lhe: chamou pel-o seu creado, que fóra aguardava as suas ordens, e entregou-lhe a carta que acabava de fazer.

Uma hora pouco mais ou menos depois, achava-se Jeronimo da Silva com o governador, com quem tinha não pequenas relações de amizade: fez-lhe sabedor do que se-passára entre Hypolito e o magistrado, pediu-lhe a sua immediata soltura, allegando não ser possivel obrigar-se um homem a revelar aquillo, que não se-lhe-tinha confiado, e que além d'isso era anti-logico conservar-se prezo por taes futilidades um negociante á custa de graves prejuizos de seus interesses.

N'o dia seguinte, á despeito de seus inimigos, estava Hypolito livremente tractando de todos os seus negocios.

(*Continúa*).



## PASSEIOS DE DOUS AMIGOS.

(CONTINUAÇÃO.)

## II.

**N**S mesmas horas continuárão n'ó dia seguinte os dous amancebos n'as suas philosophicas meditações.

—Salve, augusto orgão dos immensos prodigios de Jehovah!.. Magestosa e sublime Natureza—salve!....

Como ainda o crime dos homens—atrabiliario, negro, hediondo, e abominavel não tem podido transpôr os sagrados penetraes do teu magnifico templo, oh Natureza, para te-insultar em face, e em face cuspir-te opprobrio e infamia,—eu amo ouvir a tua linguagem pura, harmonica e sublime, com que revellas—Deus—em cada frase.

E effectivamente—o longinquo murmurar da cascata, ou do ribeiro, cujas margens serenas se-toucão de lindas florinhas, que se-debrução languidas sobre sua correnteza, onde de mimosas e de innocentes se-espelhão e se-banhão;—o sussurrar brando e saudoso da aragem matutina atravez dos incultos palmares do deserto;—o concerto harmonico das aves, que, expandindo alegres suas azas, cortão os ares;—o regougar da raposa n'ó coração das selvas, e o fugir do tigre lá sobre o empinado cume das serras;—o tremulo e vivo luzir d'esses milhões de globos luminosos, que pendem sobre as nos-

sas cabeças á noite—lá do immenso pavilhão celeste;—o alevantar-se agora o sol sobre o horisonte lá das bandas do oriente, e o ir mais logo—apóz haver percorrido seu curso diurno,—apagar seus rocios afogueados n'ó bojo ceruleo do oceano;—e finalmente o bramir altivo do mesmo oceano, que enfurecido e encapellado arremette contra a terra parecendo alagal-a inteira; mas que falseando-lhe as forças—apenas em suas abas imprime um beijo esmorecido, e languido, e humilde recua para seu leito, como que arrependido, de haver contra os preceitos do Eterno, querido ultrapassar as raias, que elle prescreveu-lhe dizendo:—« D'aqui não passarás além!...» Tudo isto, homens sem crenças, homens de coração de ferro, tudo isto exprime alta e maravilhosamente o—VERBO DE DEOS.

Sublime Natureza,—é n'ó teu seio immenso, que minha alma se-espande toda em meu peito, e se-eleva até a Divindade, e sinto que sou uma porção de materia animada pel-o supremo bafejo do Omnipotente, por este espirito puro chamado alma, que se-encolhe entre os-homens amedrontada pel-o turbilhão medonho de suas desregradas impiedades, bem como se-encolheria uma virgem timida, innocente, que fosse levada para o meio de uma orgia; entre homens devassos, immoraes, e ir-religiosos, que não respeitão, não adorão, não temem um Ente Necessario, Sempterno, e Omnipotente, que á sua Imagem e Semelhança creou o homem, que, ingrato ao seu Creador, se-deslembra dos seus soberanos preceitos, em quanto que os irracionaes tanto os-observão.

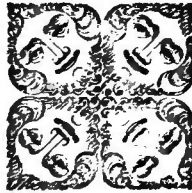
Aquella ovelinha, por exemplo, como sollicita andou buscando seu tenro cordeirinho, que d'ella transviou-se e perdeu-se pel-o cerrado das moitas, ou pel-os declivios das serranias, e agora que o-encontrou, com elle folga n'ó empinado cabeça d'aquelle monte, soffrendo que lhe-salte em cima, apóz havel-o amamentado!...

Tão carinhosa como a ovelha—folga, ou emballa muita vez uma zellosa mulher o seu filhinho carregan-

do em seus braços, e pondo-o á beber n'as preciosas fontes da vida, revendo-se n'elle tão linda como elle mesmo, que é o transumpto de seu todo, e sobre quem ella derrama desfeito em ternuras o seu coração puro— inextinguivel d'esse immenso inapreciavel thesoiro do céo, que Deos depositou n'o coração da mulher;—mas não de todas,—não por exemplo n'o coração d'aquella, que desnaturada, e sentindo perder a ellegancia, a belleza, e os attractivos das fórmas externas, quando ja não existem mais, se é que existirão n'ella perfeições d'alma—por se-arreceiar de desmerecer não tanto aos olhos de seu marido, que para ella ja é um fardo pesado, insupportavel;—quanto aos olhos soffregos ardentes de algum seu *admirador*, desamoravel repelle de seu seio o fructo mimoso de suas entranhas, e o abandona aos grosseiros, mesquinhos, e venaveis cuidados de uma pobre mulher mercenaria, que por elle não gemeu as dores da maternidade, e que por elle consequentemente não se-estremece: não por exemplo n'o coração d'aquella, que consome compridas horas fronteira ao seu espelho á se-toucar para um baile, aonde uma vez estando,—embriagada de gloria por haver conquistado mesmo alli muitos corações ternos, sensiveis, e nunca indifferentes á uma *belleza romantica*, e attrahido a attenção d'esses improvisados, ou pseudo-cavalleiros da moda, que lhe vão admirar o formoso brilho de seus olhos pretos e grandes, a engraçada symetria de suas arqueadas e finas negras sobrancellhas, as cecens e as rosas de suas mimosas faces, o lindo e humido carmim de seus labios, e o bello assetinado de suas torneadas candidas mãosinhas, não se-lembrava de que seu filhinho póde estar chorando á desesperar, á se-esganar sem ter quem o valha, porque a sua nutriz tambem sahio á dar o seu passeio nocturno, e lá deixou á Deus e á ventura a misera creaturinha, que se pudesse,—ou acompanhá-la para bem testemunhar os seus negocios d'ella, e voltar depoisbem a proveitada n'as boas

e sublimes lições de moral, ou então seguiria differente rumo, aonde lhe-accontecera qualquer fracasso, que a celebre triumphante heroína do baile havia de imputar ao desmasello d'ama, oleigando d'est'arte, que o principal dever de uma boa mãe, que infinito comprehende sua augusta missão, é zellar o mimoso renovo seu, e que haver não póde ella companhia mais doce, que a de seu filhinho, nem prazer mais inefavel, que o de ninal-o acarinhando-o, e amamental-o com seu proprio leite, revendo n' o tenro semblante d'elle suas feições, e as feições de seu esposo, e que por conseguinte, em vez de accusar ella a incuria da pseudo-mãe de seu filhinho, devia de reprehender acerbamente o seu desaso, por quanto, sendo ella a verdadeira mãe, aos cuidados de ninguem devia de confiar o recente fructo de seu amor, senão aos seus unicos, procurando satisfazer assim seus sagrados deveres, vivendo somente para elle, e para seu marido, e não querendo agradar á outrem, que não elle, e antepondo o seu zello e o seu amor para com seu consorte, e seu filhinho, á tudo mais quanto fôr secundario, e ridiculo, como á essas sobradas gallas, á essas vaidades, á essas affectações, com que tanto offende a sua modestia, e decoro, quanto a candura da Natureza, que ama tudo que é simples; e a prova é que por todo este vasto e pacifico recinto não descortino esses vastos e pomposos edificios com apnellados tectos, bordadas e sumptuosas paredes, tudo isto ostendendo o primor d'arte, mas obra transitoria dos homens, que para desmoronar-se, ou converter-se em cinzas, basta unicamente um brando sopro do aquilão, ou uma fragil scentelha solta á descuido n' o meio de suas pompas. . . . Aqui não oiço nem vejo a formosa dama do peito soltar sua voz sonora e percorrendo com seus mimosos dedinhos as teclas de seu pianno encher os vastos e magnificos salões de harmonia horas inteiras e bem longas—ás vezes para satisfazer somente aos vaporosos dezejos de seu amante;—porém em logar de

tudo isto deviso formosos pavilhões de verduras, d'onde pendem com simples e peregrina graça lindos festões de flores, e debaixo d'esses pavilhões escuto a pomba subir a Divindade seus puros e saudosos hymnos; e tão saudosa e tão pura não faz a solitaria Virgem do Claustro harmonica resoar sua voz pel-as ermas e silenciosas naves do mosteiro, lá quando pel-a callada da noite, prostrada de joelhos sobre a fria lagem diante das sacrosantas aras de Deus, lhe-envia do intimo d'alma suas fervorosas preces.





---



---

# SCIENCIA.

---

## OS SONHOS CONSIDERADOS SOB O PONTO DE VISTA PHYSIOLOGICO E PATHOLOGICO.

PELO DR. M. MACARIO.

Traducção do francez por \* \* \* \*

(CONTINUAÇÃO.)

### SONHOS PHYSIOLOGICOS.

#### II.

#### Sonhos sensoriaes extra-cranianos.

(SONHOS—ILLUSÕES.)

**O**s sonhos, que compoem a segunda classe, são para os da primeira, o que são as illusões para as allucinações. São sempre produzidos por impressões exteriores, como um ruido, a picada de um insecto, o contacto de um corpo estranho; por uma mudança de temperatura, uma posição penosa ou incommoda, uma attitude insolita, &c. Assim, por exemplo, se vem á re-tumbar n'ó orgão cerebral qualquer impressão sensorial, leve, de modo que não rompa o somno, póde esta impressão provocar longos e mui minuciosos sonhos, n'os quaes com força e vivacidade singulares de novo se desenhão cousas, que parecião quasi extinctas da memoria; ou então esta impressão é logo pel-o homem, que dorme. adaptada ao teor de suas idéas actuaes com

promptidão maravilhosa, e para logo faz parte de seus sonhos. Outras vezes, emfim, nova direcção podem dar aos sonhos as impressões interiores. Se o sonhador ouve uma detonação, julga-se em presença de exercitos inimigos, que se-batem; vê correr o sangue, ouve as descargas de mosquetaria, o rebombo do canhão, o retintim das armas, o alarido dos combatentes, o gemer dos feridos e dos moribundos.

Se ferir vem seus ouvidos o queixoso som de harpa eolica, eil-o repentino em face d'aquella á quem ama, que, se acompanhando de seu piano, canta-lhe seus mais ternos, seus mais patheticos romances, ou então eil-o imaginando assistir á um festejo onde ouve os melodiosos sons de harmoniosa orchestra, que á dança o convidão.

O simples som de um sino póde immediatamente reconduzir nossos pensamentos para as sensações de nossa influencia, e mergulhar-nos em agradaveis distracções, ou de repente dar origem á idéa de um enterramento ou de uma solemnidade religiosa, conforme o estado actual de nossa sensibilidade.

.....  
 .....  
 .....  
 .....

Se em qualquer parte do corpo se lhe desperta uma dôr rheumatica, parece-lhe que são bravios animaes, que o despedação, que o devorão.

Ainda mui recentemente sonhavamos nós que um salteador nos-apunhalava o coração, e sentimos—ao despertar—aguda dôr n'a região precordial.

Dardejava o sol matutino seus raios doirados para a camara de uma rapariga adormecida; sonhou esta que resplendente luz impressionava dolorosamente seus olhos, e que procurava fugil-a occultando-se nos cantos mais obscuros, e fechando convulsivamente as palpebras.

A picada de uma pulga fez sonhar Descartes que elle era traspassado por uma espada.

Uma pessoa, segundo refere Stewart—tendo feito applicar, em um estado de indisposição, um vaso de agua mui quente á seus pés, sonhou que fazia uma viagem ao monte Etna.

Outra tendo n'a cabeça um vesicatorio, adormeceu e teve um sonho mui longo, mui seguido, em que se-via presa e á ponto de ser morta e descabellada pel-os selvagens da America.

Uma posição incommoda do pescoço fez sonhar um padre que o-estrangulavão.

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

A cahida de nossos cobertores nos-faz sonhar que estamos expostos ás intemperies do ar ou ás vistas da multidão em estado indecente. As mulheres mais que os homens estão sujeitas á este ultimo phenomeno; porque, como se sabe, grande é n'ellas o pudor; é o que constitue sua mais bella qualidade.

A fome pode dar origem á sonhos em que o individuo se-ache em lauta mesa, ou ao supplicio de Tantalo, pel-a irritação da mucosa gastrica. N'os primeiros tempos de nosso exilio, algumas vezes nos-aconteceu deitarmo-nos, sem havermos, por falta de dinheiro, inteiramente satisfeito nosso appetite, e então quasi nunca deixavamos de assistir, em nossos sonhos, á banquetes esplendidos e á sumptuosos festins.

Sonha com agua o hydropico, devorado pel-a sede; o febricitante com incendios.

« Muitas impressões interiores de dôr produzem igualmente sonhos, que se ligão algumas vezes á estas affecções de modo mais ou menos directo. Os mais penosos pesadelos são os das pessoas que tem espasmos do ventre, ou respiração mui difficil, ou molestia n'ô coração. Aos mesmos sonhos são expostos os hypochondriacos, as mulheres nervosas, hystericas, emfim, todos os individuos, que tem digestões laboriosas. » (\*)

Mas paremos aqui, não nos-antecipemos sobre os sonhos pathologicos.

Ha, em todos estes casos, relação intima e evidente entre a causa e o effeito, entre os sonhos e a impressão, que os-ha produzido; e por consequinte singularmente se-assemelhão estes sonhos ás illusões.

Quem agora reflectir sobre os factos, que acabamos de relatar, ficará convencido de que as impressões, que dão origem á differentes sonhos, são bem diversamente vivas, bem diversamente fortes durante o somno, do que o são durante a vigilia. Estimulos, irritações, que passarião inteiramente desaperecidos n'ô segundo caso, adquirem n'ô primeiro energia e intensidade verdadeiramente prodigiosas. Mais tarde veremos, em lugar competente, todo o partido que d'esta exaltação da sensibilidade se-pode tirar n'a pratica da medicina. (\*\*)

(*Continúa.*)

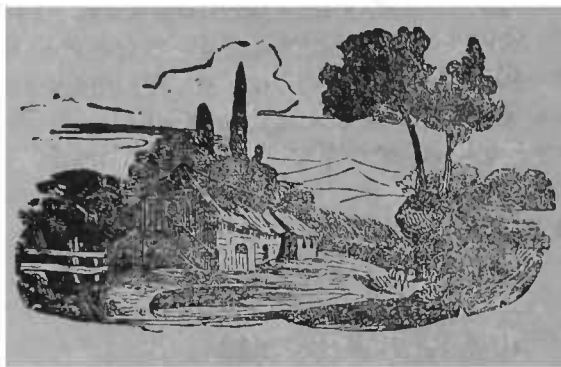


(\*) Moreau de la Sarthe, Grande dicc. das sc. med.

(\*\*) Por justos motivos deixamos de continuar com esta traducção, que será terminada por outro.

(O Traductor.)

## BELLAS ARTES.



### O FORAGIDO.

(CONTINUAÇÃO.)

III.

Penei ao desamparo, em soledade;  
Vaguei sosinho a mingoa, e sem conforto.

Tudo soffri no alento de uma esp'rança,  
Que no instante de vel-a me ha fugido.

Engano lisongeiro da existencia,  
Que verdade cruel te ha dissipado?

(GARRETT:—*Poema Camões.*)

1.

**A** quinta da *Penha-verde*  
É mui bella de encantar,  
De um lado se-eleva um monte  
Qu'em precipicio vai dar,  
Velha ermida por sobr' elle  
Inda vê-se branquejar,  
E restos de velhas campas  
O chão dos mortos juncar.

## 2.

Oh! que bello lugar este,  
 Para quem soffre—scismar,  
 Entre as reliquias dos mortos,  
 Que a terra'stão a juncar!...  
 Altas e copudas arvores  
 Cobrião este lugar,  
 Tão solitario, tão proprio,  
 Para quem soffre—chorar!

## 3.

Pel-o céo um só planeta  
 Não se-via percorrer,  
 Somente pesadas nuvens  
 Com rapidez s'-estender;  
 E estas nuvens parecião  
 Mar de fogo a se-mover:....  
 A terra já n'os seus eixos  
 Parecia estremecer.

## 4.

Soava então meia noite....  
 E n'essa hora que atterra,  
 Vio-se per entre o arvoredado  
 Um vulto galgar a serra;  
 Trajava desconhecidos  
 Trajos—que mysterio encerra,  
 Trazia pendente á cinta  
 Pesada espada de guerra.

## 5.

Quem era este, que ousado,  
 N'este lugar se-occultava?  
 D. Pedro, que á sua Dama  
 De fallar ha muito esp'rava:  
 N'a quinta da *Penha-verde*  
 Os frescos ares tomava  
 A inf'liz D. Maria,  
 Qu'a vida a perder estava.

## 6.

—Chora.... chora, amigo conde,  
 Qu'infeliz foi teu amar!  
 Corre, corre á tua Dama,  
 Qu'a vida está a findar!  
 Assim dizia outro vulto,  
 Qu'o monte poz-se a galgar:  
 Era o bom velho Eremita,  
 Qu'a Pedro vinha fallar.

## 7.

Recebeo D. Pedr'o amigo  
 Co'o coração a bater:  
 —Caro amigo da minh'alma,  
 O que é que me-vens dizer?  
 É viva? É morta? Oh! por Deus,  
 Serenai meu padecer!..  
 —Já, e já á vossa Dama....  
 Que a vida está a perder!

## IV.

Mon Dieu, pour fuir la mort n'est-il aucun moyen?  
 Quoi! dans un jour peut-être, immobile et glacée!  
 Aujourd'hui l'avenir, le mond, la pensée,  
 E puis demain.... plus rien!....  
 (M.<sup>me</sup> Anaïs Segalas:—*La jeune fille mourant.*)

## 1.

**V**IVE, vive meu D. Pedro,  
 Vive tu, qu'eu vou findar;  
 Ja mais te-veráõ meus olhos,  
 Que um Deos me-está a chamar!  
 Dizia do duque a filha,  
 Sem quasi poder fallar,  
 A' seu querido D. Pedro,  
 Que a mão lhe-estava a beijar.

## • 2.

Sobre sofá de damasco  
 Verde, como o verde mar,  
 Deitada estava a donzella,  
 Era branco o seu trajar:  
 Tal como em noite serena,  
 Bella noite de luar,  
 Estatua de fino marmor  
 Em campo verde—á alvejar,

## 3.

—Não has de morrer, Senhora,  
 Pois eterno é nosso amar;  
 Por ti arrisquei a vida  
 Proscripto—vim te-salvar:  
 Não has de morrer...—e n'isto...  
 Poz-se triste á suspirar;  
 Depois de leve silencio,  
 Poz-se D. Pedro a chorar.

## 4.

«D. Pedro!... Adeus!...»—Não mais disse  
 A dona ao seu cavalleiro;  
 Que os dous rubiz se-serrárão,  
 Co'um sorrizo inda fagueiro.—  
 —Ja lindo conde apagou-se  
 De teu fanal o luzeiro,  
 Já por tua linda Dama  
 Dobrá' os sinos de um mosteiro.

## 5.

Chora... chora lindo conde,  
 Teu tão cruel padecer,  
 Que já tua dama é morta,  
 Na terra vai se-esconder!  
 Vai juncto ao seu ataúde  
 Fervente pranto verter,  
 Rogar a Deus que te-chame  
 Para com ella viver!



W.

Je laisse à mes amis tout le soin de ma gloire,  
E je ne veux en ma mémoire  
Ni d'outre tombeau que leurs cœurs,  
Ni d'outre éloge que leurs pleurs.

(\*\* \* Le Retour de Zéphir;—*Epitafe.*)

1.

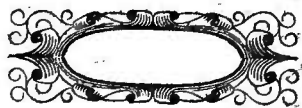
**P**oucos tempos se-passarão,  
—Longo tempo de penar!—  
O sino de uma capella  
Um dia ouviu-se dobrar:  
Triste som! signal de morte!  
—E por quem estava a tocar?  
Por Frei Pedro do Dezerto,  
Que acabava de expirar.

2.

Sobre seu peito encontráráo,  
Quando estavam-no a enterrar,  
Fios de louros cabellos,  
Rica medalha sem par;  
—*M e P*—virão escripto,  
Quando a-forão contemplar;  
E o segredo d'estas lettras  
Ninguem pôde decifrar.

J. M. PEREIRA DE ALENCASTRE.

Bahia, Outubro de 1849.





### SAUDADES DELLA! (\*)

Lêde-me vós, que daes sinceros prantos  
 A' loucura de Tasso—de Petrarca  
 Aos magoados amores—e as saudades  
 Do desterrado *Elmano*—e que enlevada,  
 Alguma vez, ingenua, dezejas-te  
 Para o pobre Poeta consolardes  
 Laura ser, *ser Maritia*, ou ser Leonora.

(*Mendes Leal Junior.*)

Mimosa, e linda flôr, tu que do seio  
 Da engraçada Marilia  
 N'a hora da partida te-ausentaste  
 Tão bella e tão viçosa....  
 Serás a companheira mais querida  
 Do Bardo n'o desterro!....  
 Quando a aurora gentil—trajando gallas  
 Assomar n'o horisonte,  
 Irei comtigo, descantando amores,  
 Rebatar-lhe uma lagryma,  
 E mais viçosa então—irei levar-te  
 Ao fim da tarde a contemplar as vagas,  
 E as vagas nos-trarão com murmurio,  
 —Ellas, oh Deus! só ellas—  
 As saudades da Patria!....  
 Quando o sol se-pozer.... irei guardar-te  
 N'um vaso de crystal.... que se-fôr pobre  
 De tradições é rico!....

(\*) Devemos a um nosso amigo o favor desta poesia, que por bella a-apresentamos n'as columnas do nosso periodico, certos de que o nosso amigo não nos-levará a mal.

Porém não:—antes quero ver murchar-te,  
 Do que longe de mim beber alentos!...  
 Desmaiarás, oh flôr, porém n'as folhas  
 Deixai a copia das feições d'outr'ora,  
 E qual outr'ora amei, protesto amar-te!...  
 Murcharás; é verdade: mas teus restos  
     Ajuntarei cuidadoso,  
 E qual outr'ora amei, protesto amar-te.

E eu?... Triste de mim!... Embora a vida  
 Conserve para a dor, para o tormento—  
 D'auzencia o sopro me-riscou p'ra sempre  
     Do seio da inconstante.

1849.

DR. \*

---

Tendo o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Constantino José Gomes de Souza de retirar-se para a côrte do Rio de Janeiro, por isso,—com summo pezar nosso, deixa de ora por diante de fazer parte da sociedade redactora deste periodico; todavia o nosso illustre amigo continuará a mimosear-nos—embora auzente—com alguns artigos, segundo nos-tem promettido; e as paginas do nosso pequeno periodico continuarão a apresentar ao publico algumas das suas inspirações poeticas, que teve a bondade de deixar em nosso poder.

# SCIENCIA.

## HYDROGRAPHIA.

(CONTINUAÇÃO.)

### Longitudes e Latitudes dos principaes pontes maritimos do Brasil. (\*)

	LATITUDE S.	LONGITUDE O.
Garcia de Avilla (Torre) . . . . .	12°, 32', 4"	28°, 52', 2"
Rio Real. S. . . . .	11, 28, 1	28, 11, 7.
Sergipe d'el-rei. S. . . . .	11, 11, 0	28, 8, 4.
Rio de S. Francisco. S. . . . .	10, 28, 8	27, 14, 9.
Maceió . . . . .	9, 39, 0	27, 35, 8.
Tamandaré (forte). . . . .	8, 43, 4	25, 56, 5.
Ilha de Santo Aleixo. . . . .	8, 35, 8	25, 52, 3.
Cabo Santo Agostinho. . . . .	8, 20, 7	25, 48, 2.
Pernambuco(forte do Recife)	8, 4, 1	25, 44, 2.
Olinda (Torre O.) . . . . .	8, 1, 0	25, 42, 3.
Capibaribe (Goiana Foz) . . . . .	7, 37, 7	25, 39, 9.
Cabo Branco . . . . .	7, 8, 4	25, 39, 6.

(\*) Estas latitudes e longitudes forão extrahidas da obra de *Coulter*, reduzindo-se porém as longitudes ao meridiano de Lisboa.

	LATITUDE S.	LONGITUDE O.
Parahiba do Norte (Cabedello)	6°, 57', 8"	25°, 41', 7"
Bahia da Traição. N. . . . .	6, 41, 3 . . . . .	25, 48, 9.
Bahia Formosa. S. . . . .	6, 23, 2 . . . . .	25, 51, 7.
Rio Grande N. (forte) . . . . .	5, 45, 0 . . . . .	26, 6, 0.
Cabo de S. Roque. . . . .	5, 28, 3 . . . . .	26, 8, 7.
Id. Baixos. NE. . . . .	4, 51, 0 . . . . .	26, 18, 3.
Ponta Calcanhar (cume) . . . . .	5, 8, 3 . . . . .	26, 22, 2.
Lavadeira (baixo) . . . . .	4, 54, 7 . . . . .	26, 53, 7.
Urcar (Id.) . . . . .	4, 51, 5 . . . . .	27, 10, 1.
Tubarão (baixo N.) . . . . .	5, 1, 8 . . . . .	27, 19, 7.
Morro Tihão . . . . .	4, 49, 3 . . . . .	28, 9, 3.
Ceará (Igreja Torre) . . . . .	3, 43, 0 . . . . .	29, 25, 5.
Rio Mondahu (Duna) . . . . .	3, 10, 0 . . . . .	30, 9, 0.
Paranahiba E. (Iguaraçú) . . . . .	2, 52, 5 . . . . .	32, 29, 7.
» O. (Tutoya) . . . . .	2, 41, 2 . . . . .	33, 3, 7.
Lençoes grandes. E. . . . .	2, 26, 2 . . . . .	33, 51, 5.
Ilha de S. Anna (baixo E.). . . . .	2, 12, 6 . . . . .	34, 21, 2.
Coroa grande (N. meio) . . . . .	2, 10, 8 . . . . .	34, 49, 2.
Maranhão (bandeira). . . . .	2, 29, 4 . . . . .	35, 8, 4.
Baixo de Manoel Luiz. O. . . . .	0, 51, 4 . . . . .	35, 6, 2.
Vigia de J. J. da Silva. . . . .	0, 32, 0 . . . . .	35, 8, 9.
Pará . . . . .	1, 27, 2 . . . . .	39, 59, 2.

Maio de 1830.

J. M. D. P.  
(Continúa.)





## RESUMO CHOROGRAPHICO.

Posição astronomica, dimensões, superficie, população, limites, aspecto, clima e saúde pública, ethnographia, produções, exportação, navegação, rendas e despesas provinciaes, força militar, comarcas, municipios, freguezias, instrucção publica, montes, rios, ilhas, etc., etc., da provincia da Bahia.

### (VISTAS GERAES.)

#### I.

**D**AR uma idéa da terra, que habitamos, descrever os rios, que a-fertilisão, as serras, que a-cortão; dar uma idéa senão perfeita, ao menos aproximada da terra, que nos-viu nascer—parece isto, não um trabalho sem lucro, porém de algum proveito; parece uma obrigação da nossa parte, embora os jornalistas da Bahia té hoje não se-tenhão dado a este trabalho, de tanta utilidade, e proveito para os seus concidadãos, pois—¿quantos d'elles não ignorão os pontos os mais triviaes da historia physica e politica de seu paiz?—A' estes, que o-ignorão, dedicamos este imperfeito resumo—Chorographico—perdoando os *sabedores* todas as súas imperfeições, se tiverem a bondade de o-fazer.

**POSIÇÃO ASTRONÓMICA.**—A provincia da Bahia, uma das mais notaveis do imperio do Brasil, está situada á Êste ou Oriente de sua costa entre 10° e 31' de latitude meridional, e 18° e 42' da mesma latitude.

**DIMENÇÕES.**—A sua extenção norte-sul é de 115 leguas, contando de largura 100; d'esta opinião são varios geographos, como Casado Giraldes, Balbi, Urcullu, Gulthrie, Warden; porém outros dão-lhe 180 leguas de extenção, e 120 de largura, tendo de costa 240 leguas de 25 ao gráu.

**SUPERFICIE.**—A superficie é de 14:000 leguas quadradas.

**POPULAÇÃO.**—Ou não se-tem empregado meios alguns, para se-chegar, senão ao verdadeiro, ao menos ao aproximado conhecimento da população da provincia da Bahia, ou os meios, que se-tenhão empregado, teem sido tão falliveis, que não teem produzido effeito algum. É de lastimar, que se não possa cortar pela raiz as difficuldades, que todos apresentam, quando qualquer intenta vir n'ó conhecimento de uma materia de tanta importancia e transcendencia:—é de lastimar, que aquelles, que querem adquirir alguma sciencia sobre a população da Bahia vão mendigar em obras estrangeiras, todas faltas de veracidade, aquillo, que, á força de todo o sacrificio, e de todas as fadigas, se devia já ter adquerido. Porém, se assim o-querem, assim o-tenhão; pois nós, em quem não existe força bastante, não poderemos trabalhar em tal empreza.

Casado Giraldes dá á provincia da Bahia 660:000 habitantes, a mesma opinião segue Balbi:—D. José de Urcullu, n'ó seu—*Tratado elementar de Geographia da-lhe* 650:000:—Mr. Warden, n'a sua obra, que tem por titulo—*Viagem n'a parte septentrional do Brasil* diz que em 1775, per meio de fortes averiguações, conheceu-se que a provincia da Bahia tinha 245:000, e que em 1832 se-elevava á 500:000:—n'ó *Tratado de*

*Geographia*, publicado em Paris em 1838 por uma sociedade de litteratos portuguezes—vê-se que tinha 560 mil:—a folha official de 1841 deu-lhe 820:000, porém, sem nenhum fundamento; e a mesma folha do anno de 1834 lhe-tinha dado 650:000.—Qual será o verdadeiro juizo? Como poderemos dar uma idéa aproximada da população da Bahia, e mesmo do Brasil, (1) quando são tantas as opiniões emittidas em quasi todas as obras, e tratados?... Nenhuma d'essas opiniões seguimos; e para não errarmos com nenhuma d'ellas, diremos que a população da Bahia se-póde elevar á 684:000 habitantes, dos quaes 12:000 pertencem á raça indigena, 350:000 á raça branca, tanto brasileiros como estrangeiros; 180:000 á raça africana e seus descendentes; 120:000 a raça mixta; 22:000 aos incognitos, que não se-dão ao arrolamento.

**LIMITES.**—Esta provincia, a mais antiga, e uma das mais povoadas de todo o Brasil, confina ao N. com a provincia de Sergipe d'El-Rei, de que é separada pelo rio Real; a E. com o Oceano; ao S. com a provincia do Espirito Santo, de que é separada pelo rio Mucury; ao SO. com a provincia de Minas-Geraes; ao O. e NO. com a provincia de Pernambuco, de que é separada pelo rio de S. Francisco.

**ASPECTO DO PAIZ.**—É geralmente montanhoso; porém coberto de preciosas, e extensas matas, e cortadas por grande numero de rios, que tornão facil a navegação pelo interior da provincia; e n'a opinião do Sr. barão de Humboldt a vegetação tão forte, tão abundante, tão rica em suco, que fórma esta folhagem tão verdejante, tão espessa, que, espalhando doce sombra per todos os lugares, impressionárão o coração do viajante principe Maximiliano!

(1) Balbi dá ao Brasil 5,000,000; Brackenridge 3,000,000; o barão de Humboldt, e Hassel, 4,000,000; Malte-Brun, 3,800,000; os litteratos portuguezes 5,340,000; Urcullu, 3,806,000; o *Correio Official*, 3,680,000; Warden, 3,617,000, etc.



**CLIMA, E SAUDE PUBLICA.**—É geralmente quente o clima da Bahia, porém, refrescado, pel-a manhã, pel-a brisa do mar, e á tarde, pel-as auras fagueiras das montanhas, e bosques, tornando-se por conseguinte o clima *saudavel e sereno*. Assim disse-mos per muito tempo! Poderemos orgulhosamente dizer, como outr'ora, que a « região do ar é conhecida-mente vital, um quasi segundo paraíso, uma perpetua primavera, onde raramente se-sente excesso de frio e calma, d'onde andão desterradas as pestes e os ramos d'ellas, as doenças contagiosas? (2) Não; que a terrivel epidemia—febre amarella—que entre nós; já por tres vezes, tem grassado, e que hoje, com espantosa catadura, tem, e vai dizimando grande numero de natu-raes, como estrangeiros, deixando em muitas familias o lucto e o pranto, e incutindo em todos um terror pa-nico—nos-faz cerrar os labios! É ainda convalescente de um terceiro ataque d'este terrivel flagello que isto escrevemos.

Per muito tempo foi um problema, para mim, a principal causa d'esta peste; porém ultimamente acabou de o-resolver o Sr. Dr. Egas Muniz Barreto Carneiro de Campos, apresentando além de outros motivos, o de enterrar-se os cadaveres n'os templos; e n'a verdade, a historia de todas as epidemias tende a procurar este foco; a França, a Italia, a Hungria, o Egypto e muitas outras partes o-attestárão, e attestão; as observa-ções são mais que convincentes; as paginas da historia ahi estão abertas, para quem fôr cego.

É de lastimar, que entre um povo religioso, qual o brasileiro, inda se-conserve tão irreligioso, pessimo, e fanatico uso de inhumar-se n'os templos! É de lasti-mar, que entre nós, que nos-presamos de civilisados, inda se-conserve tão extravagante fanatismo! Que dos

(2) Simão de Vascancellós:—chron. da comp. de Jesus dos estados do Brasil; Edic. em fol. pag. 34.

logares, onde vamos render adorações ao Todo Poderoso, tragamos peste, flagello, e morte! Que onde se exige maior pureza, se-encontre miasmas putridos, que, nos-contaminando, nos-arrastão para a sepultura!

Os homens sabios teem pulverisado todos os sophismas fradescos a respeito das inhumações n'os templos, e quem hoje se-presa de um juizo esclarecido, e de um coração puro e religioso não poderá admitir, e proteger essas idéas ridiculas e absurdas, que, só n'o seio da ignorancia e da ambição de oiro, poderia ter a sua origem.

Vejam, se estes, que os civilizados de hoje chamão barbaros, se estes, que não são catholicos—enterrão os cadaveres n'os templos, e se em algum tempo o-fizerão.

Os romanos, n'os seus primeiros tempos queimavão os cadaveres de seus finados, de qualquer condição, que fossem, e as cinzas erão lançadas em urnas; porém em tempos menos remotos os-inhumavão; mas fóra da cidade.

Os turcos, conforme o testemunho de Chateaubriand, são enterrados em cemiterios agradaveis á vista, pelo grande numero de loureiros, e cyprestes, que são ahi plantados junto ao tumulo dos mortos, por sobre cujas ramas voltejão brancas andorinhas, e arrulão formosas e azuladas pombas.

Os peruanos procurão as planicies, colinas, e rochedos para sepultarem os cadaveres; e os hottentotes n'os rochedos e grutas.

Os troianos, phenicios, e carthaginezes queimavão com cerimonia pomposas os cadaveres; o mesmo fizeram os gregos n'os primitivos tempos; porém ao depois os inhumavão, mas nunca n'o recinto das cidades.

Os germanos lançavão os cadaveres n'os bosques; os chinas n'as colinas, e n'os cemiterios fóra das cidades. Os povos da Africa conservão quasi os mesmos usos. Lê-se n'os livros do antigo testamento que Adão, e os

tres supremos patriarchas Ábrahão, Izac, e Jacob forão inhumados n'a caverna de um monte n'as immediações da cidade de Hebron; que Moysés fôra enterrado n'o monte Abarin, ou Nebo; que Aarão o fôra n'o monte Or; que os reis de Judá n'as montanhas de Sião, e que Jesus-Christo em uma das cavidades do monte Calvario!!

—Ouvi mais.

Varios concílios prohibirão o enterramento n'os templos; alguns papas e imperadores tambem o-prohibirão;—o grande Constantino, Bento 3.º e Nicoláo 1.º—e grande numero de philosophos e homens sabios forão inhumados fóra do sagrado dos templos!

—Que responderéis á isto homens supersticiosos?...

Não basta, para atarracar de razões aos brasileiros, o numero infinito de acontecimentos espantosos, que tem tido lugar em quasi todas as partes, onde se-praticão semelhantes usos? Não basta para convencel-os as observações de Mr. Haguenot? (3)

Sabem o que são os enterramentos n'as Igrejas?...

(3) Para conhecer Mr. Haguenot as qualidades dos vapores, que exhalão as sepulturas, fez abrir a cova de um templo, d'onde sahio um vapor fetido e suffocante, (\*) que contaminou todos os objectos de um odor cadaverico; ao depois aproximando da boca da cova um papel aceso, como tambem um archote—apagárão-se repentinamente, sem conservar a menor particula de fogo, pois que os vapores mephiticos teem a propriedade de apagarem os corpos inflammados:—os cães, gatos, e pequenas aves conduzidas ao lugar da sepultura, depois de menos de dous minutos, apresentando convulsões, expirárão; inda fez mais:—introduzindo em garrafas os vapores mephiticos, e fazendo com elles, um mez e meio depois as mesmas experiencias, resultou os mesmos effeitos!!!

(\*) Casado Giraldes, fallando n'os fogos fatuos, que apparecem n'as igrejas, onde predomina, diz elle, o perigoso costume de amontoar os cadaveres, dá como razão de tal *suffocação*—a combinação do gaz hydrogeneo, com o phosphoro, cuja mistura, não sendo propria á respiração, suffoca subitamente.

—Leião, se-querem, as obras de Mrs. Vicq d'Azyr, Maret, Haguénot, Piattoli, &c.

Mas, do que poderá servir, se, conforme Mr. Maret, « os povos fantasiarão, que suas almas tomariam maior parte n'as preces e n'os sacrificios, n'o momento em que seus corpos se-approximassem das igrejas, dos altares, e até dos sanctuarios, pensando que os suffragios procedem a respeito d'elles com maior força e em razão da distancia? »

—Enganados que estão!!

Quereis ouvir o que Mr. Parée, conego do Sancto Sepulcro de Caen, diz, quando falla do desrespeito, que temos ao Todo Poderoso, enterrando cadaveres n'o seio da sua habitação?

Ouvi.

« Os pagãos respeitavão mais seus templos, do que nós respeitamos os nossos: . . . e os logares que servião a este uso—de enterrar os cadaveres—elles os-afastavão com cuidado uns dos outros. . . . »

Como quer que seja póde dizer-se, com verdade, que as nossas igrejas encerrão uma infinidade de cadaveres, mais corrompidos pel-os vicios, que pel-os principios, que promovem a destruição. Para que pois encerrar n'os logares sagrados esta aluvião monstruosa de corpos, dos quaes, uns serão cobertos de inefaveis glorias, e outros, ja anathematisados pel-o Todo Poderoso, serão o alimento de um fogo, que não se-apagará jamais? . . . »

Não me-dou ao trabalho de apresentar outros factos, pois com o dizer que este foi o uso de todos os povos antigos, e de muitos modernos—tenho concluido!

Sendo tão conhecidos os terriveis effeitos de semelhante maneira de obrar, porque não o-havemos de banir de entre nós, porque não havemos de seguir o exemplo de algumas nações cultas da Europa, construindo cemiterios fóra das cidades, quando com isto daremos á face do mundo um testemunho do nosso respeito pa-

ra com o Creador, da nossa pureza de religião, e do nosso progresso n'a civilização, quando os brasileiros sensatos, e amantes de seu paiz o-reclamão com todas as forças? . . .

Até quando se-estenderá a epocha de nossos padecimentos? . . .

As nossas vidas continuarão a estar em perigo; continuaremos a ser flagellados; e o fanatismo alçará sua bandeira de triumpho, se todos os brasileiros não levantarem um brado em favor d'esta empreza.

. . . . .

(Continúa.)

---

## VARIEDADE.

### **Meio para restaurar a brancura do alvaiade n'os quadros alterados.**

Mr. Thenard tendo observado que a agua oxygenada (deutoxydo de hydrogeneo) tinha, entre outras propriedades, a de converter o sulphureto de chumbo em sulphate, e por conseguinte de lhe-mudar a côr de negro para branco, conseguiu per meio d'ella renovar a côr branca n'os antigos quadros, em que o alvaiade tinha sido denegrado por vapores sulphuricos, e convertido em sulphureto de chumbo. Este processo tem a vantagem de restaurar esta parte dos quadros antigos, sem alterar a originalidade.



# HISTORIA.

## AS CRUZADAS.

CONTINUAÇÃO.

### III.

O sol ia ja em alto quando o grito de *Allah-hu-Ac-bar!* soou no centro dos esquadrões do Islam:.... repetido por milhões de bocas, este grito restrugiu, e echoou, como o estourar de uma trovoada distante, pel-os pendores das serras, e murmurou e perdeu-se pel-os desfiladeiros e valles.

A cavallaria arabe, enristando as lanças, arremessou-se pel-a planicie, e desapareceu n'um turbilhão de pó. « Christo, e avante!... »

O ruido abafado e distincto do mover dos dous exercitos, vae-se gradualmente confundindo n'um som unico, ao passo que o chão intermedio se-embebe debaixo dos pés dos cavallos.

(A. HERCULANO:—*Eurico, o Presbytero.*)

**A** segunda cruzada, como acabamos de vêr, não produzindo effeito algum salutar á bem dos christãos, que todos os dias erão maltritos pel-os sectarios do Koran, fez, pel-o contrario, com que os arabes se-esforçassem em conquistar com rapidez os logares, castellos, e praças, que existião fóra da sua obediencia, antes que uma nova léva de occidentaes viesse pôr obstaculo ao seu marchar de conquista.

Os amadores do Haran, (1) vendo a grande facilidade

(1) *Haran*: significa n'ò arabe *defendido*. O templo de Meka, foi assim chamado, em razão do respeito, que todo o mortal deve alli conservar: os arabes tambem o-chamão a *casa antiga*, em razão da grande antiguidade, que dão, da sua edificação.

de, com que podião vencer aquelles, que inda ha pouco tinhão sido vencedores, contemplando a grande desunião em que elles se-achavão, e a vida effeminada, e reprehensivel, á que se-entregavão,—conduzião suas armas avante.....

Ja a cruz, que os soldados de Christo trazião sobre o hombro esquerdo, não lhes-servia mais de incentivo para as victorias:—era a cada instante insultada pel-os filhos do propheta de Medina, (2) sem que a violencia fosse repellida:—era desrespeitada per aquelles mesmos, que a-devião amar, e baratear a vida pel-a sua defeza!

Saladin, esse heróe, tão afamado n'os annos do oriente, esse conquistador, per tanto tempo invencivel,—que n'õ impeto energico de suas victorias, agrilhõou a Arabia, Persia, Mesopotamia, e Syria, era então o terror dos christãos; e contra elles era que o conquistador dirigia seus passos rapidos, e solemnes!

O conde de Tripoli, em cujo coração redemoinhava, e bradava a vingança com todos os seus furores, só estava n'a expectativa do menor motivo, para se-apresentar á Lusignan, em frente de suas tropas. Nenhuma occasião se-podia apresentar melhor do que esta:—elle se-uniu á Saladin, e formando os dous alliados um exercito de mais de 50 mil homens, marcharão sobre Tiberiade, que se-rendeu ás armas do Wali oriental (3).

Gui de Lusignan sahiu com o seu exercito, para receber o inimigo em Acre (4).

Os dous inimigos postarão-se frente á frente.... Per meio das triumphias dos filhos de Mahomet, via-se os Cheiks (5) animarem os semblantes tostados dos orientaes, com as promessas do Koran: e per meio das pha-

(2) *Medina*: patria de Mahomet.

(3) *Wali*: capitão, ou chefe.

(4) *Acre, ou Akka*: uma das cidades fortes da Syria.

(5) *Cheiks*: capitães, que commandavão umas das columnas do exercito.

langes dos cruzados via-se os chefes repetirem aos seus *gendarmas* as eloquentes frases do Evangelho.

Um momento depois embaralhárão-se os dous arrayaes, como formando um só; ao depois se-afastárão, e o segundar do encontro, semelhante a duas ondas assoberbadas, que se-encontrão n'ó seu fluxo—foi terrivel; pois aquelles, que inda ha pouco combatião com exaltado fervor, desapparecião, como se a terra os-tivesse tragado. As lanças se-despedaçavão, as espadas, partidas, voando pel-os ares, desapparecião per entre as nuvens de poeira, que os ginetes fazião levantar da terra, e cubrir os batalhadores, que, n'a lucta de sangue, não se-davão de fazer estalar debaixo de seus pés os membros, dos cadaveres que juncavão o theatro de suas façanhas

Per entre o grande numero de guerreiros, que se-esforçavão em dar maior prova de seu valor, ou realce, á suas tyrannias, um se-distinguia, que, semelhante ao demonio do exterminio, se-arremessava ao coração das fileiras cruzadas, e martyrisava de um só golpe centenaes d'aquelles, que combatião pel-o Evangelho:—era Saladin, que orgulhoso por ter separado do corpo a cabeça de Reinaldo de Chatillon, vinha, possuido do espirito das trevas, sacrificar maior numero de victimas, té alcançar uma completa victoria.

O triumpho estava alcançado: o mestre dos hospitaleros de S. João, e dos Templarios (6), e milhares de

(6) A ordem de S João de Jerusalem remonta a sua origem ao seculo XI. Alguns mercadores italianos obtiverão dos califas Fathimistas a permissão de levantarem junto ao Santo Sepulchro um mosteiro, onde os peregrinos da Europa podessem ser hospedados. Os religiosos de S. Bento vierão do occidente occupar este mosteiro, que tomou o nome de Santa Maria dos Latinos. Crescendo o numero d'estes religiosos, fundárão um hospital, com o titulo de S. João o Esmoler, que veio a tornar-se independente da abbadia de Santa Maria dos Latinos. Depois da conquista de Jerusalem, nove cavalleiros, concebendo o sublime pensamento de se-dedicarem inteiramente á religião, e



outros se-achavão prisioneiros de Saladin, que, em frente de suas tiuphadias, se-derigiu contra Jerusalem, que sem apresentar a menor resistencia, deixou-o entrar per suas portas—triumphante;—per estas mesmas, que 88 annos antes tinham visto entrar o heróe da Epopeia de Tasso.

Um riso ironico banhava então o semblante franzido, e requeimado do capitão mossulmano:—riso ironico, que sempre se-devisa n'os labios do forte, que acaba de combater com um fraco. . . .

Todos os templos, e mesquitas, cujas abobadas inda ha pouco tinham-se abalado com as harmonias do psalmista rei, sentião subir per suas columnas, naves, e arcadas pyramides de perfumes arabicos, que os sacerdotes do islamismo offertavão ao miseravel, e condemnado propheta de Medinet-Elnabi. (7)

Só restavão aos Cruzados as praças de Antioquia, Tyro, e Tripoli, (8) e estas mesmas cidades se-achavão

protegel-a, unindo o cilicio á espada, se-apresentarão á Godefredo, que os-alojou em um palacio junto ao templo, tomando por esta razão o nome de Templarios. Tão poderosos se-tornarão ao depois, e tão temidos pel-as suas riquezas, que,—força é confessar—este foi o motivo, para que fossem destruidos em 1312. Forão condemnados ao supplicio mais de 80 mil, tanto n'ó concilio de Vienna, como n'ó provincial de Paris, onde 59 d'estes mui religiosos cavalleiros, exhalarão as vidas n'as fogueiras d'os campos da Abbadia de Santo Antão. (*Vid. o tomo 5.º pag 187 á 190; tomo 6.º, pag. 227 á 239 da Hist. Eccle. do Abbade de Ducreux.*)

(7) *Medinet-Elnabi*: a cidade de Medina, tendo dado asylo a Mahomet, quando perseguido, fugia de Meka, o religionario arabe deu-lhe este nome, que quer dizer a—*cidade do propheta*.

(8) *Tyro*: (*Thor* dos syrios, *Tsour* dos judeus, *Sous* dos arabes). Esta cidade foi a rainha dos mares n'a antiguidade, o berço do commercio, a capital da rica e florecente Fenicia. « Vista ao longe, diz Lamartine, n'as suas viagens ao oriente, parece uma cidade nova, branca, e viva; olhando-se do mar, é só uma bella sombra, que desaparece, aproximando-se: etc., etc.

*Tripoli*: (*Tarabolos* dos orientaes). É esta a cidade a mais bem construida da Syria; rodeada de jardins, e de campos bem cultivados; perto da embocadura do rio Nok-el-Kadich.

ameaçadas de passar ao poder dos infieis; o que não aconteceu, em razão de per este tempo Clemente 3.<sup>o</sup> empenhar os monarchas da Europa a tomarem armas, em prol dos latinos, que tanto padecião.

Os legados, tanto convencerão com seus discursos, que em breve se-achavão alistados n'as bandeiras da cruz—el-rei de França, Ricardo *coração de leão*, Frederico *barba ruiva*, e seu filho, o duque da Suabia.

Ricardo, que se-achava em guerra com el-rei de França,—para marcharem ambos á Palestina—depozerão as armas.

Partirão em 1190.

Durante a expedição reinou, muitas vezes, entre elles a rivalidade.

Frederico, em frente de um exercito de 150 mil homens, forçou passagens, alcançou victorias, arremessou-se contra os turcos, penetrou n'o coração da Syria, e morreu banhando-se n'as aguas do Salef. (9)

Seu filho, em frente dos poucos soldados, que restavão—marchou em soccorro de Lusignhom, e engrossando as fileiras de Philippe, e Ricardo *coração de leão*, assediarão Acre. (10) O brandir de uma lança voltou a ultima pagina da vida, e das façanhas do filho de Frederico.

Acre foi tomada, apesar dos soccorros enviados per Saladin. O monarcha francez, que se-tinha fortemente desavindo com Ricardo, limitou a sua viagem ao oriente com a tomada de Acre, e retirou-se cobardemente ao occidente.

(9) *Salef*:—rio, que antigamente tinha o nome de *Cydno*, celebre pel-a doença de Alexandre.

(10) *Acre*: (*Aco*, e mais tarde *Ptolemaida*: é a *Akka* dos orientaes). Esta cidade mui bem fortificada, e de mediana extenção, é celebre n'estes ultimos tempos. Em 1832 era, conforme o testemunho de Lamartine, um montão de ruinas, depois do sitio de um anno, e tomada de assalto pel-os quarenta mil heróes de Ibrahim.

Quantos obstaculos, não ficarão para arrostar—ao monarcha inglez?... Poderia fazer elle frente á um inimigo, qual Saladin?...

Ricardo, com um poderoso exercito, tomou Ascalam (11), Joppé, Cezaria, (12) á vista do conquistador sarraceno; e n'as navas de Antipatride (13) encontráram-se, emfim, estes dous incançaveis, orgulhosos, e destimidos guerreiros.....

Era solemne vêr-se, a maneira per que se-aproximavão um do outro, estes dous guerreiros experimentados, em frente de suas hostes! Dir-se-ia, que era o leão do occidente, que se-apropinquava do tigre do levante! O encontro devia de ser pavoroso, sanguinolento e cheio de magestade!....

Aquellas duas mós de homens, affeitas aos combates, arremessárão-se uma contra a outra, como se-quissem decidir da victoria; n'aquelle primeiro choque!

As nuvens de settas, impellidas de uma e outra parte, fazião, de uma e outra parte, rarear as fileiras. Aquelles golpes, que brandião os contendores, e que, n'ò desfeixar, levavão a morte, tornavão per um instante irresolúvel o problema da victoria....

(11) *Ascalam*: cidade da antiga Idumea, e onde Sanção matou os 30 Philisteos, cujos vestidos deu aos 30 mancebos, que havião resolvido o inigma, per intermedio da traidora Dálila.

(12) *Cezaria*: esta cidade teve o nome de *Dam*, de *Torre de Stratão*, de *Lais*, ou *Lasa*, e presentemente tem o nome de *Kaisarick*. Philippe Tetrarea, a restaurou, á honra de Tiberio Cezar, e lhe-poz o nome de Cezaria;—n'ella disse Christo ao principe dos Apostolos:—*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*. Esta cidade está situada em um delicioso lugar, junto ao monte Libano, e perto d'ella, da união dos ribeiros de *Jor* e *Dam*, fórma-se a nascença do rio Jordão.

(13) *Antipatride*: esta cidade tambem teve o nome de *Cafasalia*, e tambem o de *Apollonia*:—chamou-se Antipatride, em razão de a-ter reconstruido o grande Herodes, em memoria de seu pae Antipatro; e estava situada n'a estrada, que conduzia á Jerusalem e á Cezaria, e distante de Jaffa 7 leguas.

Saladin, como uma estatua de ferro, animada, e fundida n'um ginete de bronze—despediu per entre os frangues, como um louco, brandindo um pesado montante, despedaçando lanças, amolgando capacetes, rachando escudos, e juncando a terra de cadaveres; em quanto Ricardo, como um leão, que esbraveja, e faz, que té onde vai o echo de seus urros, fiquem os bosques desertos, espalhava o espanto e o terror, per entre os esquadrões dos infieis, fazendo morder a terra os labios, que proferião as palavras do propheta de Yatrebe, (14) e repintando a terra com o sangue de seus corpos mutilados.....

Per um momento parou.... e lançando as vistas para onde mais empenhado se-achava o combate, despediu seu negro Frizão das batalhas:—per onde elle passava, duas muralhas de pó se-erguião, que ião pouco e pouco se-desfazendo, té desaparecerem....

Saladin, que avistára o cavalleiro, que para elle se-dirigia, sahiu a recebê-lo....

Quem tivesse contemplado este encontro, só o-poderia comparar com o de dous rochedos, que se-despenhando, se-tivessem encontrado n'o meio da carreira, e feito estremecer todos os logares em derredor.... As lanças—voarão-lhes das mãos, quasi desfeitas em pó..... Desembainhárão as espadas:—dous braços se-movião em diversas direcções, e cada movimento produzia sons de metal, que se-parte, ou que soffre fortissimo encontro; era o descançar das espadas n'os elmos, e n'os escudos....

Um golpe de Saladin tinha feito envergar sobre o arção da sella ao monarcha inglez; mas elle erguendo-se, e tomando animo, ao desfeixar o primeiro golpe dividiu o escudo do caudilho serraceno.... reiterou.... e viu-se espadanar o sangue pel-as fendas da armadura do guerreiro.... Um instante depois, viu-se desapare

(14) *Yatreb*: nome, que tambem tinha a cidade de Medina.

cer per entre uma nuvem de poeira um fogoso kurdo remendado, que fugia do campo das batalhas com um cavalleiro, que levava o corpo sarjado, e as vestiduras repintadas com o seu proprio sangue;—era Saladin; e mais ao longe seguião-no os mosselemanos—assombrados, e em completa destruição....

Da outra extremidade do campo levantárão-se tres gritos, que forão repetidos per centenares de bocas; erão os gritos de—victoria, Christo, e avante!....

Se Ricardo tivesse marchado logo sobre Jerusalem, teria destruido os infieis; porém elles se-fortificarão, e inda ficou a cidade debaixo do poder dos sectarios de Mafoma.

O monarcha inglez, depois da conquista de Acre, Cezaria, e Asoph (15) e outras muitas praças, e depois de uma tregua com Saladin, voltou á patria, que, mais do que nunca, o-reclamava.

(Continúa.)



(15) *Asoph*: cidade situada além do Jordão.

---



---

# LITTERATURA.

---

## OS DOUS RIVAES.

ROMANCE

POR L. O. TELLES DE MENEZES.

(CONTINUAÇÃO.)

### V.

Quem nunca sentiu os encantos de uma amizade sincera, e desinteressada, não pôde avaliar toda a felicidade que um homem pôde receber de um outro homem.

(Young:—*Noites.*)

A amizade é o apanagio dos infelizes, para o allivio de seus males, e consolação de suas penas.

(J. J. ROUSSEAU:—*Nova Heloisa.*)

## OS DOUS PRIMOS.

**J**A o sublime e magestoso relogio dos céos indicava já mais de duas horas da noite..... e nossas tres personagens silenciosas continuavão em sua viagem,—denunciando-os apenas o abafado sonido do tropear dos cavallos.

Amanheceu finalmente o dia, e achárão-se em uma bella povoação, em que descansarão algumas horas das fadigas da noite passada; e fornecendo-se Alfredo de um terceiro cavallo para o mancebo, que o-acompanhava, continuarão todos da mesma fórma n'õ seu presuroso caminhar. Poucos dias depois, quando o sol ja se-occultava n'as bandas do occidente per entre um

horizonte de purpura, orlado de pardas e amarellas nuvens, apeavão-se n'as immediações da cidade de São Christovão.

N'esta occasião Eugenio, voltando-se para Alfredo, lhe-disse.

—Tomo a liberdade de offerecer-vos a nossa casa, que bem perto está, onde sereis mui bem recebido por meu pae, convencido de que não tenhaes talvez ja de prompto onde sejaes hospedado.

E Alfredo tornou-lhe com um ar cheio de satisfação, e reconhecimento:

—Não é possível negar-me ao prazer de accèptar o vosso offerecimento: e não abusarei da vossa bondade, senão o tempo, que me-fôr necessario, para tomar conhecimento sobre a morada do commendador Adolpho, meu tio, em cuja casa terei prompta hospedagem.

—Fallaes do commendador Adolpho? . Fallaes por ventura de meu pae?...

—O commendador Adolpho é vosso pae?!...—lhe-perguntou Alfredo transido de admiração.

—Sim: e o marechal Carlos Ferreira seu irmão, de quem tanto me-tem fallado, é sem duvida o vosso, não é assim?

—Não vos-enganaes. E depois de alguns instantes de silencio, continuou. .

—Conduzi-me á vossa casa que ter quero a satisfação de conhecer e abraçar meu tio pel-a primeira vez!

Cheio de espanto Eugenio, por vir a conhecer seu primo per uma maneira tão estranha, não pôde reprimir um involuntario movimento de dedicação, alegria, e amisade; e lançando-se n'os braços de Alfredo, ambos se-estreitárão mutuamente, e um do outro sentirão o palpar dos corações, que erão vivificados per um mesmo sangue.

Jacinto, que durante toda esta scena se-achava mudo e silencioso, com um semblante, quasi estúpido, principiou a balbuciar.

—É a Providencia... é a Providencia divina... ah!... parece que ella nos-quer ajudar, guiando os nossos passos de uma maneira tão mysteriosa, e tão feliz!..

Pouco depois dirigirão-se para a casa do commendador Adolpho, que sobre-maneira surprehendeu-se com a inesperada volta de Eugenio, que havia partido para a Bahia, afim de continuar em seus estudos; porém tendo elle referido a seu pae todas as suas aventuras com os salteadores, apresentou-lhe Alfredo; dizendo-lhe. .

—Serenai, meu pae, a agitação de vosso espirito pel-o incommodo, per que passei, e sabei mais—que ao filho do marechal Carlos Ferreira deveis a vida de vosso filho, pel-a parte que tomou em resgatal-o das garras de taes assassinos.

—Que dizeis? O cavalleiro, que vos-acompanha, é meu sobrinho?!

E Jacintho interrompendo-o com um ar cheio de surpresa, disse:

—Por ventura V. Ex.<sup>a</sup> tão esquecido está das feições de Jacintho Ferreira, antigo criado da casa do Sr. marechal Carlos Ferreira, que não reconheceu seu sobrinho, vendo-me em sua companhia?!

—Não me-era por certo facil reconhecer-te, respondeu gravemente o commendador, quando estás tão velho e demudado, que não conservas aquellas feições, que ha vinte e tantos annos te-caracterisavão.

—Pois é justamente o filho do defunto Sr. marechal meu amo, que acompanha o filho de V. Ex.<sup>a</sup>, e eu preso-me bastante de ter a honra de ser o mais velho criado d'essa casa:—respondeu Jacintho fazendo em continente uma profunda zumbaia.

O commendador após a pergunta feita a seu filho, nascida da surpresa, e singular visita de seu sobrinho, não pôde eximir-se, n'ó excesso de prazer, de estreitar Alfredo em seu coração, e de conserval-o per algum



tempo entre seus braços; do que Eugenio sobremaneira regosijou-se.

. . . . .  
 Tres mezes se-passarão . . . . tres mezes se-figurarão annos a Alfredo; porque n'este espaço nada pôde saber de sua querida Mathilde: seu coração estava minado da mais cruel, pungentiva, e atroz melancolia. Os divertimentos, que o commendador seu tio fazia para tiral-o do estado de apathia, em que se-achava, a sincera, e officiosa amisade, que lhe-tributava Eugenio, nada bastava para dissipar a immensa nuvem de tristeza, que enluctava seu coração, oppresso per mil encontrados sentimentos.

Assim, pois, ia Alfredo, á despeito dos desvellos de seu tio, e de seu primo, servindo de pasto á mais devoradora hypocondria.

Instado, porém, um dia por Eugenio (que se-tornou seu inseparavel amigo) sahio Alfredo ao descahir da tarde—hora maravilhosa e bella!—opprimido pel-o peso de suas desditosas considerações, a passear per um extenso valle, que os habitantes d'aquelles arredores derão o nome de—*Valle das Palmeiras*—pel-o grande numero d'estas arvores, que ahi ha, não longe da casa do commendador; meio este que o sollicito Eugenio julgou a proposito empregar, afim de ver se a linda perspectiva da natureza suggeria a seu primo alguns instantes de distracção.

Um quarto de hora pouco mais ou menos depois que sahirão da casa chegarão ao aprasivel sitio, que buscavão, e ahi á sombra de uma palmeira sentárão-se n'ó verde tapete de fina relva, que se-desenrolava por sobre aquelle campo: d'ahi contemplava Alfredo a grande lampada, que pouco a pouco se-ia submergindo n'ó chamalote do aceano, apresentando um horizonte, que longe de distrahil-o, antes infundia-lhe um não sei que de melancolico, que muito se-harmonisava com o que se-passava n'ó interior de sua alma; trazendo-lhe recorda-

ções, em que seu coração, luctando entre o amor, e o ciúme; ralado ja de dôr, ja de saudade, se-lhe-parecia querer saltar dos seios d'alma !..., Alguns minutos mais de não interrompido silencio.... e ja os argentinios raios da alampada nocturna branquejavão do lado opposto as erguidas c<sup>ir</sup>cas das mentanhas; e abysmado Alfredo n'a sua profunda dôr, permanecia immovel e silencio-so, como se se-houvesse metamorphoseado n'uma estatu de frio marmore!.... Tal era o estado de torpôr e abatimento, em que se-achava Alfredo.

Eugenio, que até então tinha sido mudo espectador d'aquella scena, interrompendo o mystico silencio, que reinava entre elles, disse :

—Mais de dous mezes ha que vos-vejo continuamente com signaes os mais evidentes de mortifera tristeza, debuxados em vosso semblante, e me não foi possivel ainda descortinar a causa, que a-motiva; cumpre-me, porém, dizer-vos—que vossos dias correm grande risco, se vos-abandonaes á essa intensa, incomprehensivel, e assustadora melancolia, que abafais em vosso coração: se me-declarasseis a sua origem, talvez que eu podesse de alguma sorte aliviar em parte tão grande pena, porque da pura e cordial estima, que eu vos-tributo, deveis esperar todo e qualquer sacrificio, se preciso fôr, para recuperardes o perdido socego: á sós nos-achamos n'este valle, em que, livre de testemunhas, podeis confiar-me se vos-aprouver, as vossas penas.

Um suspiro, arrancado dos entresolhos d'alma foi a unica, porém eloquente resposta que Eugenio pôde obter do inconsolavel Alfredo.

E Eugenio comprehend<sup>eu</sup>o, continuou...

—Atravez do silencio que tão cuidadosamente guardaes, parece-me entrever que amor vos-cava a sepultura: se a aleivosia de alguma perfida amante foi que vos-lançou n'ô cataclysmo dos pesares, é loucura não buscardes distrahir-vos á todo custo de tão illegitimo tormento; mas se algum traidor vos-obsta de logrardes

o innocente e idolatrado objecto dos vossos cultos, vêde que em mim tendes um braço amigo para lavar com o sangue do traidor a traição, de que sois victima.

Um raio da alegria pareceu ressumbrar dos olhos de Alfredo, que, cheio de gratidão respondeu:

—Caro Eugenio, não pouco n'a verdade tenho merecido a vossa censura, mas com a mesma generosidade, com que acabais de offerecer-me os vossos prestimosos serviços, espero que instruindo-vos da causa, que tanto me flagella, me-desculpeis do silencio, que até aqui tenho guardado.

—O vosso silencio, lhe disse Eugenio, nunca se-fez digno de censura, antes desafiava mais as attenções, de quem vos-visse, pel-o estado de melancolia, em que vos-achais, e não pouco me-affligia o estar-vos vendo de dia em dia entregue á mais consumidora tristeza, sem saber, se estaria ao meu alcance remedial-a; por isso que nunca me-confiastes a sua extraordinaria causa; mas hoje que tendes resolvido de o-fazer, aguardo a satisfação, que tanto anhele, de poder achar um meio de minorar, o, que tanto vos afflige.

Tendo n'esta occasião Alfredo se-levantado, e arri-mando-se ao tronco da palmeira, sob cuja sombra estivera sentado, e dirigindo-se a seu primo, que em pé se-conservava defronte d'elle, lhe-disse:

—Breve satisfarei, Eugenio, os vossos desejos; hoje mesmo saberás os motivos, porque tanto tem soffrido e sofre minha alma: hoje mesmo franquear-vos-hei os segredos do meu coração..... e oxalá possa eu algum dia testemunhar-vos minha eterna gratidão!....

Calou-se; e pouco depois, ambos dirigiram-se para a magestosa e elegante casa do commendador, que, collocada n'ó ponto mais elevado d'aquella circumferencia, devassava os brilhantes panoramas, que se-offereção per todos os lados.

# HISTORIA.

## CONQUISTA DA BAHIA PEL-A HOLLANDA, E SUA RESTAURAÇÃO.

### I.

Dezeseis longos seculos contados  
 Com annos vinte quatro a vulgar Era  
 Vi a Batava esquadra o mar sulcando  
 Aonde Willeckens general modera :  
 Pedro Petrid os mares assombrando,  
 Por almirante aos nauticos se dera  
 Poder que à India navegar fingia,  
 E contra a espectação veio à Bahia.

(FR. J. S. RITA DURAÕ: *Caramurú, Poem. Ep.*)

**S**ETENTA e oito annos depois que Pedro Alvares Cabral descobriu a mais vasta, e rica porção do continente americano, á que pozera o nome de—Terra-de-Santa-Cruz,—o joven rei D. Sebastião, em frente de um exercito de 15 mil homens, entrava ousado pel-os territorios d’Africa, para dar batalhas á dous poderosos adeptos da religião de Mahomet, pagando com a vida n’os campos de Alcacer-Quivir tão atrevida empreza; ficando porém vingada a sua morte com a de seus dous inimigos.

Passarão então os destinos da monarchia portugueza a serem dirigidos pel-o sceptro do cardeal D. Henrique, que entregando dous annos depois—1580—sua alma ao Todo Poderoso, deixou o reino dividido em facções, e exposto á quem o-quizesse vir conquistar, embora não verdadeiro senhor.

Assim aconteceu!

O sanguinario duque de Alva, em frente de um exercito de 250 mil homens, transpoz as rayas da monarchia portugueza, para se-oppor ás forças de D. Antonio, prior do Crato, que, por morte do cardeal rei, pertendia tambem a corôa, como neto, que era, de el-rei D. Manoel;—e conseguindo abatel-o, conquistou o reino de D. Affonso Henrique para seu ambicioso amo Philippe II de Castella, que era um dos apontados n'a lista dos numerosos pertendentes: e então a vastissima colonia de Santa-Cruz passou a ser guiada pel-o despotico braço do monarcha das Hespanhas. Ah! Foi quando o colosso de sua antiga gloria ia sensivelmente enfraquecendo, que o aurifero territorio, que banhão o Prata e o Amazonas, lke-foi ajuntar á corôa mais uma estrella de gloria,—a par da conquista do velho Portugal! Em quanto a Hespanha trabalhava em novas conquistas, os seus velhos dominios parecião ameaçal-a com gritos de liberdade e independencia.

De ha muito que n'os extremos dos Paizes-Baixos tomava incremento a republica das Provincias-Unidas; não valendo, para abatel-a, nem o tribunal de sangue do duque de Alva, nem o genio inflexivel do cardeal de Granvelle.

Dezoito mil pessoas entregues em cinco annos ao furor do sanguinario duque—era muito!.... O clamor de tantas victimas parecia romper as loisas dos tumulos, e ir repercutir em todos os corações, fazendo avivar velhos resentimentos, e obrigando á aquelles povos, que se-vião tão vilipendiados, a contemplarem a dessolação de sua patria! Um grito, como proferido pel-os labios da desesperação, um brado, tão magestoso como o dos céos em hora de tormenta,—ouvia-se levantar de todos os quatro angulos dos Paizes-Baixos!

—O primeiro passo estava dado, e a resolução estava tomada!

De todas as cidades, de todas as povoações, de todas

as villas da Hollanda—os homens corrião ás armas, para se-subtrahirem ás leis sanguinolentas de um despota, a quem odeiavão, decididos a edificarem com seu sangue os alicerces de uma independencia estavel, de uma liberdade duradoura.

—Quem o-poderia impedir? Ah! foi bastante ser dado o primeiro impulso; pois nem os cadafalsos erguidos per todos os lugares, nem o sangue de um Horn, e de um Egmond, e de centenaes de outras illustres, e sempre choradas victimas poderão humilhar á aquelles homens, que cheios de esperança—vião n'os futuros horisontes da patria rodear o magestoso e sublime fanal da liberdade! Elles tinhão á sua frente os valentes principes de Nassous, e não era possivel deixarem as suas concepções de tomar um character de realidade:—esse povo tudo alcançou; porém depois de muito esperar, e de muito sangue derramado n'os campos das batalhas.

Amanheceu o anno de 1609, e Philippe III, cansado de inuteis combates, concedeu a independencia á Hollanda, com clausula de não poder opprimir o seu commercio, nem n'as Indias, nem n'os mares da America, Eis o como teve origem esta republica, com quem o Brasil per tanto tempo teve de combater.

Com os esforços, que fazia a Hollanda, para alcançar a sua independencia, ia extraordinariamente augmentando o seu poder, em quanto que a Hespanha, entregue ás mãos do duque de Lerma, ia sensivelmente declinando:—então mudárão-se as scenas;—a Hollanda, per muito tempo perseguida, ergueu-se altaneira, e zombando das esquadrihas de sua recente dominadora, lançou vistas ambicioneiras sobre seus dominios, e ousada tentou invadir-os.... conquistal-os. O ministro de Philippe IV—o duque de Olivares—não pôde abater a cerviz da republica, que com incriveis esforços trabalhava em construir os cimentos de sua futura grandeza.

A terra de Santa-Cruz, tão ambicionada pel-os seus inexgotaveis thesouros, e por tudo quanto ha de bello e sublime, era o alvo á que se-devião dirigir os tiros da republica, para cuja conquista, de ha muito, que planos se-fabricavão.....

Em 1623 viu-se desferrar do porto de Texel uma esquadra de 35 velas com perto de 4,000 combatentes, debaixo do commando do almirante Willeckens, do vice-almirante Petrid, e do coronel Van-Dort. Esta esquadra tinha ordem de vir occupar a cidade de S. Salvador, primeira então do Brasil, e residencia dos seus governadores.

Era por este tempo Diogo de Mendonça Furtado—governador do Brasil; varão de um valor não popular, e ja muito experimentado n'o governo das Indias;—e como bispo o heróe D. Marcos Teixeira, sacêrdote sabio, valoroso, e insigne, e de uma acrysolada virtude.

Logo que Willeckens se-aproximou das costas da Bahia corrêrão numerosas noticias aos ouvidos do governador, que não poupando fadigas, nem esforços, principiou com todo o aſan a fortificar a capital, chamando ás armas todos os seus habitantes, coadjuvando-o com tudo o que estava ao seu alcance—o magnanimo prelado.

No dia 9 de maio de 1624 trinta embarcações holandezas entrárão galernamente enfunadas pel-a vasta e vistosa—Bahia-de-Todos-os-Santos, máu grado aos esforços de alguns navios mercantis, e das baterias dos altos da cidade; máu grado a todos os meios, que se-empregárão, para fazel-os arrepiar da carreira, e para abater o desmedido orgulho, com que parecião vir insultar a terra dos valentes Tupinambás.

Pel-as 10 horas da noite tentárão os infieis o assalto da cidade do Salvador, e o conseguirão; porém experimentando forte resistencia, e sentindo a morte de alguns de seus soldados. Ah! as palavras animadoras do governador, e as patheticas exhortações do sabio

prelado nada valêrão, para que panico terror não se-  
apoderasse dos animos dos nossos, que, abandonando  
a cidade, deixárão, que sem a mais leve opposição, rea-  
lissassem os hollandezes pel-as sete horas da manhã do  
dia 10 a entrada de seus soldados, que se-mostravão e-  
brios pel-a esperança de saque, e pel-as ideias de um  
eterno senhorio.

Fortificarão-se os infieis n'as portas de S. Bento, Car-  
mo, e n'õ convento de S. Francisco, e n'a Praça, onde  
com denodo nunca ouvido, o governador, e seu filho  
com poucos de seus valentes soldados offerecerão a  
mais séria, e renhida opposição. Oh! era muito herois-  
mo artançarem esses guerreiros das espadas, para re-  
sistirem a uma aluvião de soldados batavos, que vinhão  
acompanhados do seu almirante! E muito cobardes os  
inimigos, que, para vencel-os, té contra elles assestárão  
bocas de fogo, como receando serem poucos os braços  
armados que tinhão a seu favor. Ah! que importa tudo  
isto? Aquelles magnanimos corações, que vião quasi  
n'os parocismos a liberdade de um povo inteiro, resis-  
tirão com um valor tão assuberbado, com uma bravura  
tão cheia de magestade, que nem um infiel ousou apro-  
ximar-se d'elles....

Diogo de Mendonça, que não vira  
Jamais do medo vil a fronte escura,  
Com setenta somente a face vira  
E sem mais que a seu peito a praça mura:  
O amor da patria, que o furor lhe-inspira,  
Faz que da vida, desprezando a cura,  
Se-arroje o luso ao batavo, que o inunda  
E um fira, um despedace, outro confunda (1).

Não valeu tanto heroismo, nem bravura tão exaltada:  
os infieis erão muitos, e inevitavel a ruina dos nossos.

(1) Santa Rita Durão:—Caramurú, Poema Epico, Canto 8.  
Est. 82.



Diogo de Mendonça, seu filho, e os seus, depois de vilmente insultados—forão conduzidos á bordo dos galeões inimigos, e pouco tempo depois á capital da Hollanda!

Os infieis, suppondo invariavel a sorte das armas, julgavão-se ja senhores de tão brilhante conquista, pois ja via-se sobre os altos torriões dos templos desenroladas ondearem suas bandeiras de triumpho!

Illudidos que estão!

O coronel Van-Dort, que se-achava retido n'ó morro de S. Paulo, desembarcou com segurança n'a Bahia, e começou um plano de fortificação de uma maneira (em sua opinião) tão sabiamente organizado, que a cidade do Salvador, em pouco tempo se-tornaria uma praça in-conquistavel.

Oh! o que não são capazes de fazer aquelles homêns, que, intentando reconquistar sua liberdade extorquida, vêem seus passos tolhidos, suas ideias mallogradas?—Os precipicios se-tornão em vales amenos, as grossas muralhas, que têm de romper, figurão-se de vidro, que á mais leve pressão. se-despedação, e os campos, que se-lhes-devião parecer semeados de cadaveres, e regados de sangue, se-lhes-antolhão como veigas plantadas de flores as mais deliciosas, e delicadas, e cortadas de mil variados e sinuosos regatos de fresca e cristalina agua:—elles investem cégos, como o leão n'ó circo, elles se-arremessão em turbilhão, em ondas, como um oceano inundando um continente, e não ha força, que os-possa repellir...

(Continúa.)



---

# LITTERATURA.

---

## O PREÇO DA VIDA.

Qual é para os corações puros e nobres o motivo immenso, irresistivel das ambições de poder, de abastança, de renome?—É um só;—a mulher: e esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as aossas esperanças, de todos os nossos desejos.

.....  
 —Tirae do mundo a mulher, e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas.

(A. HERCULANO: *Eurico o Presbytero.*)

**U**M criado, abrindo a porta da sala nos-veio annunciar que a carruagem de posta estava prompta. Minha mãe e minha irmã se-lançarão n'os meus braços:

—Ainda é tempo, me-dizião ellas, renuncia a esta jornada; fica connosco.

—Minha mãe, tenho apenas vinte annos, sou nobre, e cumpre que um dia se-falle de mim; assim devo começar a minha carreira, quer n'a côrte, quer n'ó exercito.

—E que será de mim, quando tiveres partido?

—Sereis feliz sabendo dos successos de vosso filho.

—E se cahires morto em alguma batalha?

—Que importa! De que vale a vida? Um coração nobre só se-deve occupar de gloria. Em breve me-vereis voltar coronel, ou marechal de campo;—então serei respeitado, esposarei Henriqueta, e viveremos todos tranquillos e felizes n'as minhas terras de Bretanha.

—E quem te-impede de o ser desde ja, meu filho?

Teu pai nos-deixou uma bella fortuna; o nosso castello da Roche-Bernard é d'os mais magnificos d'esta provincia; teus vassallos te-respeitão;—que te-falta pois? Ah! não nos-deixes; não vás sacrificar por uma vã gloria, ou pôr cuidados e tormentos a vida, que se-esgota tão breve; ah, tu não partirás!

—E dizendo isto me-abraça chorando.—Sentindo-me prestes a succumbir fiz um ultimo esforço; levantei-me bruscamente; desenlacei-me de seus braços;—corri para o pateo, e ia a subir para a carruagem, quando uma mulher appareceu n'ó patamal da escada. Era Henriqueta!—ella não chorava. não proferia uma palavra. mas pallida e tremula, apenas podia sustenter-se. Com um lenço branco, que tinha n'á mão, medisse um derradeiro adeos, —e cahiu sem sentidos. Corro á ella; levanto-a; aperto-a n'os meus braços; juro-lhe um amor eterno; e quando ella começava á tornar á si, a-deixo entregue á minha mãe e irmãs; corro para a carruagem, sem parar, e sem voltar a cabeça. Se tivesse visto de novo Henriqueta, de certo não teria partido.

—Alguns minutos depois rodava a sege de posta sobre a estrada.

Per muito tempo não pensei senão em Henriqueta, e n'a felicidade de que ia fugindó; mas estas ideias se-apagavão á medida que ia ganhando distancia, e em breve sonhos de ambição e de gloria se-apoderarão de meu espirito.—Quantos projectos! Quantos castellos n'ó ar! Que bello futuro eu me-figurava! Riquezas, honras, dignidades, successos de todo o genero, nada eu me-recusava; e elevando-me á medida, que caminhava n'a estrada, era ja duque, par, e marechal de campo, quando á noite cheguei á estalagem. A voz do meu criado, que me-chamava modestamente, *Sr. cavalheiro*, me-obrigou a cahir em mim, e abdicar todos os sonhados empregos.

N'os dias seguintes (pois que a minha jornada era

longa) me-acompanhárão os mesmos sonhos e a mesma embriaguez. Dirigia-me aos arrabaldes de Sedan, ao palacio do duque de C. . . . , antigo amigo de meu pae e protector da minha familia. Devia elle conduzir-me comsigo á Paris, e d'alli ir apresentar-me n'a côrte, em Versailles, onde contava alcançar para mim uma companhia de dragões.

Cheguei de noite á Sedan, e não devendo apresentar-me á aquella hora n'o palacio do meu protector, deferi a visita para o dia seguinte, e fui pernoitar n'a melhor hospedaria da cidade; ponto de reunião de todos os officiaes da guarnição.

Ceei á meza redonda, e perguntei que caminho devia seguir para ir ao castello de C. . . . , situado a tres legoas da cidade.—Qualquer vol-o indicará, me-responderão; é bem conhecido de todos: foi n'esse castello que morreu um grande guerreiro, um homem celebre, o marechal Fabert.

—A conversação rolou á cerca d'o marechal, o que era bem natural entre jovens militares. Fallou-se de suas batalhas, d'os seus successos, e d'a modestia com que recusou o fôro de fidalgo, e varias condecorações, que lhe-offerecera Luiz XIV;—fallou-se sobre tudo d'a incomprehensivel felicidade, que, de simples soldado, o-havia elevado ao gráo de marechal de França; elle, homem do nada, e filho d'um impressor, era o unico exemplo que então se-podia citar d'uma semelhante fortuna, e tal que mesmo n'a sua vida havia parecido tão extraordinaria, que o vulgo havia attribuido a sua elevação á causas sobre-naturaes.

Dizia-se que elle se-havia occupado desde a sua infancia de magicas feitiçarias; e que até havia feito um pacto com o diabo. Havia quem asseverasse, que n'o cástello do duque de C. . . . , onde Fabert tinha morrido, se-tinha visto um preto, que ninguem conhecia, entrar n'o seu quarto, quando exhalava o ultimo suspiro, e desapparecer immediatamente; e que agora mesmo no mez

de maio, epocha d'a morte de Fabert, se-descubria alli o preto trazendo uma luz comsigo. Este acontecimento foi o principal assumpto d'a nossa conversação, rindo todos cordialmente d'a credulidade d'o vulgo.

N'o dia seguinte levantei-me cedo e me-dirigi ao palacio d'o duque de C..., immenso edificio d'architectura gothica, ao qual eu não daria attenção alguma em qualquer outra occasião, mas que observava com uma visivel emoção, recordando-me d'a conversa d'a vespera.

O criado, que me-fallou, disse-me que não sabia se o duque podia receber. Dei-lhe o meu nome, e me-deixou em uma especie de sala d'armas, ornada com emblemas de caça, e retratos de familia.

Esperei algum tempo, e ninguem apparecia.

—Então esta carreira d'honra, e de gloria, que eu havia sonhado, começa por me-fatigar n'ante camera!— exclamei eu;—e ja, como pertendente desgostoso, começava a impacientar-me.

Havia examinado mais de uma vez todos os retratos de familia, quando senti n'a parede um pequeno ruido. Era uma porta mal fechada, que se-havia aberto de per si. Espreitei, e descubri um lindo quarto com duas grandes janellas e uma porta com vidraças, que davão para um magnifico parque.—Entrei n'este quarto, e parei á vista d'um espectaculo, que a principio não tinha ferido meus olhos.—Um homem estava deitado sobre um canapé, com as costas voltadas para a porta, por onde eu acabava de entrar.—Levanta-se, e sem me-haver apercebido, corre bruscamente á janella. Grossas lagrimas lhe-corrião pel-as faces, e todas as suas feições indicavão uma profunda desesperação.—Permaneceu por algum tempo immovel, com a cabeça escondida n'as mãos, e depois começou a passear pel-o quarto a longos passos. Chegou-se á mim, e ao encàrrar comigo, estremeceu.—Desolado e confuso com a minha indiscrição, tentei retirar-me, balbuciando algumas palavras de escusa.

—« Quem sois vós? Que quereis? » me diz elle com uma voz forte, retendo-me pel-o braço.

—Sou o cavalleiro de la Rroche-Bernard, chego d'a Bretanha.... Bem sei, bem sei; me-responde: e n'isto lança-se em meus braços, e obriga-me a sentar-me á seu lado, falla-me de meu pai, e de toda a minha familia, que dizia conhecer muito bem, de modo que não hesitei em acreditar que era o senhor do palacio.—Vós sois o duque de C....? lhe digo. Levanta-se, e depois de olhar para mim com exaltação me-responde:—eu o era, mas ja o não sou; ja não sou nada:—e reparando n'o meu espanto; exclamou:—Mancebo, nem mais uma palayra, não me-interrogueis.

—Ah! senhor, eu, sem o-querer, fui testemunha d'o vosso pezar e d'a vossa dôr;—e se algum sacrificio meu; se a minha amisade podesse adoçar....

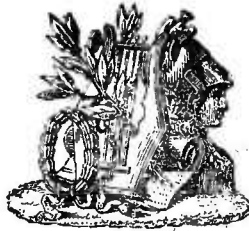
—Sim, sim; tendes razão; vós não podeis mudar a minha sorte; mas ao menos sereis depositario da minha ultima vontade, dos meus derradeiros votos;.... é este o unico serviço que espero de vós.

Dito isto, foi fechar a porta, voltou e sentou-se ao meu lado.—Tremulo e confuso, esperava ouvir as suas palavras graves e solemnes. A expressão d'a sua phisionomia era tão singular, que não me-recordava ter jamais visto outra semelhante. Esta fronte que eu examinava attentamente, parecia marcada com o sello d'a fatalidade.—O seu rosto estava pallido; seus olhos negros brilhavão como relampagos; e de tempos a tempos, as suas feições, supposto alteradas pel-o soffrimento, se-contrahião com um sorriso ironico, e infernal.

(Continúa.)



## BELLAS ARTES.



### O VATE, E A LYRA.

Offerecida ao meu particular amigo, o Illm. Sr. Constantino José Gomes de Souza.

#### I.

O vate é rei da natureza inteira.  
(LORD BYRON.)

**S**OMBRIA solidão, luctuoso Nume  
 Confidente fiel de meus segredos,  
 Nume, que impera n'ó silencio—eu volvo  
 De teus dominios,—e n'a lyra um canto  
 Vou dedicar á quem me-imprimiu n'alma  
     As delicias da vida.  
 Eis-me longe dos homens! só co'a lyra,  
     E a par com a Natureza,  
 Que de galas sublimes se-reveste.

Como é bello este prado onde passeio!  
 Como me-toca ao vivo a clara noite  
 Com seus doces, e magicos influxos!....  
 Vejo n'a vastidão dos céos um riso,  
 Mundos de fogo clareando o espaço,  
 Vejo pompear da noite a gran rainha  
 Pel-os seus prados orgulhosa, e linda,

Como gentil donzella, que faceira  
 Entre formosos cavalleiros passa,  
 Respirando balsamicos perfumes.  
 Alli soluça placido ribeiro,  
 Como de virgem pudebunda os ais  
 —Por infido amator abandonada—  
 Parecendo imitar;—per entre as ramas  
 D'aquellas verdes, florecentes arvores  
 Lindos, plumosos menestreis se-occultão  
 Para compor seus hymnos, que hão de ao throno  
 Offertar de Adonai,—quando d'aurora  
 Os primeiros albôres assomarem.  
 Como é bello este imperio da natura!...  
 E quem o rege?—o vate, elle, sim, elle,  
 Em quem diviso um'alma grande, immensa  
 Como a amplidão dos mares;—diffundir-se  
 Seus pensamentos pel-o orbe inteiro,  
 Como do mór planeta os resplandores.

## II.

Oh! como é grande o vate, que arrojado  
 Da terra s'ergue como a labareda,  
 E passeia no céu como um meteóro,  
 E dos labios a voz dispara em raios,  
 Que o vicio, e o crime ferem, pulverisam!

(MAGALHÃES:—Susp. Poet.)

Que Nume é esse que chora  
 Sobre uma lousa sentado,  
 Soltando um canto magoadado,  
 Um canto que o céu implora?  
 —Que santa melancolia  
 Respira sua elegia!....

Do vate é grande a missão,  
 É sublime seu cantar,  
 É triste seu suspirar,  
 É grande seu coração:



Eu amo o vate, e seu canto ;  
Porque mitiga o meu pranto.

Se ao Supremo Creador  
O vate uma lyra off'rece,  
Que o choro angelico cesse  
Mande o Supremo Senhor :  
—Attento põe-se a escutar  
Do vate o doce cantar.

Manda que choros divinos  
Exultando de alegria  
Respondão com melodia  
Do vate aos sagrados hymnos ;  
—E as notas, què então lá soão,  
Na lyra do vate—echoão.

A lyra do trovador  
Não rende ao crime oblações ;  
Canta innocentes paixões,  
Canta os effeitos do amor,  
Ora canta desventuras,  
Ora virtudes, ternuras.

Não se-curva á força de ouro  
Nem qualquer outra riqueza,  
É seu cofre a Natureza,  
É sua lyra um thesouro.....  
Do trovador o semblante  
É risonho.... o peito amante.

Elle é raio que fulmina  
A treda, horrenda impostura,  
Seu canto guia á ventura ;  
Seu canto a moral ensina :  
Se ao vicio declara guerra  
O vicio treme, se-aterra !

## III.

Canta, oh vate! sagrados são teus cantos!  
 Canta, que o céo te-inspira, o céo te-inflamma;  
 Canta, que a pezar seu, te-escuta o mundo.

(MAGALHÃES:—*Susp. Poet.*)

Per longos tempos  
 Sem um fanal d'esp'rança errante andaste  
 Tu—sublimado vate;—longes terras  
 Foragido da patria percorreste (\*)  
 Sosinho, sem conforto, e a par co'a lyra.  
 As grutas escutárão teus queixumes  
 Tuas canções de dôr; essas endeixas....  
 Lá ficárão gravadas:—oh! quem sabe,  
 Se algum Nume celeste—em lyra d'ouro  
 As-esteja cantando, e as lindas faces  
 De lagrymas saudosas abundando!....  
 Se os palmares te-ouvião—balouçavão,  
 Como se brandas, voltejantes auras  
 Os-fossem bafejar:—se mar em fóra,  
 Queixosos ais n'a lyra modulavas,  
 Das entranhas do pélagô—surgião  
 Mil formosas Sereias,—que seus cantos  
 Paravão, te-escutando:—os sons gementes,  
 Que teu divo instrumento desferia,  
 Erão sublimes notas, qu'ellas mesmas  
 Roubavão p'ra seus hymnos melodiosos.

O vate é Nume, é rei da Natureza....  
 Se ella está triste, o vate merencorio,  
 E se de estranhos mimos se-reveste,  
 De brilhantes imagens se-atavião  
 Seus primorosos cantos:—tão canóro  
 Dá Natureza as producções celebra,  
 E seus arcános investiga attento,—

(\*) Luiz de Camões.

Que é força exp'rimentar,.... sentir—ouvindo-o  
 N'alma um céu de prazer, um céu d'encantos.  
 Quand'extasis sublimes—o-arrebatão,  
 A contemplar as deleitosas noites,  
 As raras producções, que os céos enfeitão—  
 É Nume,—e não mortal—por Deos querido.

Se as pétalas da rosa desabroxião,  
 Se alborece a manhã serena, e pura,  
 Se formoso luar—a noite aclara,  
 Se as praias beijão—procellosas ondas,  
 S'entre seixinhos—placido serpeia  
 Cristallino regato,—tudo..... tudo  
 Canta na lyra o vate:—d'elle a mente  
 Não divaga somente sobre a terra....

Se sabio, e ousado astrónomo—arroubado,  
 Rasga co' um braço as nuvens,—e contempla  
 De immensos mundos o marchar constante,—  
 Inda mais alto o vate se-remonta:  
 Elle transpõem os astros, e perpassa  
 Os myst'riosos umbraes da eternidade!

Da Grecia as nove irmãs,—gentis donzellas—  
 Do vate nunca os cantos inspirárão:  
 Elle sim;.... sim, foi elle,—quem primeiro  
 De amores lhes-fallou:—formosas forão,  
 E capazes de amar, de ser amadas:  
 É Deos somente—quem o vate inspira,  
 Quem manda os anjos—afinar-lhe a lyra,  
 E a sua mente—ao mesmo céu remonta.  
 Oh! vate, quem és tu, quando tu cantas?  
 És o supremo sceptro da verdade,  
 És do mundo o valor, da vida o gosto,  
 És o divino escudo da virtude,  
 Barreira ingente, que se-oppõe ao erro.

(Continúa.)

## D. JOÃO D'ARIO.

(CONTINUAÇÃO.)

## ACTO I.—QUADRO II.

SCENA 12.<sup>a</sup>**Fernando, e Mariana** (*ambos entram pel-o lado direito.*)FERNANDO (*como continuando uma conversação.*)

Quanto não me-é odioso o nome de D. João d'Ario!.. (*Depois de leve silencio.*) Marianna, é necessario que elle se-levante orgulhoso á assomada de seus crimes, que elle dê largas ao seu coração perverso, para então a justiça divina fazel-o tragar todas as amarguras, para então desfechar-lhe um golpe de inteiro anniquillamento!....

MARIANNA.

Se não fosse o valor d'esse peregrino, á quem dei pousada, teria entrado per esta porta, e cravado-me o punhal n'ó coração.... Ah! D. João ja descobriu o refugio de sua victima.... infeliz Marianna!....

FERNANDO.

Nada temais.... estais em poder de Fernando, e não

n'os carcereos do vosso cobarde perseguidor... (*Depois de algum silencio.*) De ha muito que julguei ter-vos ja D. João assassinado!...

MARIANNA.

Não!—Quando á tres annos, Gil Vasco, illudindo as suas vigilancias, vos-conduzio á porta do carcere, em que tinha-me elle lançado, e onde vos-surprendeo, julgou-vos meu amante, e que pertendia trahil-o, evadindo-me..... Suas tyrannias tomárão força, e mais terrivel continuou a flagellar-me! A ideia de que D. João tivesse descarregado um golpe de morte sobre vós, me-horrorisava á cada instante....

FERNANDO.

Favorecido pel-a escuridão da noite alcancei o evadir-me pel-o muro do jardim.....

MARIANNA.

Mas o vosso completo desaparecimento veio dar maior força ás minhas tristes suspeitas....

FERNANDO.

Mandado a combater as forças da Hollanda, foi forçoso obedecer, visto ja não contar com a vossa vida, visto não poder abater o orgulho e poder de D. João, e o dever e a honra o obrigar-me a marchar..... (*Senta-se.*)

MARIANNA.

Nada d'isto pude saber; Gil, que servia a D. João, só com o fim de me-ser util, foi despedido brutalmente, e ameaçado pel-o meu perseguidor... Ah! todos os

momentos da minha vida, que se-seguirão então, forão terriveis!.... Cada instante era um tormento, que padecia, cada momento um calice de martyrio, que tragava té as fezes!.... A presença de D. João ja me-horrorisava tanto, que menos me-faria, se-visse o inferno aberto a meus pés!.. (*Depois de algum silencio.*) Corrêrão os tempos.... e ja poucas vezes descia D. João ao carcere em que me tinha lançado..... té que inteiramente deixou de o-fazer!..... Um criado, tão barbaro como elle, o-veio substituir!..... O fructo de minhas entranhas me-acompanhava n'os padecimentos.... (*Depois de leve silencio.*) O barbaro emissario de D. João esqueceu-se emfim de dar uma volta á chave de minha prisão.... evadi-me.... corri á casa em que sabia, que morava o velho Gil Vasco; acolheu-me entre lagrymas, participando-me de que ha pouco tempo tinheis chegado da guerra.... vós me-protegestes; mas inda temo a vingança de D. João....

FERNANDO (*erguendo-se.*)

Zombai da sua louca vingança!... D'aqui a uma hora estareis longe d'estes logares; em um outro, onde não possam penetrar as vistas do assassino do vosso irmão, e de vosso pai... Deixai a Fernando o cuidado de vingar-vos, Marianna, pois elle nunca consentirá que o opprobrio e a deshonra tomem assento n'o gremio de sua familia.... Vingar-me-hei de D. João; eu o-juro; ou levando-o ao cadafalso, ou fazendo derramar seu sangue em espadanas... eu o-juro pel-a cruz da minha espada de cavalleiro! Vou declarar, abertamente, guerra de morte á D. João, pois os triumphos alcançados pel-a minha espada, me-elevárão á uma posição, que me-faz, não atemorizado, ir derribal-o da grandeza e poder em que se-acha!... (*Ouve-se uma voz fóra cantar, acompanhada de um instrumento de corda, o seguinte:*)

Teme, teme, ingrata dama,  
 Minha vingança, e furor;  
 Que á meus pés verás de rôjo  
 Teu louco, e novo amator:  
 Serei, mais que nunca—agora  
 Teu cruel perseguidor.

Bem n'os intersolhos d'alma  
 Arde-me um zelo infernal;  
 Juro extingui-l-o com sangue  
 Do peito do meu rival,  
 Com o fio da minha espada,  
 Ou co'a ponta de um punhal.

*(Fernando, cruzando os braços, põe-se a passear n' o fundo do theatro, mostrando escutar com attenção.)*

Teme, teme, ingrata dama,  
 A minha indignação;  
 Não ficará sem castigo  
 Teu desamor e traição;  
 Irei banhar-me em teu sangue,  
 Traspassar-te o coração.

*(Marianna mostra grande terror, em quanto Fernando, possuido de raiva, e pondo de instante a instante a mão sobre o punho da espada, como intentando tiral-a, continúa a passear. A voz prosegue:)*

Nos braços de meu rival  
 Não te-hei de ver repousar;  
 Que lá mesmo, ardendo em zelos  
 Te-irei a vida arrancar:  
 Teme, teme, ingrata dama;  
 Que de ti me-hei de vingar.

*(A voz deixa de cantar: e Marianna, possuida de terror, deixa-se cahir sobre uma cadeira, em quanto Fernando, conservando a mesma posição per algum tempo, volta para ella, com um sorriso de indignação n'os labios.)*

Estas palavras de vingança são dirigidas contra mim e contra vós, senhora: é o mesmo D. João, que as profere:—louco que é elle!... (*Marianna ergue-se.*) Não receeis o mais leve perigo, que, em quanto existir em Fernando uma gota de sangue, D. João não se-atreverá a fazer-vos a minima offensa....(*O Mendigo entra pel-o lado direito.*)

SCENA 13.<sup>a</sup>

**O Mendigo, Marianna e Fernando.**

O MENDIGO (*entrando.*)

Maldição sobre D. João!!.... (*Ouve-se uma gargalhada vinda do fundo.*) É D. João!.... (*Todos recuão espantados; e o Mendigo caminhando para a porta do fundo, desapparece, tendo n'a mão uma espada.*)

FERNANDO.

É este o Mendigo!...! (*Marianna corre vistas espantadas em derredor, e Fernando, com a mão sobre a espada, está voltado para o fundo do theatro, com as vistas empregadas n'a porta. Do lado direito apparecem Gil Vasco, e Fabio.*)

SCENA 14.<sup>a</sup>

**Fernando, Marianna, Gil, e Fabio.**

GIL VASCO (*entrando.*)

Eis o vosso filho, senhora! (*Ouve-se fóra o tinir de ferro. Fernando que escuta com attenção, desembaiha a metade da espada.*)



MARIANNA (*com excesso de ternura, corre a abraçar o filho.*)

Fabio! Fabio!... (*O ruido continúa mais intenso.*)

FABIO (*lançando-se n'os braços da mãe.*)

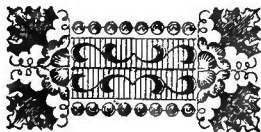
Minha mãe! Minha mãe!... (*O ruido se-aproxima.*)

FERNANDO.

É o Mendigo.... é D. João! (*Desembainhando a espada, desaparece. Ha grande terror em Gil Vasco, e Marianna.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

(*Continúa.*)



---

## SCIENCIA.

---

### AURORA BOREAL.

.....

**A**URORA boreal perfeita observa-se com frequencia n'as proximidades d'os pólos, poucas horas depois do pôr do sol. Ahi ella é precedida por um nevoeiro esbranquiçado, de uma fôrma regular, proxivamente a de um segmento de circulo, cuja corda é o horisonte: este nevoeiro occupa o norte, mas inclina-se um pouco para o occidente. Pouco depois um traço luminoso, ou muitos traços concentricos separados por linhas obscuras, apparecem limitando o nevoeiro. É d'este arco que partem por intervallos jactos de luz, ou antes columnas de fogo que se-perdem n'o espaço. Uma oscilação geral acompanha ordinariamente o desenvolvimento do phenomeno; de modo que parece que uma tempestade sacode as columnas d'aquelle templo de fogo, que se-ergue sobre o horisonte. Então largas fendas se-abrem de um ao ou outro extremo do segmento luminoso; relampagos entre-cruzados cortão o meteóro; e uma corôa de fogo se-fôrma n'o zenith, para onde convergem linhas inflammadas. Quando o phenomeno attinge este estado de magnificencia, é o mais sublime spectaculo que os homens podem admirar; não só pel-a multiplicidade e belleza das figuras que apresenta, mas sobre tudo pel-o brilho e colorido da luz, de que é formado.

Passado este periodo o phenomeno começa a diminuir, a perder-se e a confundir-se n'ó céo até desaparecer totalmente.

A aurora boreal, que nós observamos, não se-manifestou tão completa como estas que se-vêem n'as regiões boreaes: comtudo foi notavel a intensidade da luz das columnas que se-elevárão sobre o segmento que repousava n'ó horisonte do lado do norte; a oscillação, que as-agitava, dava ao espectaculo uma grande belleza.

As auroras boreaes forão tidas pel-os antigos em geral como prognosticos de grandes acontecimentos: Lucano descreve uma n'os seguintes versos :

Ignota obscure viderunt sidera noctes,  
Ardentemque Polum flammis, cœloque volantes  
Obliquas per inane faces. . . . .  
(PHARS., liv. I.)

N'os tempos modernos o primeiro sabio que fallou d'este meteóro, como simples observador, foi Cassendi, que nos-deixou descripta uma aurora boreal, que foi n'ó seu tempo observada simultaneamente em França, n'a Syria, em Alepó, isto é, em mais de 700 legoas da terra de este a oeste.

Foi mais tarde que se-reconheceu que este phenomeno não era privativo do pólo norte; n'ó pólo sul tambem elle foi observado por varios viajantes. A multiplicidade das observações deu em resultado a multiplicidade das theorias para as-explicar; sem que nenhuma, comtudo, das que até hoje tem sido imaginadas, possa ser considerada como inteiramente satisfactoria.

Daremos conta aqui das mais importantes. A primeira explicação que se-deu da aurora boreal foi a que adoptárão Lemonier e Muschenbroeck; consistia em suppor que n'a região media da atmosphaera se-reunião vapores, cuja mixtura dava em resultado labaredas, e

detonações. Halley attribuiu o phenomeno a turbilhões magneticos, que corrião do norte para o sul.

Miran suppoz o sol centro de uma immensa atmosphaera luminosa de extrema tenuidade, e admittiu que a aurora boreal não era mais do que uma porção dessa atmosphaera, que entrava n'a atmosphaera terrestre.

Euler refutando esta theoria propõe outra ainda menos rasoavel; segundo este illustre naturalista os raios do sol sendo dotados de uma força de impulsão desta-cão particulas da nossa atmosphaera que se-espalhão n'o espaço, e que se-tornão luminosas per reflexão, dando assim origem ás auroras.

N'algum tempo suppoz-se este phenomeno resultado da reflexão dos raios solares n'os gelos circumpolares. O abbade Hell escreveu que a aurora era originada pela refração dos raios solares e lunares, e pel-a reflexão em nuvens formadas de particulas de neve.

Foi em 1740 que se-notou que este meteóro influa poderosamente n'as agulhas magneticas; então se-propoz a explicação electrica fundada n'os seguintes factos:—1.º A electricidade n'o vacuo tem as mesmas apparencias luminosas que n'a *aurora boreal*:—2.º O ar tornando-se menos denso n'as grandes alturas, as descargas electricas n'as regiões superiores devem apresentar as mesmas apparencias que n'os tubos cheios de ar rarefeito. D'então para cá todos os philosophos que têm tratado das auroras boreaes têm admittido a influencia electrica.

A hypothese mais estravagante é sem nenhuma duvida a que Libes deu n'o começo d'este seculo: este professor attribue á aurora a combinação que tem logar n'os pólos pel-a influencia da electricidade do azote com o oxygenio; formando-se o acido hypo-azotico, que dá vapores rutilantes.

Biot, o celebre physico francez, tambem depois da sua viagem em 1817 ás ilhas Shetland, propoz a seguinte theoria.

Depois de estabelecer que a aurora tem logar dentro n'a nossa atmosphaera, Biot faz notar que ella é, em resumo, composta de verdadeiras nuvens, formadas de elementos tenues e luminosos, que fluctuão n'os ares, e tomão a direcção da agulha magnetica.

—« Entre as substancias terrosas, diz depois Biot, não conhecemos até hoje senão os metaes, cujas particulas sejam susceptiveis de magnetismo; esta propriedade é mesmo particular a alguns metaes só. É pois verosimil que os elementos, que compoem as nuvens, são, ao menos em grande parte, compostos de particulas metalicas reduzidas á uma extrema tenuidade; mas d'isto resulta logo uma outra consequencia. Sabe-se que todos os metaes conhecidos são excellentes conductores do fluido electrico; ora as diversas camadas que compoem a atmosphaera estão habitualmente carregadas de quantidades muito desiguaes de electricidade... Se pois columnas, compostas em parte de elementos metalicos, se-achão suspensas verticalmente n'a atmosphaera, como o-são as columnas da aurora boreal, quando fluctuão ácima das regiões mais visinhas do pólo, a electricidade das camadas de ar situadas n'o cimo, e n'a base das columnas, achará n'ellas outros tantos conductores mais ou menos perfeitos; e se a tendencia d'esta electricidade, para se-derramar uniformemente, excede á resistencia, que a imperfeição das columnas conductoras lhe-offerece, ella correrá ao longo d'estas columnas illuminando a sua estrada, como nós vemos que acontece em geral com conductores descontínuos.»

Para explicar o modo perque estas nuvens de natureza metalica se-formão n'as proximidades dos pólos, e d'ahi se-espalhão n'o resto da atmosphaera, e para dar razão dos jactos luminosos, que partem da nuvem central, Biot escreveu o seguinte:

—« . os paizes septentrionaes têm sido em todos os tempos, como ainda hoje o-são, muito sujeitos a erupções vulcanicas. Muitos dos vulcões visinhos do pó-

lo estão em actividade em torno da zona, onde se-ácha o pólo magnetico. »

O author analysa depois a natureza das substancias que sahem dos vulcões, e prova que ellas podem ser levadas a immensas distancias pel-o impulso das correntes de ar. É n'ó incendio d'estas nuvens produzido por fortes descargas electrias que Biot attribue os jactos luminosos.

Esta theoria foi tambem refutada como as outras. Becquerel provou que as substancias arremeçadas dos vulcões não são metallicas, mas sim vitrosas, e sem conductibilidade.

Seja qual fôr a explicação da aurora boreal, o que é certo é que este meteóro está intimamente ligado com o magnetismo terrestre. Aragô notou que a agulha magnetica se-desviava da sua posição logo n'a manhã dos dias, em que apparece alguma aurora boreal em Paris.

Um maior numero de observações são ainda necessarias para que se-possa atinar com a verdadeira causa d'este magnifico phenomeno.

1848.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.



---

## VARIEDADES.

---

### NOTICIA BIOGRAPHICA

**De D. Maria Ursula de Abreu Lencastre.**

OS antigos chronistas portuguezes que se-esquecêrão de nos-transmittir os nomes d'essas illustres guerreiras brasilicas, que n'ò ataque de Porto Calvo, ao mando de D. Clara Filippa Camarão, arrostrárão os perigos da guerra, barateapdo a vida pol-a patria, pelejando contra as numerosa tropas de João Mauricio de Nasseau; os antigos chronistas que se-esquecêrão de nos-transmittir os nomes d'essas illustres guerreiras brasilicas, que n'ò ataque de Tejacupapo, n'a povoação de S. Lourenço, capitaneadas pel-o bravo sargento-mór Agostinho Nunes, derrotárão os batalhões dos invasores hollandezes, nos-legárão todavia o nome de uma famosa brasileira, que assás distinguiu-se n'a carreira das armas, e que muito honra ao bello sexo brasileiro:—D. Maria Ursula de Abreu Lencastre.

Nascida n'ò Rio de Janeiro, n'os ultimos annos do XVII seculo, dotada de indole extremamente bellicosa, de coração varonil, contava D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, apenas 18 annos de idade, quando ardendo n'ò desejo de assignalar-se n'os campos da guerra, abandonou a casa paterna, fugiu aos braços de seu velho pai João de Abreu de Oliveira, e embarcou-se para

Lisboa, onde n'ò dia 1.º de setembro de 1700, assentando praça de soldado sob o nome de Balthazar do Couto Cardozo, passou ao estado da India.

Foi n'essa celebrada parte do mundo, theatro de brilhantes feitos de tantos cabos portuguezes, que vasta carreira de gloria se-abriu ao joven *Balthazar do Couto Cardozo*. Longo seria mencionar as proezas que obrára, os combates em que se-achára, e o modo com que n'elles se-portára; contentamo-nos pois com apontar que n'ò assalto á fortaleza de Amboina foi um dos soldados que primeiro ousárão de entral-a, e havendo-se tornado digno de galardão pel-o animo e valor que mostrára n'a tomada das ilhas de Corjuem e Panelem, que o vice-rei Caetano de Mello e Castro ganhou a Toudon Saunto Bransulo Saderrai das terras de Cuddale; foi nomeado cabo do baloarte da Madre de Deus n'a fortaleza de Chaul, onde prestou relevantes serviços.

Em 12 de maio de 1714 obteve baixa de seu posto, e trocando a vida guerreira pel-a pacifica, desposou o valente Affonso Teixeira Arraes de Mello, que annos antes havia sido governador do forte de S. João Baptista n'a ilha de Gôa.

Tendo servido ao estado pel-o espaço de treze annos, oito mezes e treze dias, assignalando-se sempre pel-o seu valor, o rei D. João V não quiz deixar de remunerar os importantes serviços de tão briosa heroína, e por despacho de 8 de março de 1718 lhe-fez mercê do paço de Panguim pel-o tempo de seis annos, e de um xerafim por dia, pago n'a alfandega de Gôa, com a faculdade de testar em seus descendentes, e, n'a falta d'estes, em quem bem lhe-parecesse. Ahi expirou ella coberta das bençãos de seus contemporaneos, rodeada de homenagens, conservando em toda a vida, como que para lembrança de seus feitos brilhantes, tanto o trajó varonil como a espada, testemunho de seu heroismo.

Tal foi D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, distincta senhora fluminense, de quem fazem particular men-



ção de Froes Perim n'ò *Theatro heroico*, tom. 11 pag. 257; Francisco de Santa Maria n'ò *Anno historico*, tomo 1, pag. 415; e Balthazar da Silva Lisboa em suas noticias manuscriptas sobre os brasileiros illustres, e d'essas obras nos-servimos para a composição d'esta noticia biographica.

J. NORBERTO DE S. S.



### **Novo instrumento para escrever.**

**D**ESTE instrumento é de origem ingleza, importado em França por Mr. Hoyou, e por elle denominado—*Encrier plume*;—contém em si tinta sufficiente para escrever 12 a 15 horas successivas, e mette-se n'a algibeira, sem risco de sujar os vestidos, ou de entornar-se.

Compõe-se este pequeno instrumento de um cylindro ouco de metal, ordinariamente prata, ou casquinha, munido de uma parte de penna ordinaria, ou metallica, e que pôde renovar-se á vontade; o tubo communica á penna por meio de aurificio capillar, que se fecha com uma pequena torneira, que existe junto d'ella; aberta a torneirinha a tinta é obrigada a descer quando se-carrega em um botão lateral, que existe n'ò lado do cylindro, e que transmite a pressão ao liquido n'elle contido:—todas as vezes que a penna se seca carrega-se n'ò botão, e continua-se a escrever, acabado o que fecha-se a pequena torneira, cobre-se o bico com um pequeno tubo, que parafusa n'a penna, e pôde levar-se sem susto em toda a parte. Para renovar a tinta, tira-se uma rolha n'a extremidade superior do

tubo, e introduzida a tinta, torna-se a fechar. Se por acaso algum corpo estranho obstrue o tubo capillar, remove-se com a introdução do bico de uma agulha fina.

---

### **Heroismo de Maria de Sousa.**

**E**STA grande heroína, que tanto padeceu n'a guerra da Hollanda com o Brasil—era uma das mais illustres, e respeitaveis matronas da provincia de Pernambuco.

Essa guerra que tantas vidas arrebatou, que tantas fadigas custou—não pôde deixar de levar n'ô impeto de sua carreira as vidas de dous filhos, e um genro, d'esta magnanima heroína, em quanto que preparava um golpe para um seu terceiro filho—que teve de em breve se-desfeixar.

Quando lhe-annunciárão esta nova desdita—pensais que as lagrimas lhe-saltárão dos olhos em borbotões? Pensais que a heroína succumbio ao peso de tantas desditas?—Não: voltou-se para outros dous filhos, que inda lhe-restavão; um de idade de quatorze annos, e o outro de treze, e lhes-fallou n'estes termos: « vosso irmão Estevão acaba de ser morto pel-os hollandezes; cumpre que prehenchais os deveres, que a religião, o rei, e a patria impoem á nobreza portugueza. Arrancai as vossas espadas, e lançai longe de vós as bainhas; recordai-vos porém do luctuoso dia em que tomastes armas, e não combatais por desesperação; pugnai somente pel-a honra, e pel-a vingança, Succumbindo, ou vingando a morte de vossos irmãos, reflecti que

trabalhais por ser d'elles dignos, e d'aquella, que vos-deu o ser. »

Pernambuco foi n'õ tempo da guerra com o Principe de Nasseaou um theatro, onde se-representarão muitas d'estas scenas ; muitas mulheres, impunhando espadas, fizerão sentir ao infiel hollandez a fortidão de seus braços, e a coragem que as-animava. A vista de tantos exemplos será tão fragil o bello sexo, como muitos o-tem pintado?...

Ouvi ; —Ariosto é quem o-diz.

« As mulheres sempre fizerão maravilhas de Marte e de Apollo ; sua gloria corusca por todo o mundo. Arpalica e Cornella são celebres por sua destreza n'os combates, —Sapho, e Corina pel-o seu talento n'as sciencias. Qualquer arte á que se-tenhão applicado, ellas a tem levado ao galarim ; a historia õ-confirma, e se o mundo não as-tem visto apparecer em todas as epochas é porque talvez a inveja, ou a ignorancia dos escriptores tenha occulto os seus merecimentos. »

(J. M. P. A.)





